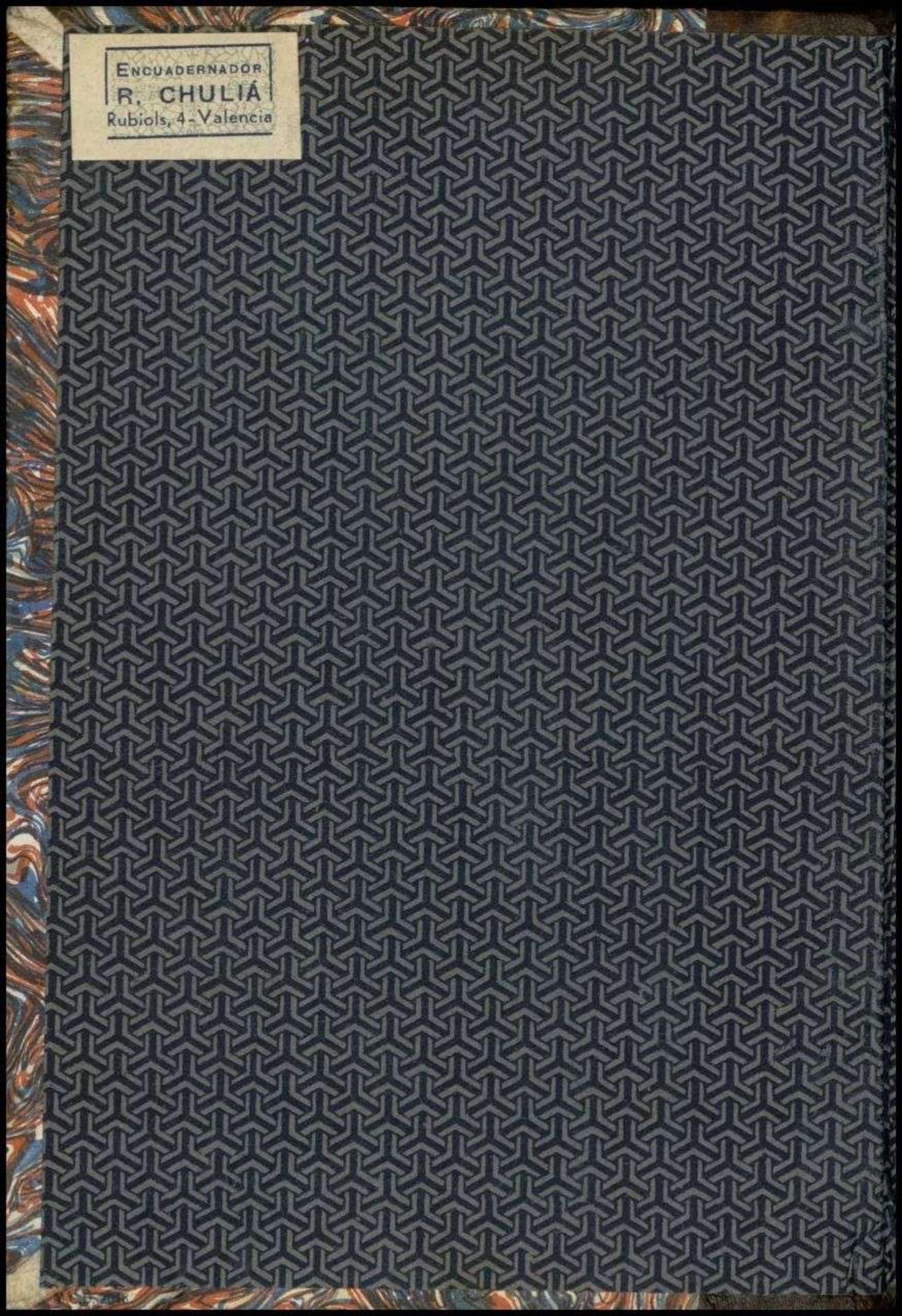
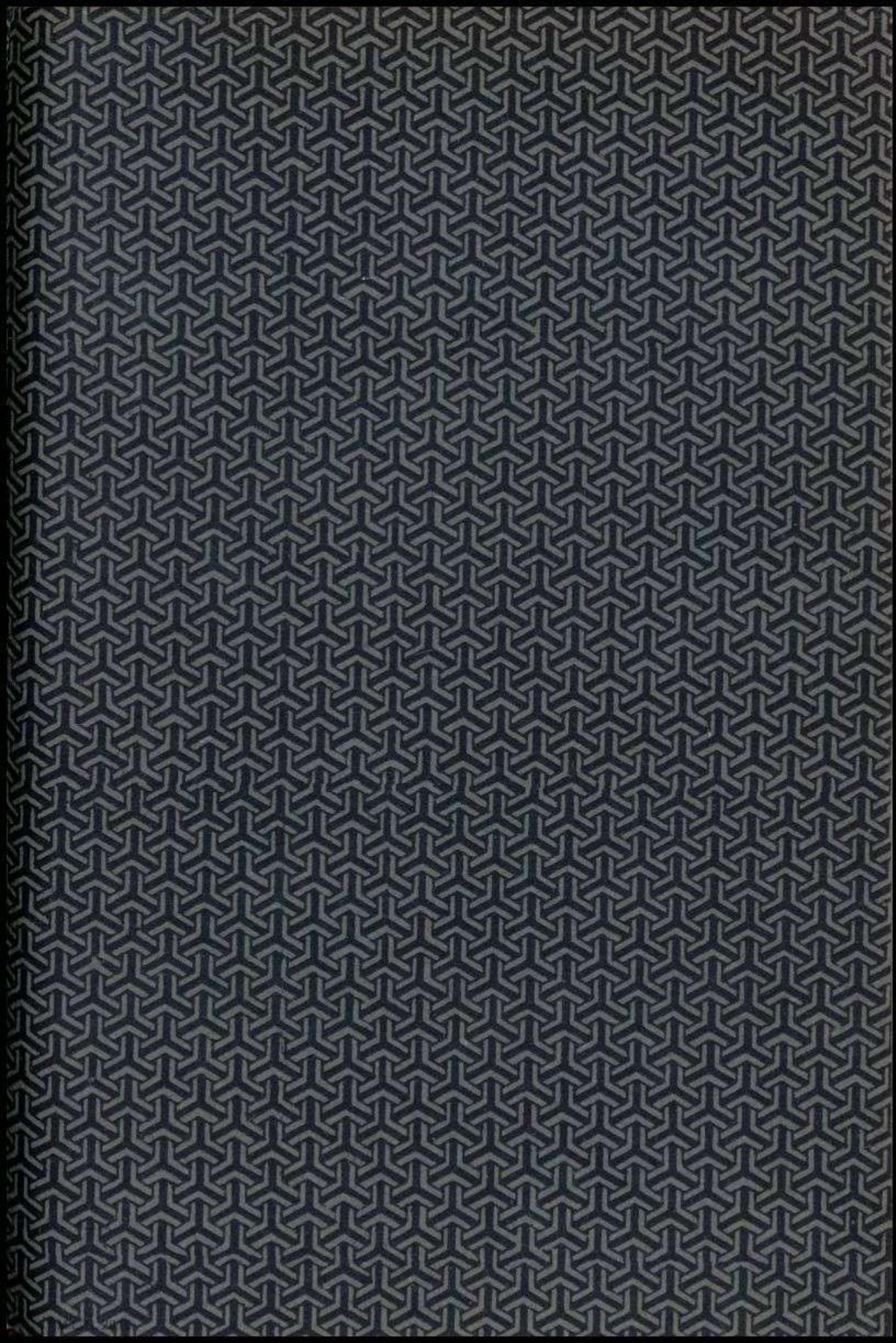


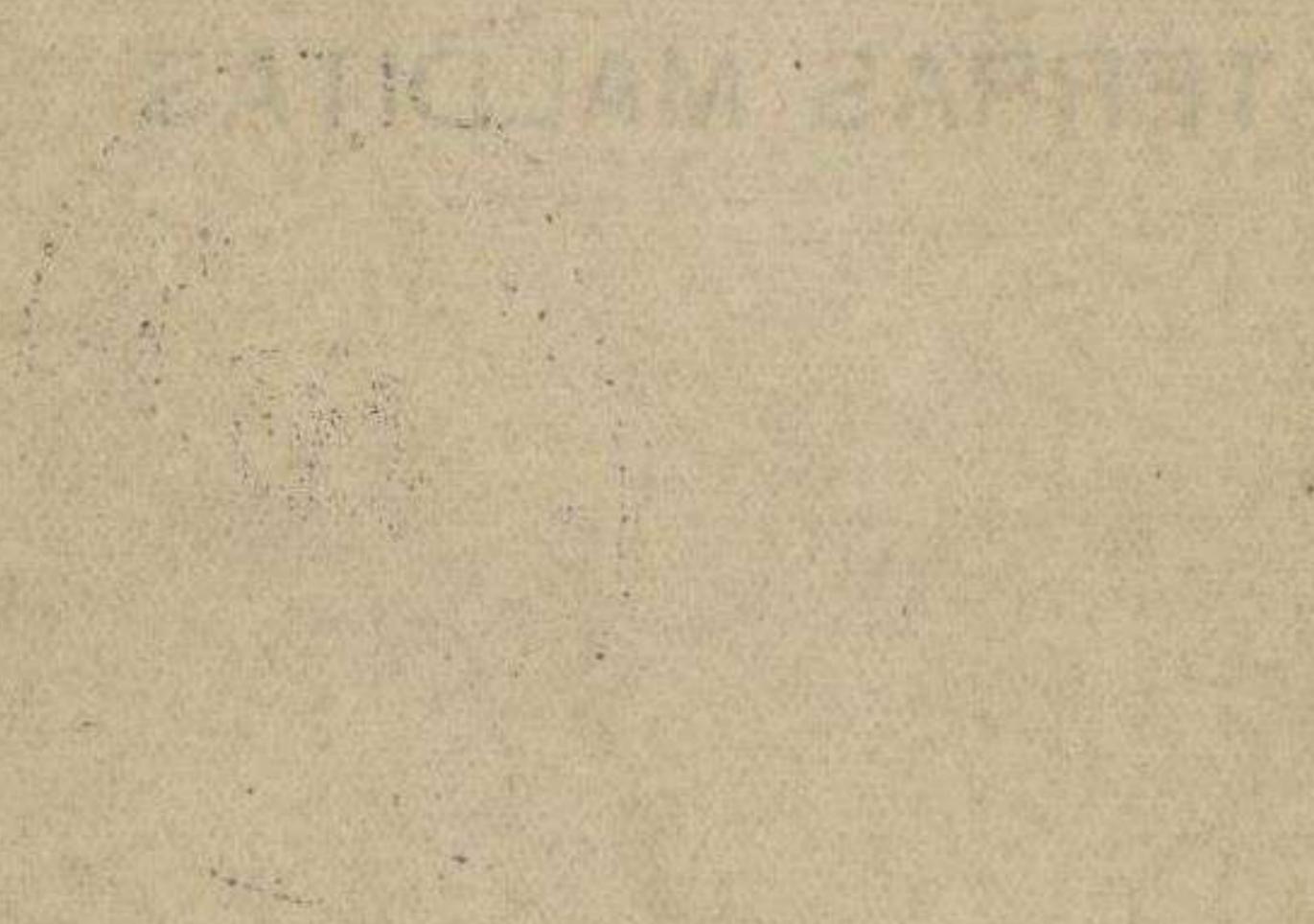
ENCUADERNADOR
R. CHULIÁ
Rubiols, 4 - Valencia





MB-Y
68

TERRAS MALDITAS



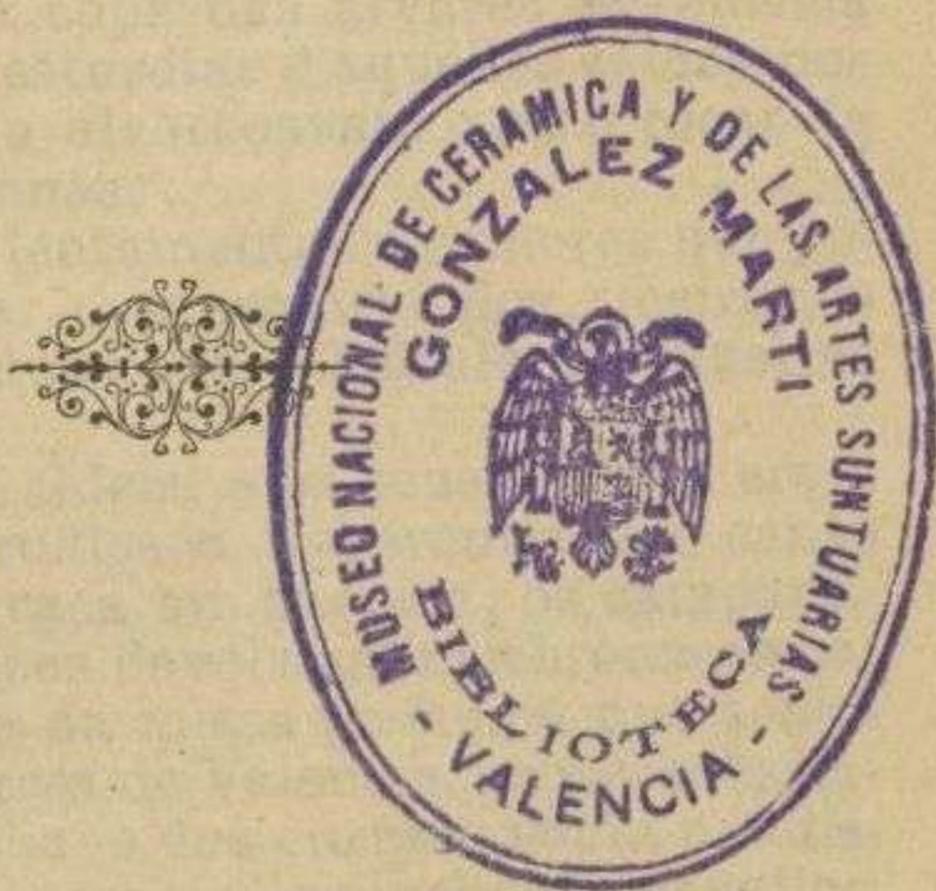
B. 10842

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

TERRAS MALDITAS

TRADUCCÃO DE

Napoleão Toscano



LISBOA

“A EDITORA”

Conde Barão, 50

1903

VICENTE BLASCO IBÁÑEZ

TERRAS MALDITAS

LIBRO DE

Napoleón Tescano



LIBRO

A. EDITORIAL

Calle de...

1893

I
Espreguiçava se a immensa veiga sob o resplendor azulado do amanhecer, ampla faixa de luz que despontava do lado do mar.

Os ultimos rouxinoes, cansados de animar com seus trinos aquella noite de outomno que, pela tibieza do ambiente, parecia de primavera, soltavam o gorgueio final como se os ferisse a luz d'alva com seus reflexos de aço.

Da colmada suspensa das barracas sahiam bandos de pardaes qual tropel de rapinantes perseguidos, e a copa das arvores estremecia com o primeiro esturdiar d'aquelles valdevinos do espaço, que a alvoroçavam com o roçar da sua blusa de pennas.

Apagavam-se lentamente os rumores que povoavam a noite: o murmurio dos ribeiros, o sussurro dos cannaviaes, o ladrido dos mastins vigilantes.

Despertava a aldeia, e os seus bocejos eram cada vez mais ruidosos. Repercutia-se o canto do gallo de barraca em barraca; os campanarios das povoações devolviam nas bronzeas badaladas o toque da missa primeira, que soava ao longe nas torres de Valencia, azues, esfumadas pela distancia, e dos curraes sahia um discordante concerto animal, relinchos de cavallos, mugidos de mansas vaccas, cacarejos de gallinhas, balidos de ovelhas, grunhidos de porcos, o despertar rumoroso das bestas, que, ao sentirem a fresca caricia da madrugada cheia de acre perfume da vegetação, desejavam correr pelos campos.

Empapava-se de luz o espaço; dissolviam-se

as sombras como que tragadas pelos abertos sulcos e massas de folhagem, e na indecisa nebrina do amanhecer, iam fixando seus contornos humidos e brilhantes as filas de amoreiras e arvores de fructo, as ondulantes linhas de cannas, as grandes leiras de hortaliças semelhantes a enormes lenços verdes, a terra vermelha cuidadosamente lavrada.

Nos caminhos, marcavam-se filas de pontos negros e móveis como carreiros de formigas que caminhavam para a cidade. Por todos os extremos da veiga soava o echiar de rodas, canções preguiçosas interrompidas pelo grito do tanger das bestas, e de vez em vez, como sonora buziada do amanhecer, rasgava o espaço um furioso zurro do quadrupede pária, como protesto do pesado trabalho que cahia sobre elle, apenas era nado o dia.

Nos ribeiros, agitava-se a limpida lâmina de crystal avermelhado com sonorosos marulhos, que faziam calar as rãs e o ruidoso bater de azas; e como galeras de marfim, avançavam os patos, movendo, quaes phantasticas prôas, seus collos de serpente.

A vida, que com a luz inundava a veiga, penetrava no interior das barracas e das granjas.

Chiavam as portas ao abrirem-se, viam-se sob as latadas figuras brancas espreguiçando-se de mãos atrás da nuca olhando o illuminado horizonte; escancaravam-se de par em par os estabulos vomitando para a cidade as vaccas leiteiras, os rebanhos de cabras, as azemolas dos estrumeiros; detrás das cortinas de piteiras que guarneciam os caminhos, vibravam chocalhos e campainhas, e entre a alegre guizalhada soava o energico *arre, aqui!* animando as alimarias teimosas.

A's portas das barracas saudavam-se os que iam para a cidade e os que ficavam a trabalhar nos campos.

— Bom dia nos dê Deus!

— Bom dia!

E atrás d'esta saudação, trocada com toda a gravidade de gente campezina que tem nas veias sangue mourisco e só pode falar de Deus com modo solemne, fazia-se o silencio, se o que passava era um desconhecido; e se era intimo, encarregavam-n'o da compra, em Valencia, de miudezas para a mulher e para casa.

Era já dia claro.

Limpara-se o espaço das ténues nebrinas, transpiração nocturna dos humidos campos e dos rumorosos ribeiros; ia rompendo o sol; nas avermelhadas regueiras saltavam as calandras com a alegria de viverem mais um dia; e os travessos pardaes, poisando nas janellas ainda fechadas, debicavam a madeira, dizendo a quem estava dentro com o seu chilreio de vagabundos parasitas: "Arriba, preguiçosos! Toca a amanhar a terra para nós comermos!"

Na barraca de Toni, conhecido em toda a redondeza por *Pimentó*, acabava de entrar sua mulher Pepeta, resistente creatura de carne alvacenta e flaccida em plena juventude, minada pela anemia e que era sem embargo a femea mais trabalhadeira de toda a aldeia.

Ao amanhecer, estava já de volta do mercado. Erguia-se ás tres, carregava com as gigas de hortaliça colhida por Toni na noite anterior, entre pragas e promessas contra uma má vida em que tanto se trabalha, e seguindo ás apaldadelas pelos carreiros, guiando-se na escuridão como boa filha da aldeia, caminhava para Valencia, emtanto que o marido, aquelle bom moço que tão caro lhe custava, continuava roncando no confortavel ninho, muito bem aconchegado nas mantas do leito matrimonial.

Os que compravam a hortaliça por junto, para revender, conheciam bem aquella mulherzinha, que, antes de amanhecer, estava já no

mercado de Valencia, sentada nos seus gigos, tiritando sob o delgado e roído chale, olhando com inveja, que passava despercebida, os que bebiam uma chicara de café para combater o fresco da manhã: esperando com paciencia de besta submissa que lhe dessem pela hortaliça o dinheiro que tinha fixado em seus complicados cálculos para manter Toni e sustentar a casa.

Depois da venda, outra vez para a barraca, correndo apressada para fazer o caminho n'uma hora.

Entrava de novo em funcções para explorar uma segunda industria: atrás da hortaliça o leite. E agarrando no cabresto da loira vacca, que levava preso á cauda, como amoroso satellite, o vitellino brincão, voltava para a cidade, com a vara debaixo do braço e a medida de estanho para servir os freguezes.

A *Ruiva*, que assim chamavam á vacca pela sua fulva pelagem, mugia docemente, estremecendo sob a gualdrapa de serapilheira, ferida pelo fresco da manhã, volvendo seus olhos humidos para a barraca, que ficava atrás com o seu escuro curral de ambiente pesado, em cuja olorosa palha pensava, com a voluptuosidade do sonho não realisado.

Pepeta tocava-a com a vara: se chegasse tarde os freguezes queixar-se-hiam. E a vacca e o vitellino trotavam pelo meio do caminho de Alboraya, emmaranhado, lamacento, sulcado de profundos rodeiros.

Pelo cimo dos outeiros, com um braço na cesta e o outro baloiçando, passavam os interminaveis cordões de cigarreiras e fiandeiras de sêda, toda a raparigada da aldeia que ia para as fabricas, deixando com o bambolear das saias um rastro de castidade rude e aspera.

Espargia-se pelos campos a benção de Deus. Por detrás das arvores e das casas que fechavam o horizonte, rompia o sol como enorme

obreia vermelha, dardejando horizontaes agulhas de ouro que obrigavam a tapar os olhos. As montanhas afastadas e as torres da cidade tomavam uma tinta rosada; as nuvensinhas que vogavam pelo céo coloriam-se como madeixas de sêda carmezim; e os ribeiros e os charcos do caminho pareciam povoar-se de peixes de fogo; soava no interior das barracas o varrer da vassoura, o tenir da louça, todos os ruidos da limpeza matinal; as mulheres agachavam-se nos vallados tendo ao lado o cesto da roupa para lavar; saltavam nos carreiros os pardos coelhos com o seu sorriso astuto, mostrando, ao fugirem, as rosadas nadeegas divididas pelo rabicho, e sobre as montureiras o gallo, rodeado de suas mansas odaliscas, soltava um grito de sultão irritado, com os olhos ardentes e vermelhos de raiva.

Pepeta, insensível áquelle despertar que presenciava todos os dias, continuava seu caminho cada vez mais apressada, o estomago vazio, as pernas doridas, e com as pobres roupas de baixo impregnadas de um suor de fraqueza proprio de seu sangue branco e dessorado, porque fugia ao preciso durante semanas inteiras, em contravenção das regras da natureza.

A avalanche de gente laboriosa que entrava em Valencia enchia as pontes. Pepeta passou por entre os operarios dos arrabaldes que chegavam com o saquitel do almoço ao pescoço, deteve-se no posto fiscal para pagar os direitos de consumo, — uns tantos réis que todos os dias lhe cahiam no gôtto, — e metteu-se pelas ruas desertas que animava o chocalho da *Ruiva* com monotona melodia bucolica, fazendo sonhar os adormecidos burguezes com verdes prados e scenas idyllicas de pastores.

Pepeta tinha freguezes em toda a cidade. Era seu caminho uma arrevezada peregrinação pelas ruas detendo-se ante as cerradas portas; uma

aldravada aqui, tres e repique mais além, e sempre sem interrupção o estridente grito agudo que parecia impossivel sahisse de seu pobre e raso peito. — “Leite!”

E de jarro na mão, vinha abaixo a creada desgrenhada, em chinelas e com os olhos inchados tomar o leite, ou a velha porteira com a mantilha que puzera para ir á missa.

A's oito horas, estavam servidos todos os freguezes. Pepeta achava se cêrca do bairro dos Pescadores.

Tambem alli vendia: e a pobre lavradeira entrou valorosamente nos sordidos becos, que pareciam mortos áquella hora. Ao entrar, sentia sempre um certo desassocego, uma repugnancia instinctiva de estomago delicado; porém o seu espirito de mulher honrada e doente sabia dominar-se e proseguia com certa altivez satisfeita, com o orgulho de femea casta; consolando-se ao ver que ella, debil e abatida pela miseria, era todavia superior ás outras.

Das cerradas e silenciosas casas sahia o halito da crápula barata, ruidosa e sem disfarce; um cheiro a carne guisada e putrefacta, a vinho e a suor; e pelas frinchas das portas parecia escapar-se a respiração entrecortada e brutal de somno esmagador, depois de uma noite de caricias de fera e caprichos amorosos de borracho.

Pepeta ouviu que a chamavam. A' porta d'uma escadita, fazia-lhe signal um mocetona, de seios ao léo, feia, sem outro encanto que o de uma juventude prestes a desapparecer; os olhos humidos, o topete á banda, e, nas faces, manchas do arrebique da noite anterior; uma caricatura, um palhaço do vicio.

A lavradeira, apertando os labios com um tregeito de orgulho e desdem para que as distancias ficassem bem marcadas, começou a ordenhar os uberes da *Ruiva* dentro da caneca

que lhe deu a môça. Esta não desviou a vista da lavradeira.

— Pepeta — disse com accento indeciso, como se não tivesse a certeza de que era a propria.

Pepeta ergueu a cabeça; pela primeira vez fixou os olhos na mulherzinha, e tambem pareceu duvidar.

— Rosaria... és tu?

Sim, era ella; affirmava-o com tristes movimentos de cabeça. E Pepeta logo manifestou sua estranheza. Ella alli! Filha de paes tão honrados! Que vergonha, Senhor!...

A infeliz, por hábito do officio, tentou acolher com cynico sorriso, com a expressão de quem está no segredo da vida e não crê em nada, aquellas exclamações da escandalisada lavradeira, porém a fixidez do claro olhar de Pepeta pareceu envergonhal-a, e baixou a cabeça como se estivesse chorando.

Não; ella não era má. Trabalhando nas fabricas, fôra creada de servir, mas porfim suas irmãs deram-lhe o exemplo, cansadas de soffrer fome, e alli estava recebendo umas vezes carinhos outras bofetadas, até acabar por uma vez. Era natural: onde não ha pae nem mãe, a familia termina assim. De tudo tinha a culpa o senhorio da terra, um tal D. Salvador, que de certo ardia nos infernos. Ah ladrão!... É como perdeu a familia!

Pepeta esqueceu a sua attitudo fria e reservada para juntar-se á indignação da rapariga. Era verdade, tudo verdade: quem tinha a culpa era aquelle tio avarento. Sabia-o a aldeia inteira. Valha-me Deus! e como se perde uma familia. Tão bom que era o *tio Barret*! Se elle voltasse cá e visse suas filhas!... Lá já sabiam que o pobre pae morrera em Ceuta, havia dois annos: e, quanto á mãe, a infeliz velha acabara de padecer n'um catre do hospital. As voltas que o mundo dá em dez annos! Quem havia de

dizer a ella e a suas irmãs, que viviam em sua casa como rainhas, que acabariam d'aquelle modo? Senhor! Senhor! Livrae-nos de gente má!...

Rosario animava-se com a conversação; parecia rejuvenescer perante aquella amiga de infancia. Seus olhos, antes mortiços, chispavam ao recordar o passado. E a sua barraca? e as terras? Continuavam abandonadas, era verdade?... Agradava-lhe isso: que rebentassem os filhos do biltre D. Salvador. Era a unica coisa que a consolava: estava muito agradecida a *Pimentó* e a todos de lá por terem impedido que outros entrassem a amanhar o que de direito pertencia á familia. E se alguém quizesse apoderar-se d'aquillo, já era sabido o remedio... *Pum!*... Um tiro que lhe desfizesse a cabeça.

A môça encolerisava-se: brilhavam-lhe os olhos com chispas de ferocidade: resuscitava n'ella, besta paciente habituada a pancadas, a filha da aldeia que desde o nascer vê a escopeta carregada atrás da porta e nos dias de festa aspira com delicia o fumo da polvora.

Depois de falar do triste passado, a despertada curiosidade de Rosario começou de perguntar por todos os de lá e acabou por fixar-se em Pepeta. Pobresita! Bem se via que não era feliz. Joven ainda, só revelavam a sua idade aquelles grandes olhos claros de virgem, innocentolas e timidos. O corpo, um perfeito esqueleto; e no cabello loiro, como uma estriga de linho, appareciam já as cans aos punhados antes dos trinta annos. Que vida lhe dava *Pimentó*? sempre o mesmo borrachão e fugindo ao trabalho? Ella assim o quiz casando-se contra os conselhos de toda a gente. Bom môço, isso sim: todos o temiam na taberna de *Copa* aos domingos de tarde, quando jogava a bola com os mais pimpões da aldeia; mas em casa devia ser um marido insupportavel. Comtudo, reparando-se bem, todos os homens eram assim.

Se o não havia de saber! Uns perros que não mereciam que se olhasse para elles. Filha! e como a pobre Pepeta estava decahida!

Um vozeirão de estentor baixou como um trovão pelo vão da escadita.

— Elisa!... Traze depressa o leite. O senhor está á espera.

Rosario começou a rir como uma doida. Agora chamava-se Elisa: Não sabia? Era exigencia do officio mudar de nome, assim como falar com accentuação andaluza. E arremedava com réles graça a voz do estentor que estava em cima.

Apesar, porém, do seu regosijo, teve pressa em retirar-se. Temia os de cima. O vozeirão ou o senhor do leite podiam chegar-lhe por causa da demora. E subiu ligeira a escadita, depois de recommendar muito a Pepeta que passasse algumas vezes por alli para recordar as coisas da aldeia.

O cansado chocalho da *Ruiva* badalou mais de uma hora pelas ruas de Valencia; deitaram os languidos uberes até a ultima gôtta de leite insipido, producto de um misero pasto de folhas de couve e restos de várias coisas, e por fim Pepeta empreendeu o regresso para casa.

A pobre lavradeira caminhava triste e pensativa. Impressionara-a o encontro; recordava, como se tivesse sido na vespera, a espantosa tragedia que victimou o *tio Barret* e toda a sua familia.

f Desde então que os campos que ha mais de cem annos eram amanhados pelos ascendentes do pobre lavrador, estavam abandonados á beira de caminho. A barraca deshabitada, sem haver mão misericordiosa que deitasse um remende na cobertura, nem um punhado de barro nas gretas das paredes, ia-se derruindo lentamente.

Dez annos de constante transito junto áquella ruina, bastavam para que a gente já não reparasse n'ella. A propria Pepeta ha tempos que

não fixava a attenção na velha barraca. Esta só interessava aos rapazes, que herdando o odio de seus paes, se mettiam por entre as ortigas dos campos abandonados para crivar de pedradas a abandonada vivenda, abrindo amplas brechas na cerrada porta ou para entulhar com terra e pedregulhos o poço que se abria sob a vetusta parreira.

Aquella manhã, porém, Pepeta, influenciada pelo seu recente encontro, attentou na ruina e até se deteve no caminho para a ver melhor.

Os campos do *tio Barret*, ou mais propriamente, do judeu D. Salvador e seus excomungados herdeiros, eram um oasis de miseria e abandôno no meio da aldeia tão fecunda, amanhada e sorridente. Dez annos de abandôno haviam endurecido a terra fazendo brotar de suas fecundas entranhas todas as plantas parasitas, todos os abrôlhos que Deus creou para castigo do lavrador. Um matagal raso, emmaranhado e disforme, extendia-se por aquelles campos, com um ondeado de extranhos tons verdes, matizado aqui e alli por flores mysteriosas e raras, d'essas que só surgem das ruinas e dos cemiterios.

Nas frondosidades d'aquella charneca, animados pela segurança da guarida, crescia e multiplicava-se toda a especie de bicharia asquerosa, espalhando-se pelos campos vizinhos; lagartos de lombo rugoso, enormes escaravéos de couraça de metallico reflexo, aranhas de pernas curtas e peludas, e até cobras que rastejavam para os ribeiros proximos. Alli viviam no centro da formosa e cuidada veiga, formando estado áparte, devorando-se uns aos outros, e posto causassem algum damno aos lavradores, respeitavam-n'os até com certa veneração, pois as sete pragas do Egypto pareciam ainda pouco aos da aldeia para arremessal-as sobre aquelles torrões malditos.

As terras do *tio Barret* não tinham de ser nunca para os homens: que se aninhasse, pois, n'ellas a bicharada asquerosa, e quanta mais, melhor.

No centro d'estes campos de desolação, que avultavam na formosa veiga como uma nodoa de gordura em régio manto de velludo verde, erguia-se a barraca, ou para melhor dizer, cahia, com o seu barrete de colmo desmanchado, indicando pelas aberturas, que o vento e a chuva esburacaram, o carcomido costellame de madeira. As paredes, arranhadas pelas aguas, mostravam os adobes de barro, apenas com algumas levissimas manchas brancas que denunciavam o antigo caiado; a porta estava arrombada por baixo, roída pelos ratos, com fendas que a cortavam de um a outro extremo; as duas ou tres janellitas, completamente abertas e martyrisadas pelos vendavaes, pendiam de um unico gonzo e estavam a cahir de um momento para outro, apenas soprasse rija ventania.

Aquella ruina apoucava o ánimo; opprimia o coração. Parecia que do casebre abandonado iam sahir phantasmas, apenas cahisse a noite; que do interior partiam gritos de pessoas assassinas; que todo aquelle antro era um sudario que occultava centenas de tragicos cadaveres.

Coisas horriveis era o que inspirava a contemplação dos campos abandonados; e a sua tetrica miseria ainda sobresahia mais com o contraste das terras que os rodeavam, vermelhas, bem cuidadas, com as suas leiras regulares de hortaliças e arbustos, a cujas folhas dava o outomno uma transparencia de caramelo. Até os passaros fugiam d'aquelles campos de morte, talvez por temerem os animalejos que rastejavam sob as damninhaservas ou por farejarem o halito da desgraça.

Sobre a esburacada cobertura de colmo, se

algo se via revolotear, eram azas negras e traidoras, plumagens funebres que, ao agitarem-se, faziam emmudecer as arvores em que resoavam alegres adejos e chilredos folgazões, ficando silenciosa a aldeia como se não honvesse pardaes em meia legua em redondo.

Pepeta ia seguindo para deante, para a sua branca barraca, que apparecia entre as arvores alguns campos mais além; teve porém de permanecer immovel no extremo do caminho para deixar passar um carro carregado que rodava aos solavancos e que parecia vir da cidade.

A sua curiosidade feminina excitou-se ao attentar n'elle.

Era um pobre carro de lavoura tirado por uma piléca velha e escanzellada, á qual ajudava nos rodeiros difficeis um homem alto que caminhava junto d'ella animando-a com gritos e estalos de chicote.

Vestia de lavrador, mas o modo de levar o lenço atado na cabeça, as calças de panno e outros pormenores de vestuario, denotavam que não era da aldeia, cujo adôrno pessoal tem sido contaminado pouco a pouco pelo gôsto da cidade: Era lavrador de algum povo distante; talvez viesse do centro da provincia.

Acastellavam-se no carro, formando pyramide até mais acima dos fueiros, toda a casta de utensilios domesticos. Era a emigração de uma familia inteira. Magros colchões, enxergões atestados de enxovalhado folhelho de milho, cadeiras de esparto, frigideiras, tachos, pratos, cestos, barras de cama; tudo se amontoava no carro, porco, usado, miseravel, cheirando a fome, a fuga desesperada, como se a desgraça caminhasse atrás da familia pisando-lhe os calcanhares. E no cume d'este montão desordenado de coisas, viam-se tres creanças abraçadas, que contemplavam os campos com

os olhos muito abertos, como exploradores que visitam um paiz pela primeira vez.

Ao pé e atrás do carro, como vigiando se d'elle cahia algo, caminhavam uma mulher e uma rapariga alta, delgada, esbelta, que parecia filha d'aquella. Ao outro lado da pileca, ajudando quando o carro se detinha n'um máu passo, ia um rapaz de uns onze annos: o seu aspecto grave denunciava a creança que, acostumada a lutar com a miseria, é homem na idade em que outras brincam. Um cãozinho sujo e offegante fechava o sequito.

Pepeta, encostada ao lombo da sua vacca, via-os seguir, possuida cada vez de maior curiosidade. Aonde iria a pobre gente?

Aquelle caminho, que entroncava com o de Alboraya, não ia dar a parte nenhuma: terminava ao longe como exgottado pelas innumera-veis bifurcações de carreiros e veredas que davam entrada para as barracas.

A sua curiosidade, porém, teve um final inesperado. Virgem Santissima! O carro deixava a estrada, atravessava a arruinada pontesita de troncos e terra que dava accesso ás terras malditas, e mettia-se pelos campos do *tio Barret*, calcando com as rodas a charneca respeitada.

A familia seguia atrás, manifestando com gestos e palavras confusas a impressão que lhe causava tanta miseria, porém direita á arruinada barraca, como quem toma posse do que é seu.

Pepeta não quiz ver mais. Agora é que correu devéras para a sua barraca. Até, para chegar antes, abandonou a vacca e o vitello, que seguiram seu caminho tranquillos, como quem se não preoccupa com as coisas humanas e tem o estabulo seguro.

Pimentó estava extendido a um lado da sua barraca, fumando preguiçosamente, com a vista

fixa em tres varinhas untadas de visco, postas ao sol e em redor das quaes revoloteavam alguns passarinhos. Era uma occupação de morgado.

Ao ver chegar sua mulher com os olhares assombrados e o pobre peito offegante, *Pimentó* mudou de postura para escutar melhor, recomendando-lhe que se não approximasse das varinhas.

Vamos ver, o que era aquillo? tinham-lhe roubado a vacca?

Pepeta, com a commoção, mal podia dizer duas palavras seguidas.

As terras de *Barret*... uma familia inteira... ia trabalhar, viver na barraca. Ella tinha visto.

Pimentó, caçador de visco, inimigo do trabalho e terror da vizinhança, não pôde conservar a sua gravidade impassivel de gran-senhor perante tão inesperada noticia.

— Oh! co'as maleitas!

De um salto, poz direita a sua pesada e musculosa humanidade, e deitou a correr, sem mais explicações.

Sua mulher viu como corria em carreira desordenada para um cannavial proximo ás terras malditas. Ajoelhou alli, deitou-se de barriga para baixo, para espreitar por entre as cannas como um espião beduino, e, passados alguns minutos, voltou correndo, perdendo-se n'aquelle dédalo de carreiros, cada um dos quaes conduzia a uma barraca, a um campo onde se dobravam os homens, fazendo brilhar no espaço a enxada como um relampago de aço.

A aldeia continuava risonha e rumorosa, impregnada de luz e de sussurros, amodorrada sob a cascata de oiro do sol da manhã.

Ao longe, porém, soavam gritos e lamentações: a noticia transmittia-se com grande algazarra de um campo a outro campo, e um estrelecimento de alarme, de extranheza, de indigna-

II

Quando, na época da colheita, contemplava o *tio Barret* as leiras de diferentes culturas em que estavam divididos os seus campos, não podia conter um sentimento de orgulho, e ao ver os altos trigos e as couves com seus crespos grelos aloirados, os melões mostrando o verde lombo á flôr da terra e os pimentos e tomates semi-ocultos na folhagem, gabava a bondade de suas terras e os esforços de todos os seus antepassados em amanha-las melhor que as demais da aldeia.

Todo o sangue de seus avós estava alli. Cinco ou seis gerações de *Barrets* haviam passado a vida lavrando a mesma terra, revolvendo-a, adubando suas entranhas com ricos estrumes, tendo cuidado em que não diminuísse o seu succo vital, esboroando e moendo com a enxada e a relha todos aquelles torrões, dos quaes não havia nenhum que não estivesse regado com o suor e o sangue da familia.

Muito queria o lavrador a sua mulher, e até lhe perdoava a loucura de lhe ter dado quatro filhas e nenhum filho que o ajudasse nas suas fainas; não amava menos as quatro raparigas, uns anjos de Deus que passavam o dia cantando e correndo para a porta da barraca, e algumas vezes mettiam-se pelos campos para que seu pobre pae descansasse; porém a paixão suprema do *tio Barret*, o amor dos amores, eram aquellas terras, sobre as quaes passara monotonamente e silenciosamente a historia de sua familia.

Havia muitos annos, muitos, no tempo em que o *tio Tomba*, um ancião quasi cego que

guardava o pobre rebanho de um carniceiro de Alboraya, andava por esse mundo no bando do *Frade* disparando tiros de trabuco contra os francezes, aquellas terras eram dos religiosos de S. Miguel dos Reis, uns bons senhores gordos, nedios, chocarreiros, que se não davam grande pressa na cobrança das rendas, considerando-se satisfeitos em que, pela tarde, ao passarem pela barraca, os recebesse a avó, que era então uma môça de lei, obsequiando os com fartas chicaras de chocolate e as primicias do pomar. Antes, muito antes, havia sido proprietario de tudo aquillo um fidalgote que, ao morrer, descarregou os seus peccados e as suas herdades no seio da communiidade; e agora, ai! pertenciam a D. Salvador, um vegete de Valencia que era o tormento do *tio Barret*, pois até em sonhos lhe apparecia.

O pobre lavrador occultava os seus pesares á propria familia. Era um homem animoso, de bons costumes sãos; aos domingos, se ia um bocado á taberna de *Copa*, onde se reunia toda a gente das redondezas, era para ver os jogadores de bola, para rir como um bemaventurado ouvindo os despropositos e brutalidades de *Pimentó* e outros mocetões que faziam de galispos da aldeia; mas nunca se acercava do mostrador para pagar um copo; levava sempre o bolso do cinto bem apertado sobre o estomago, e se bebia era quando algum dos que ganhavam convidava os circumstantes.

Inimigo de contar os seus pesares, viam-n'o sempre sorridente, bonacheirão, tranquillo, tendo enfiado até ás orelhas o gorro azul, que justificava a sua alcunha.

Trabalhava de noite a noite; quando toda a aldeia dormia ainda, já elle estava, á indecisa claridade da madrugada, arando as suas terras, cada vez mais convencido que não podia com ellas.

Era demasiado trabalho para um homem só. Se ao menos tivesse um filho!... Buscando ajuda, tomava creados, que o roubavam, que trabalhavam pouco e os quaes despedia ao surprehendel-os dormindo no curral, ás horas de sol.

Influenciado pelo respeito aos seus antepassados, antes queria morrer, rebentar de fadiga sobre os seus torrões, do que consentir que uma parte d'elles fôsse dada de renda a mãos estranhas. E não podendo com todo o trabalho, deixava improductiva e em alqueive metade da sua fertil terra, pretendendo com o cultivo da outra manter a familia e pagar ao senhorio.

Foi aquelle empenho uma lucta surda, desesperada, tenaz, contra as necessidades da vida e da sua propria fraqueza.

Não tinha mais que um desejo: que as pequenas o não soubessem; que ninguem desse conta em casa das agruras e tristezas do pae; que se não turbasse a santa alegria d'aquelle lar, animado a toda a hora pelo riso e pelas canções das quatro irmãs, cuja idade só fazia differença de um anno. E enquanto ellas, que já começavam a chamar a attenção dos moços da aldeia, assistiam com os seus lenços de seda novos e vistosos e de engommadas e ruidosas saias ás festas dos logarejos, e accor-davam ao amanhecer para irem descalças e em camisa espreitar pelas frestas do postigo quem era que cantava *as alvoradas* ou as obsequiava com rasgados toques de viola, o pobre *tio Barret*, cada vez mais empenhado em equilibrar o seu orçamento, tirava onça atrás de onça todo o punhado de ouro accumulado real a real que lhe deixou o pae, acalmando assim D. Salvador, velho avarento que nunca tinha bastante, e, não contente em o dizer, falava do mal que estavam os tempos, do escandaloso augmento das contribuições e da necessidade de subir a renda.

Não podia ter encontrado *Barret* um senhorio peor. Gosava na aldeia uma fama detestavel, pois raro era o logar onde não tinha terras. Todas as tardes, embrulhado na sua velha capa, até na primavera, com aspecto sordido de mendigo e acompanhado das maldições e gestos hostis que deixava atrás de si, ia pelos caminhos visitar os seus rendeiros. Era a tenacidade do avarento que deseja estar em contacto a toda a hora com as suas propriedades; a pegajosidade do usurario que tem contas pendentes a regularisar.

Os cães ladravam ao vel-o ao longe como se se approximassem a morte; as creanças miravam-n'o mal encaradas; os homens escondiam-se para evitar enfadonhas desculpas e as mulheres vinham á porta das barracas, olhos postos no chão e a mentira engatilhada, afim de rogar a D. Salvador que tivesse paciencia, e respondiam com lagrimas ás suas explosões e ameaças.

Pimentó, que na sua qualidade de valentão se interessava pelas desditas dos vizinhos e era o cavalleiro andante da aldeia, promettia entre dentes coisa parecida com uma paulada e refrescal-o depois n'um ribeiro; porém as proprias victimas do avarento o continham, falando da importancia de D. Salvador, homem que passava as manhãs nos tribunaes e tinha amigos de muita teca.

De todos os rendeiros o melhor era *Barret*: embora á custa de grandes esforços, nada lhe devia. E o velho, que o citava como modelo aos outros arrendatarios, quando estava na presença d'elle requintava de crueldade, mostrava-se exigente, excitado pela mansidão do lavrador e contente por encontrar um homem em que podia saciar, sem medo, seus instinctos de oppressão e de rapacidade.

Augmentou porfim a renda das terras. *Bar-*

ret protestou, até chorou recordando os meritos de sua familia, que perdera a pelle n'aquelles campos para tornal-os os melhores da aldeia. O D. Salvador, porém, foi insensível. Eram os melhores? pois devia pagar mais. E *Barret* pagou o augmento: mais depressa daria o sangue do que abandonaria as terras que pouco a pouco lhe absorviam a vida.

Já não tinha dinheiro para sahir de apuros: e apenas contava com o que os campos produzissem. E completamente só, occultando á familia a sua situação, tendo de sorrir quando estava entre a mulher e as filhas, que lhe recommendavam não se esforçasse tanto, o pobre *Barret* entregou se á mais disparatada loucura de trabalho.

Não dormia; parecia-lhe que as hortaliças cresciam com menos rapidez que as dos vizinhos; quiz sósinho cultivar todas as terras, trabalhava de noite ás apalpadelas; e uma nuvemzinha punha-o fora de si, trémulo de medo; e elle tão bom, tão honrado, até se aproveitava dos descuidos dos lavradores confinantes para roubar-lhes uma parte da rega.

Se a familia estava cega, nas barracas vizinhas bem se adivinhava a situação de *Barret*, compadecendo-se da sua mansidão. Era um simplorio, não sabia arreganhar os dentes ao repugnante avarento, e este sugava-o lentamente até o reduzir a nada.

E assim foi. O pobre lavrador, consumido por uma existencia de febre e loucura laboriosa, estava na espinha, curvado como um octogenario, com os olhos encovados. O gorro característico que justificou o seu apodo, já se lhe não sustentava nas orelhas, porquanto, aproveitando a magreza, ia descendo, descendo, até os hombros, como um funebre apagador da sua existencia.

O peor para elle era que um excesso de fa-

diga tão insustentavel, só servia para pagar a meias ao insaciavel vampiro. As consequencias da sua loucura pelo trabalho não se fizeram esperar. O rocinante do *tio Barret*, um animal paciente que o acompanhou em todos os seus excessos, cansado de trabalhar de dia e de noite, e com a continuação de puxar a carroça da horta- liça até o mercado de Valencia, sem ter tempo de respirar nem de enxugar o suor, mettido ao arado, tomou o partido de antes morrer do que ousar a menor tentativa de rebellião contra seu pobre amo.

Então é que o lavrador se viu perdido ! Olhava desesperado para os seus campos, que já não podia cultivar ; as leiras de frescas hortaliças, que a gente da cidade devorava com indiffe- rença, sem suspeitar as angustias que a pro- dução fazia soffrer a um pobre pae em conti- nua batalha com a terra e a miseria.

A Providencia, porém, que nunca abandona o pobre, falou-lhe pela bôcca de D. Salvador.

Lá diz o dictado, ha males que veem por bens.

O insupportavel velhaco, o voraz usurario, ao saber da sua desgraça, offereceu-lhe auxilio, com bondade paternal e commovente. De que precisava para comprar outra alimaria ? cin- coenta duros ? pois alli estava elle para o aju- dar, para demonstrar quão injustos eram os que o odiavam e diziam mal de si.

E emprestou dinheiro a *Barret*, embora com o insignificante pormenor de lhe exigir uma firma (negocios são negocios) por baixo de certo papel em que se falava de juro do capi- tal e de mora e de responsabilidade da divida, nomeando para esta ultima os móveis, as al- faias, tudo quanto possuia o lavrador na sua barraca, inclusivé os animaes do curral.

Barret, animado pela posse de um novo ro- cinante novo e brioso, voltou com mais afan

ao trabalho, a definhar-se sobre aquelles torrões que o esmagavam, e pareciam augmentar, á medida que as fôrças lhe diminuiam, envolvendo-o qual vermelho sudario.

Tudo quanto os campos produziam comia-o a familia, e os punhados de cobre que tirava no mercado de Valencia, espalhavam-se, sem formar nunca o monte necessario para apaziguar D. Salvador.

Estas angustias do *tio Barret* em satisfazer a divida, sem poder conseguil-o, despertavam um certo instincto de rebellião, faziam surgir em seu rude pensamento, vagas e confusas idéas de justiça. Por que não eram seus os campos? Todos os avós d'elle haviam deixado a vida entre aquelles torrões; estavam regados com o suor de sua familia; se não fôsem elles, os *Barrets*, estariam as terras tão despoçadas como a beira-mar... e agora vinha apertar-lhe o nó, fazel-o morrer com as suas recordações aquelle velho sem entranhas que era o senhorio, posto não soubesse pegar n'uma enxada nem tivesse nunca na sua vida curvado o espinhaço... Christo! como os homens arranjam as coisas!...

Estas revoltas, porém, eram momentaneas, voltava-lhe a submissão resignada do labrego, o respeito tradicional e supersticioso pela propriedade: era preciso trabalhar e ser honrado.

E o pobre homem, que considerava o deixar de pagar como a maior das deshonoras, voltava á carga cada vez mais debil, mais extenuado, sentindo no intimo o lento desabar da sua energia; convencido de que não podia prolongar a situação, porém indignado tão sómente perante a possibilidade de abandonar um palmo das terras de seus avós.

Do semestre da Natividade, apenas pôde dar uma pequena parte a D. Salvador; chegou o S. João e nem um real; a mulher estava en-

ferma; para pagar as despesas, até vendera o *ouro do casamento*, as veneráveis arrecadas e o collar de perolas, que eram o thesouro de familia e cuja futura posse provocava discussões entre as quatro raparigas.

Mostrou se inflexivel o velho avarento. Não, *Barret*, aquillo não podia continuar. Como elle era bom (por mais que toda a gente disse-se o contrario), não podia consentir que o lavrador se matasse no empenho de cultivar umas terras maiores que as suas fôrças. Não o consentiria; era prova de bom coração. E como lhe tinham feito propostas de novo arrendamento, prevenia *Barret* que deixasse os campos quanto antes. Sentia isso muito, mas elle tambem era pobre... Ah! E por isso mesmo lembrava-lhe que tinha de tornar effectivo o emprestimo para a compra da azemola, quantia que, com os juros, subia a...

O misero lavrador nem reparou nas dezenas de mil réis a que subia a sua divida com os ditos juros, tão turbado e confuso o deixou a intimação para abandonar as terras.

A falta de fôrças, os estragos internos produzidos pela fastidiosa lucta dos annos, manifestaram-se de repente.

E elle, que nunca chorara, gemeu como uma creança; toda a sua altivez, a sua gravidade mourisca desappareceram de chofre, e ajoelhou-se deante do vegete pedindo-lhe que o não abandonasse, pois considerava-o como pae.

O bom pae, porém, punha na rua o pobre *Barret*. D. Salvador mostrou-se inflexivel. Sentia isso muito, mas não podia: elle tambem era pobre, precisava de cuidar do pão de seus filhos; e continuou embuçando a sua crueldade em phrases de sentimento hypocrita.

Cansou-se o lavrador de pedir benevolencia. Foi várias vezes a Valencia, a casa de senhorio, para lhe falar dos seus antepassados, dos di-

reitos Moraes que tinha sobre aquellas terras, pedir-lhe que tivesse paciência, affirmando com louca esperança que lhe pagaria; até que por fim o avarento acabou por lhe não abrir a porta.

O desespero regenerou *Barret*. Tornou a ser o filho da aldeia, altivo, energico intratavel quando crê que lhe assiste a razão. O senhorio não queria attendel-o? Furtava-se a dar-lhe uma esperança? Pois muito bem: elle estava em sua casa; se pretendia alguma coisa que fôsse procural-o. Sempre queria ver quem era o pimpão que o fazia sahir da sua barraca.

E continuou trabalhando, posto que com receio, olhando ancioso sempre que passava alguém desconhecido pelos caminhos proximos; como quem aguarda de um momento para outro o assalto d'uma quadrilha de bandidos.

Foi intimado para comparecer em juizo e não se apresentou. Já sabia o que era aquillo: enredos dos homens para perder gente honrada. Se o queriam roubar que o procurassem alli, nos campos, que eram pedaços da sua pelle e como taes defenderia.

Um dia, avisaram-n'o que de tarde viria a justiça proceder contra elle, pôl-o fora das terras, arrestando, além d'isso, para pagamento das dividas, tudo quanto tinha na barraca. Aquella noite, já não dormiria lá.

Parecia isto tão insolito para o pobre *tio Barret*, que sorria com incredulidade. Isso era para os trampolineiros, para os que não pagam nunca; elle, porém, que sempre cumprira, que nascera alli mesmo, que devia apenas um anno de renda... que! nem que se vivesse entre selvagens sem caridade nem religião.

Pela tarde, porém, quando viu vir pelo caminho uns senhores vestidos de preto, passarolas funebres com azas de papel enroladas debaixo do braço, já não duvidou.

E sentindo dentro de si a cega bravura do

mouro que soffre toda a casta de offensas, mas que enlouquece de furor quando lhe tocam na sua propriedade, *Barret* entrou correndo na barraca, agarrou na escopeta que tinha sempre carregada atrás da porta, e pondo-a á cara, postou se debaixo da latada, disposto a metter duas balas no primeiro d'aquelles bandidos da lei que puzesse pé nos seus campos.

Sahiram correndo a mulher enferma e as quatro filhas gritando como loucas a abraçarem-se a elle, tentando tirar-lhe a escopeta, da qual puxavam pelo cano, ás mãos ambas. E taes fôram os gritos do grupo, que luctando e forcejando ia de um ao outro esteio da ramada, que das barracas vizinhas começou a sahir gente, e chegava correndo, em tropel, anciosa, com a solidariedade fraternal dos que vivem no despovoado.

Foi *Pimentó* quem se assenhoreou da escopeta e prudentemente a levou para sua casa. *Barret* ia atrás, tentando perseguil-o, sujeito e contido pelos fortes braços de uns mocetões, desafogando a raiva contra aquelle bruto que o impedia de defender o que era seu.

— *Pimentó!*... Pilho! Dá cá a escopeta!

O valentão, porém, sorria desdenhoso, satisfeito por parecer prudente e paternal para com o velho enraivecido, e assim o foi levando até á sua barraca, onde elle e os amigos o ficaram vigiando, dando lhe conselhos para que não commettesse alguma asneira. Cuidado, *tio Barret!* Aquillo é gente de justiça e o pobre sempre perde mettendo-se com ella. Calma e desconfiança, que tudo se conseguiria.

E ao mesmo tempo, os negros passarolas escreviam papeis e mais papeis na barraca do *Barret*, revolvendo impassiveis os móveis e as roupas, inventariando até o curral e o estabullo, emtanto que a esposa e as filhas gemiam desesperadamente e a multidão agglomerada á

porta seguia com terror todos os pormenores do acto, tentando consolar as pobres mulheres e prerompendo á sordina em maldições contra o judeu D. Salvador e contra aquelles tios que se prestavam a obedecer a semelhante cachorro.

Ao anoitecer, *Barret*, que estava como aniquilado, e após a crise furiosa cahira n'um estado de torpor, viu a seus pés umas trouxas de roupa e ouviu o som metallico de um sacco que continha a sua ferramenta de lavoura.

— Pae!... Pae!... choramingavam umas vozes trémulas.

Eram as filhas que se lançavam em seus braços; atrás d'ellas a pobre mulher, enferma, tremendo de febre, e ao fundo, invadindo a barraca de *Pimentó* e perdendo-se para lá da porta escura, toda a gente dos arredores, o aterrado cõro da tragedia.

Já os tinham despedido da sua barraca. Os homens negros haviam-n'a fechado, levando as chaves; nada mais lhes restava que as trouxas que estavam no chão, a roupa usada, as ferramentas; a unica coisa que lhes permittiram tirar de sua casa.

E as palavras eram entrecortadas pelos soluços, e tornavam a abraçar-se o pae e as filhas, e *Pepeta*, a dona da barraca e outras mulheres choravam e repetiam as maldições contra o velho avarento, até que *Pimentó* interveiu opportunamente.

Havia tempo de sobra para falar do occorrido; agora ia-se cear. Que demonio! Não se devia gemer tanto por culpa de um tio judeu. Se elle visse tudo aquillo como se alegrariam as suas entranhas!... A gente da aldeia era boa; todos estimavam a familia do *tio Barret*, e com ella dividiriam uma codea de pão se mais não houvesse.

A mulher e as filhas do arruinado lavrador

fôram para as barracas de algumas vizinhas, onde passaram a noite. O *tio Barret* deixou-se alli ficar, sob a vigilancia de *Pimentó*.

Os dois homens estiveram até ás dez sentados nas suas cadeiras de esparto, á luz da candeia, fumando cigarros, uns atrás dos outros.

O pobre velho parecia louco. Respondia com sêccos monosyllabos ás reflexões d'aquelle valentão, que as fazia agora do coração; e se falava era para repetir sempre as mesmas palavras:

— *Pimentó!*... Torna-me a escopeta.

E *Pimentó* sorria admirado. Assombrava-o a fereza repentina do velhote, que toda a aldeia considerara um infeliz. Entregar-lhe a escopeta!... Immediatamente! Bem se adivinhava na ruga recta que se accentuava entre as suas sobrancelhas o proposito firme de reduzir a pó o auctor da sua ruina.

Barret cada vez se incommodava mais com o moço. Chegou a chamar-lhe ladrão porque se negava a restituir-lhe a arma. Não tinha amigos, bem o via : todos eram uns ingratos, eguaes ao avarento D. Salvador; não queria dormir alli; asphyxiava. E, rebuscando no sacco da ferramenta, escolheu uma foicinha, atravessou-a na cinta e sahiu da barraca, sem que *Pimentó* tentasse embargar-lhe o passo.

A taes horas, nada de máu podia fazer : que dormisse ao sereno se isso era de seu gosto. E o valentão, fechando a barraca, deitou-se.

Foi direito o *tio Barret* para os seus campos, e, qual cão abandonado, começou a dar voltas ao redor da barraca.

Fechada! fechada para sempre! Aquellas paredes erguera-as seu avô e elle renovava-as todos os annos; ainda sobresahia no escuro a brancura da cal com que as suas raparigas as caiaram tres mezes antes.

O curral, o estabulo, as pocilgas, eram obra

de seu pae; e aquelle colmado tão alto, tão esbelto, com as duas cruzinhas nas extremidades, levantara-o elle de novo, em substituição do antigo, que fazia agua por toda a parte.

E obra de suas mãos era tambem o parapeito do poço, os esteios da ramada, os canniçados por cima dos quaes mostravam os seus pennachos de flores os craveiros e os dompedros. E tudo aquillo ia ser propriedade de outro, porque sim, porque assim o queriam os homens?...

Procurou na cinta a tira de phosphoros de papel para deitar fogo ao colmo da cobertura. Que o diabo levasse tudo: no fim de contas era seu, bem o sabia Deus, e preferia destruir a sua fazenda a vê-la em mãos de ladrões.

Mas, quando ia a incendiar a sua antiga casa, sentiu uma impressão de horror, como se tivesse deante de si os cadaveres de todos os seus antepassados, e deitou os phosphoros fora.

Continuava, porém, a rugir-lhe na cabeça a ancia de destruição, e de foicinha em punho, metteu por aquelles campos, que fôram os seus verdugos.

La pagar-lh'as todas juntas a terra ingrata, causa das suas desditas!

Durou a destruição horas inteiras. Desfaziam-se lhe aos pés os canniçados, pelos quaes trepavam as verdes hastes das tenras vagens e das ervilhas; cahiam as favas, cortadas pela furiosa foicinha, e os canteiros de alfaces e couves saltavam a distancia sob o impulso do afiado aço como cabeças decepadas, espalhando em redor a sua cabelleira de folhas... Ninguem se aproveitaria do seu trabalho. E assim esteve até cêrca da madrugada cortando, esmagando aos pés loucamente, fazendo juras aterradoras, rugindo blasphemias, até que por fim o cansaço applacou-lhe a furia e atirou se para cima de um rêgo chorando como uma creança, a pensar

que, de futuro, a terra seria a sua verdadeira cama, e o seu unico modo de vida mendigar pelas estradas.

Despertaram-n'o os primeiros raios do sol ferindo-lhe os olhos e o alegre chilreio dos passaros que saltavam cêrca de sua cabeça, e que aproveitavam para o almoço os restos da destruição nocturna.

Levantou-se entorpecido pelo cansaço e pela humidade. *Pimentó* e sua mulher ha muito que o chamavam convidando-o a que fôsse tomar algo. *Barret* respondeu-lhes com desprezo. Ladrão! Apoderara-se da sua escopeta!... E meteu pela estrada de Valencia, tremendo de frio, sem saber aonde ia.

Ao passar pela taberna de *Copa*, entrou Uns carreteiros das vizinhanças falaram-lhe, compadecendo-se da sua desgraça, e convidaram n'o a tomar alguma coisa. Aceitava com muito gôsto. Queria algo contra aquelle frio que lhe traspasava os ossos. E elle, tão sobrio, bebeu um atrás do outro dois copos de aguardente, que cahiram como ondas de fogo no seu estomago debilitado.

Coloriu-se-lhe o rosto, adquirindo depois uma pallidez cadaaverica: os olhos vidraram-se-lhe de sangue. Mostrou-se para com os carreteiros, que se condoíam d'elle, expansivo e confiado; quasi que um ser feliz. Chamava-lhes meus filhos, assegurando-lhes que se não affligia por tão pouco. Não perdera tudo. Ainda lhe restava o melhor da casa, a foicinha de seu avô, uma joia que não trocava nem por cincoenta moedas.

E tirava da cinta o curvo aço, puro e brilhante; um instrumento de fina têmpera e corte subtilissimo, que, segundo affirmava *Barret*, cortava no ar uma mortalha de cigarro.

Os carreteiros pagaram, e, arreando as cavalgaduras, seguiram para Valencia, enchendo a estrada com o chiar das rodas.

O velho ainda esteve mais d'uma hora na taberna, falando só, sentindo que a cabeça lhe andava á roda, até que molestado pelo olhar carancudo dos donos da casa, que adivinhavam o seu estado, experimentou um vago sentimento de vergonha e sahiu sem saudar, caminhando a passo incerto.

Não podia apartar da memoria uma lembrança tenaz. Via, com os olhos fechados, um grande laranjal que se encontrava a mais de uma hora de distancia, entre Benimaclet e o mar. Tinha ido alli muitas vezes tratar de negocios seus; e alli ia agora, ver se o diabo era tão bom que o fizesse topar com o senhorio, o qual raro era o dia que não inspeccionava com seus olhos de avarento as formosas arvores uma a uma, como se tivesse as laranjas contadas.

Chegou depois de duas horas de caminho, detendo-se bastas vezes para dar aprumo ao corpo, que se baloiçava sobre as vacillantes pernas.

Apoderara-se d'elle a aguardente; já não sabia com que fim havia chegado até alli, tão longe do ponto da aldeia onde viviam os seus, e acabou por se deixar cahir n'um campo de linho, á beira da estrada. D'ahi a nada, o seu afanoso roncar de borracho resoava entre os verdes e esguios caules.

Quando despertou, ia já mui adeantada a tarde. Sentia pêso na cabeça e o estomago debilitado. Zumbiam-lhe os ouvidos, e na bôcca ensaburrada sentia horrivel gôsto. Que fazia alli, cêrca da horta do judeu? Como chegara tão longe? A sua honradez primitiva envergonhou-se ao ver-se em semelhante estado de aviltamento, e tentou pôr-se de pé, para fugir. A oppressão que lhe produzia sobre o estomago a foicinha cruzada na cinta, causava-lhe calafrios. Ao pôr-se de pé, ergueu a cabeça por entre o linho e viu n'uma volta da estrada, um

homemzinho que caminhava lentamente, embuçado n'um capote.

Sentiu *Barrét* que todo o seu sangue lhe subia subitamente á cabeça, que reapparecia a embriaguez, e levantou-se arrancando da foicinha .. É ainda dizem que o demonio não é bom? Alli estava o seu homem; o tal a quem desejava ver desde a vespera.

Hesitara o velho usurario antes de sahir de casa. Mordia-lhe o caso do *tio Barret*; estava recente o acontecimento e a aldeia era traiçoeira; porém o medo de que aproveitassem a sua ausencia na horta pôde mais que os seus receios, e lembrando se de que a fazenda estava longe da barraca embargada, poz-se a caminho.

Já via a sua horta; já se ria do medo passado, eis que salta *Barret* do meio da leira de linho, parecendo lhe um enorme demonio, com a cara vermelha e os braços extendidos, impedindo-lhe toda fuga e encurralando-o na borda da levada que corria parallela ao caminho.

Julgou sonhar; batiam-lhe os dentes, e a cara fez-se-lhe verde e cahiu-lhe o capote, deixando a descoberto um velho albornós e os sujos lenços enrolados no pescoço. Tamanho era o seu terror, a sua turbação, que até lhe falava em castelhano.

Barret! meu filho! — dizia com voz entrecortada. — Foi tudo brincadeira, não faças caso. Aquillo de hontem foi para te metter um bocado de medo... nada mais. Continuarás nas terras... passa ámanhã lá por casa... falaremos: pagar-me-has como quizeres.

E dobrava o corpo, evitando que se approximassem d'elle o *tio Barret*: pretendia escapulir-se, fugir da terrivel foicinha, em cuja folha se quebrava um raio de sol e se reproduzia o azul do céu. Porém com a levada pelas costas, não encontrava terreno para mover-se e dei-

tava o corpo para trás, pretendendo cobrir-se com as crispadas mãos.

Sorria o lavrador como uma hiena, mostrando seus agudos e brancos dentes de pobre.

— Embusteiro! embusteiro! — respondia com voz que parecia um bramido.

E movendo o ferro de um lado para o outro, procurava sitio para ferir, evitando as mãos fracas e desesperadas que se lhe punham deante.

— Mas, *Barret!* meu filho! que é isto? Abaixa essa arma... não brinques. Tu eras um homem honrado... lembra-te de tuas filhas. Repito-te que foi chalaça. Vem amanhã e dar te-hei as cha... Aaai!...

Foi um rugido horripilante, um grito de besta ferida. Cansada a foicinha de encontrar obstáculos, derrubara de um golpe uma das mãos crispadas. Ficou pendendo dos tendões e da pelle, e o vermelho pulso expelliu o sangue com fôrça, salpicando *Barret*, que rugiu ao receber no rosto a quente rociada.

Vacillou o velho sobre as pernas, porém antes de cahir ao chão, a foicinha rompeu horizontalmente contra o pescoço d'elle e... *zás*, cortando o complicado involucro de lenços, abriu profunda brecha, separando quasi a cabeça do tronco.

Cahiu D. Salvador na levada; as pernas ficaram em cima, agitadas por um espernear funebre de rez degollada. E entretanto, a cabeça enterrada no barro, largava todo o sangue pela profunda brecha e as aguas tingiam-se de vermelho seguindo o seu manso curso, com um murmurio placido que alegrava o solemne silencio da tarde.

Barret parecia immovel no socalco como um idiota. Quanto sangue tinha o tio ladrão! A levada tingia-se de vermelho, parecia mais caudalosa. De repente, o aldeão, dominado pelo ter-

ror, deitou a correr como se receasse que o riacho de sangue o afogasse ao trasbordar.

Antes de terminar o dia, circulou a noticia como um tiro de peça que abalasse toda a veiga. Já viram o gesto hypocrita, o silencio de regosijo com que acolhe um povo a morte do governante que o opprime? Pois assim chorou a aldeia a morte de D. Salvador. Todos advinharam a mão do *tio Barret* e ninguem falou. As barracas abrir-lhe-hiam os seus ultimos esconderijos; as mulheres occultal-o-hiam debaixo das proprias saias.

O assassino porém vagueou como um louco pela aldeia, fugindo das gentes, estirando-se atrás dos outeiros, açolapando-se debaixo dos passadiços, mettendo por entre os campos assustado pelo latido dos cães, até que no dia seguinte o surprehendeu a Guarda civil dormindo n'um palheiro.

Durante seis mezes, só se falou, na aldeia, do *tio Barret*.

Aos domingos, iam como em peregrinação homens e mulheres á cadeia de Velencia para contemplar através das grades o pobre *libertador*, cada vez mais mirrado, com os olhos encovados e o olhar inquieto.

Chegou a vista do processo, e condemnaram-no á morte.

A noticia causou profunda impressão na veiga; abbades e alcaides puzeram-se em movimento para evitar semelhante vergonha. Um do districto sentar-se no cadafalso! E como *Barret* fôra sempre docil, votando o que lhe ordenava o cacique e obedecendo passivamente ao que mandava, fizeram-se jornadas a Madrid para salvar a sua vida, e o indulto chegou em tempo opportuno.

O lavrador sahiu da cadeia como uma muma, e foi conduzido para Ceuta, onde morreu, d'ahi a poucos annos.

Dissolveu-se a familia; desappareceu como um punhado de palha deitada ao vento.

As filhas, uma atrás d'outra, fôram abandonando as familias que as tinham recolhido, indo para Valencia ganhar o pão como creadas de servir; e a pobre velha, cansada de molestar com os seus achaques, foi para o hospital, morrendo em pouco tempo.

A gente da aldeia, com a facilidade que todos nós temos de esquecer a desgraça dos outros, apenas de tarde em tarde recordava a espantosa tragedia do *tio Barret*, perguntando o que seria feito das filhas.

Porém ninguem esqueceu os campos e a barraca, que permaneceram no mesmo estado em que se achavam no dia em que a justiça escorraçou de lá o desventurado caseiro.

Foi um accôrdo tacito de toda a aldeia; uma conjuração instinctiva, em cuja preparação apenas se trocaram palavras, mas na qual até parecia entrarem as arvores e os caminhos.

Dissera o *Pimentó* no mesmo dia da catastrophe. Vamos a ver quem é o pimpão que se atreve a entrar para aquellas terras!

E toda a gente da aldeia, até as mulheres e as creanças, pareciam responder com olhares de mútua intelligencia: — Sim; vamos a ver.

As plantas parasitas, os abrolhos, começaram a romper da terra maldita que o *tio Barret* calcara e ferira com a sua foicinha na ultima noite, como presentindo que por culpa d'ella morreria no degredo.

Os filhos de D. Salvador, uns ricaços tão avarentos como seu pae, julgavam-se reduzidos á miseria porque o pedaço de terra permanecia improductivo.

Um lavrador que vivia no outro districto da aldeia, homem com fumaças de pimpão e que não tinha nunca bastante terra, sentia-se tentado pelo baixo preço do arrendamento e atre-

veu-se com os campos que a todos causavam medo.

Lavrava a terra de escopeta ao hombro; elle e os creados riam-se da solidão em que os deixavam os vizinhos; as barracas fechavam-se quando elles passavam e eram seguidos desde longe com olhares hostis.

Vigiava o lavrador presentindo uma emboscada; porém de nada lhe servia o ter cautela, pois uma tarde em que se retirava sósinho, quando ainda não havia terminado a surriba dos campos, mandaram-lhe dois tiros, sem que visse o aggressor, e escapou milagrosamente do punhado de zagalotes que lhe passaram rentes ás orelhas.

Nos caminhos não se via ninguém: nem uma pégada recente. Tinham lhe atirado d'alguma levada, emboscando-se o atirador atrás dos canaviaes.

Não se podia lutar com inimigos assim, e o valentão, n'essa mesma noite, entregou as chaves da barraca aos senhorios.

Agora era ouvir os filhos de D. Salvador. Acaso não havia governo nem garantias para a propriedade... nem nada?

Indubitavelmente era *Pimentó* o auctor do attentado, quem impedia que os campos fôsem cultivados; e a Guarda civil prendeu o rufião da aldeia e mettem-o na cadeia.

Quando, porém, chegou o momento de depor, todo o districto desfilou perante o juiz, affirmando a innocencia de *Pimentó*, sem que áquelles rusticos velhacos pudessem arrancar uma palavra contradictoria.

Recitavam todos a mesma lição. Até velhas cheias de achaques que nunca saham de suas casas declararam que n'aquelle dia, á mesma hora em que detonaram os dois tiros, estava *Pimentó* n'uma taberna de Alboraya petiscando com uns amigos.

Nada se podia fazer contra uma gente de gesto idiota e olhar candido coçando a nuca, a qual mentia com tanto arreganho; *Pimentó* foi posto em liberdade, e de todas as barracas sahiu um suspiro de triumpho e de satisfação.

Estava feita a experiencia: já se sabia que o amanho d'aquellas terras se pagava com a pelle.

Os avarentos senhorios não recuavam. Cultivaram a terra elles proprios: e procuraram jornaleiros entre a gente soffredora e submissa, que cheirando a lã grosseira e miseria, vem em demanda de trabalho, acossada pela fome, dos confins da provincia, das montanhas fronteiriças de Aragão

Na aldeia condoíam-se dos pobres *lanzudos*. Coitados! Iam ganhar a jorna: que culpa tinham elles? E pela noite, quando se retiravam de enxada ao hombro, não faltava uma boa alma que os chamasse da porta da taberna de *Copa*. Faziam-n'os entrar, bebiam, falavam-lhes ao ouvido, de sobreceño carregado e accento paternal e bondoso, como quem aconselha uma creança a que evite o perigo, e o resultado era que os dóceis *lanzudos*, no dia seguinte, em vez de irem para o campo, apresentavam-se em massa aos donos das terras.

— Meu patrão: vimos receber.

E eram inuteis todos os argumentos dos dois solteirões, furiosos ao vêrem-se atacados na sua avareza.

— *Meu patrão* — respondiam a tudo — *semos probes, mas não topámos co'a vida atrás de nenhum palheiro.*

E não só deixavam o trabalho, como tambem passavam palavra a todos os seus patricios para que fugissem de ganhar a jorna nos campos de *Barret*, como quem foge do diabo.

O senhorios das terras pediam protecção até nos papeis publicos. E lá iam patrulhas da

Guarda civil percorrer a aldeia, postar-se nos caminhos, surprehender gestos e conversações, sempre sem exito.

Todos os dias viam o mesmo. As mulheres correndo e cantando debaixo das latadas; os homens nos campos, curvados, de olhos no chão, sem dar descanso aos activos braços; *Pimentó* estatelado como um gran senhor deante das varas de visco, esperando os passaros ou ajudando *Pepeta* ralapsa e preguiçosamente; na taberna de *Copa* uns velhos tomando o sol e jogando a bola. A paizagem resumbrava paz, honrada bestialidade; era uma Arcadia mourisca. Porém os do gremio não tinham confiança; nenhum lavrador queria aquellas terras de graça, e por fim os senhorios tiveram que desistir do seu empenho, deixando que se cobrissem de mato e que a barraca se desmoronasse, emquanto esperavam a chegada de um homem de boa vontade capaz de as comprar e amanhá-las.

A aldeia estremecia de satisfação vendo como se perdia aquella riqueza, e os herdeiros de *D. Salvador* se encalacravam.

Era um prazer intenso e novo. Alguma vez haviam de impor-se os pobres e ficarem os ricos debaixo. E o duro pão parecia mais sabroso, e o vinho melhor, o trabalho menos pesado, pensando nas arreliações dos dois avarentos, que, com todo o seu dinheiro, tinham de soffrer que os rusticos da aldeia zombassem d'elles.

Demais, aquella mancha de desolação e miseria no meio da veiga, servia para que os outros proprietarios fôsem menos exigentes, e servindo-lhes de exemplo o vizinho, não augmentassem as rendas, e se conformassem quando os semestres tardassem em se tornar effectivos.

Os desolados campos eram o talisman que mantinha intimamente unidos entre si os al-

deãos; um monumento que proclamava o seu poder sobre os senhorios; o milagre da solidariedade da miseria contra as leis e a riqueza dos que são senhores das terras sem as amanharem nem suarem sobre os seus torrões.

Tudo isto, que pensavam confusamente, fazia-os crêr que no dia em que os campos de *Barret* fôsem cultivados, a aldeia experimentaria toda a especie de desgraças. E não esperavam, depois de dez annos de triumpho, que pudesse entrar nos campos abandonados outra pessoa que o *tio Tomba*, pastor cego e falador que, á mingua de auditorio, relatava todos os dias as suas façanhas de guerrilheiro ao proprio rebanho de ronhosas ovelhas.

D'aqui as exclamações de assombro e o gesto irado de toda a aldeia, quando *Piuentó*, de campo em campo e de barraca em barraca, foi propalando que as terras de *Barret* tinham já rendeiro, um desconhecido, e que *elle . . . elle!* (quem quer que fôsse) estava alli com toda a familia, com a maior sem-cerimonia . . . *como se aquillo fôsse seu!*

III

Batiste, ao inspeccionar as incultas terras, disse de si para consigo que havia alli trabalho para, um bocado.

Mas nem por isso sentia desalento. Era homem energico, emprehendedor, habituado á lucta para conquistar o pão; havia-o alli e bastante, como elle dizia, e demais consolava-se recordando-se que se vira já em maiores apêrtos.

A sua vida era uma continua mudança de profissão, sempre dentro do circulo da miseria rural, variando cada anno de officio, sem encontrar para a familia o bem-estar mesquinho que constituia toda a sua aspiração.

Quando conheceu sua mulher, era moço de moleiro nas immediações de Sagunto. Trabalhava então *como um lobo* (assim o dizia), para que não faltasse nada em casa; e Deus premiava a sua canseira concedendo-lhe cada anno um filho, formosas creaturas que pareciam nascer com dentes, pela pressa que se davam em abandonar o seio maternal para pedirem pão a toda a hora.

Resultado: teve de abandonar o moinho e dedicar-se a carreteiro, em busca de maiores proventos.

A má vida perseguia-o. Ninguem como elle cuidava do gado e vigiava a andadura. Morto de somno, nunca se atrevia, como os companheiros, a dormir no carro, deixando que as alimarias seguissem guiadas pelo proprio instincto; vigiava a toda a hora, caminhava sempre junto á deanteira, evitando os rodeiros fun-

dos e as passagens más; e, todavia, se algum carro se virava era o d'elle; se algum animal adoecia com as chuvas era com certeza o de Batiste, apesar do cuidado paternal com que se apressava a cobrir o lombo das suas bestas com gualdrapas de serapilheira, apenas cahiam quatro pingos.

Durante uns annos de fadigosa peregrinação pelas estradas da provincia, comendo mal, dormindo ao relento e soffrendo a tortura de passar mezes inteiros longe da familia, que elle adorava com o affecto intimo de homem rude e calado, Batiste só teve prejuizos e cada vez via mais compromettida a sua situação.

Morreram-lhe as azêmolas e teve de endividar-se para adquirir outras; o que lhe rendia o continuo carroto de bojudos odres de vinho e azeite, perdia-se em mãos de alquilés e fabricantes de carros, até que chegou o momento em que, vendo proxima a sua ruina, abandonou o officio.

Arrendou então umas terras cêrca de Sagunto; campos de sequeiro, vermelhos e eternamente sequiosos, nos quaes retorciam seus troncos ôcos as seculares alfarrobeiras ou erguiam as oliveiras as suas redondas e empoadas copas.

A vida d'elle foi uma continua batalha com a sêcca, um incansavel olhar para o céu, tremendo de commoção cada vez que uma nuvemzinha negra apontava no horizonte.

Choveu pouco, as colheitas fôram más durante quatro annos, e Batiste já não sabia que fazer nem para onde dirigir-se, quando n'uma jornada a Valencia conheceu os filhos de D. Salvador, uns excellentes senhores (benza-os Deus), que lhe deram aquella belleza de campos, livres de arrendamento por dois annos, até rehavereem por completo o estado de outros tempos.

Alguma coisa ouviu elle do que succedera na

barraca, das causas que obrigavam os senhores a conservarem improductivas as formosas terras; decorrera, porém, tanto tempo! Demais, a miseria não tem ouvidos; convinham-lhe os campos e n'elles se deixava ficar. Que lhe importavam as velhas historias de D. Salvador e o tio Barret?

Desprezava e esquecia tudo, ao contemplar as suas terras. E Batiste sentia-se possuido de duplo extasis ao ver-se cultivador na aldeia fe-raz que tantas vezes invejara quando passava pela estrada de Valencia a Sagunto.

Aquillo eram terras; sempre verdes; com as entranhas incansaveis, gerando uma colheita atrás d'outra; circulando a agua rubra a toda a hora, como vivificante sangue pelas innumeras levadas e regos que lhe sulcavam a superficie qual complicada rede de veias e arterias; fecundas a ponto de alimentarem familias inteiras com talhões que, pela pequenez, pareciam lenços de folhagem. Dos campos sêccos lá de Sagunto recordava-se d'elles como d'um inferno de sede, de que, por felicidade, se livrara.

Agora sim, que estava em bom caminho. Toca a trabalhar! Os campos estavam perdidos; havia alli muito que roçar; porém quando se tem boa vontade!... E espreguiçando se aquelle homemzarrão robusto, musculoso, de espaldas de gigante, cabeça redonda tosquiada e rosto bondoso sustido por grosso pescoço de frade, extendia os seus possantes braços, habituados a erguer no ar saccos de farinha e pesados odres de azeite.

Tão preocupado estava com as suas terras que mal reparou na curiosidade dos vizinhos.

Enfiando as inquietas cabeças por entre os cannaviaes ou extendidos de barriga sobre as ervas, contemplavam n'os os homens, creanças e até mulheres das barracas proximas.

Batiste não fazia caso d'elles. Era a curiosi-

dade, a expectativa hostil que inspiram sempre os recém-chegados. Elle bem sabia o que era aquillo; ir-se-hiam acostumando. Demais, talvez lhes interessasse ver como ardia a miseria que dez annos de abandôno amontoaram nos campos de *Barret*.

E, ajudado pela mulher e pelos pequenos, ia incendiando, no dia seguinte ao da sua chegada, toda a vegetação parasita.

Retorciam-se os arbustos entre as chammas; cahiam feitos brasas, escapando de entre as cinzas, os asquerosos bichos chamuscados, e a barraca apparecia perdida entre as nuvens de fumo d'aquella queimada, que despertava surda colera em toda a aldeia.

Uma vez limpas as terras, *Batiste*, sem perda de tempo, procedeu ao seu cultivo. Estavam um tanto duras; porém elle, como aldeão esperto, queria amanhoal as pouco e pouco, por secções, e marcando um quadrado cêrca da barraca, começou a alqueivar a terra, ajudado por toda a familia.

Chasqueavam d'elles os vizinhos com ironia que denunciava sua surda irritação. Aquillo é que é uma familia! Eram ciganos como os que dormem debaixo das pontes. Viviam na velha barraca como naufragos que se aguentam n'um navio desconjuntado; tapando um buraco aqui, espécando acolá, fazendo verdadeiros prodigios para sustentar o colmado e distribuindo os miseros móveis, cuidadosamente esfregados, pelos quartos, que eram d'antes ninho de ratanzas e bicharia.

Quanto a laboriosos, eram um verdadeiro rebanho de esquilos, pois não podiam estar quietos emquanto o pae trabalhava. *Thereza*, a mulher, e *Roseta*, a filha mais velha, com as saias apanhadas entre as pernas e de enchada nas unhas, cavavam com mais ardor que um jornaleiro, descansando apenas para deitar para

trás as grenhas que lhes cahiam sobre a suada e vermelha testa. O filho mais velho fazia continuas viagens a Valencia com a alcofa ao hombro trazendo esterco e lixo, que deitava em duas montureiras á entrada da barraca; e os tres rapazelhos, graves e laboriosos, como se comprehendessem a situação da familia, iam de gatas atrás dos cavadores arrancando dos torrões os duros raizeiros dos arbustos queimados.

Durou aquella faina preparatoria mais d'uma semana, suando e arfando a familia desde o amanhecer até noite.

Estavam alqueivadas metade das terras; Baptiste destorroou-as e lavrou-as com o auxilio do velho e animoso rocinante, que parecia da familia.

Havia que cultival-as; estavam no S. Martinho, época de sementeiras, e o lavrador dividiu em tres partes a terra arroteada. A maior para o trigo, uma ourella mais pequena para semear favas e outra para verde, pois não se podia esquecer o *Morrut*, o velho e querido rocinante. É bem o merecia.

E com a alegria de quem traz má viagem e descobre um porto, procedeu a familia á sementeira. Era o porvir assegurado. As terras da aldeia não enganavam; d'alli sahiria o pão para todo o anno.

A tarde em que terminou a sementeira, avançaram pelo caminho proximo umas tantas ovelhas de sujo vello, que se quedaram medrosas na extrema do campo.

Atrás d'ellas caminhava um velho engelhado, amarelento, com os olhos encovados nas profundas orbitas e a bôcca circumdada por uma aureola de rugas. Andava devagar, a passo firme, porém com o cajado á frente como reconhecendo o terreno.

A familia fitava-o com attenção: era elle o unico que, nas duas semanas que alli estavam,

se atrevia a approximar-se das terras. Ao notar a vacillação das ovelhas, gritou-lhes, para que seguissem.

Batiste sahiu ao encontro do velhote. Não se podia passar: as terras estavam agora cultivadas. Não o sabia?...

Algo tinha ouvido o *tio Tomba*; porém, durante as duas semanas anteriores, levava o rebanho a pastar para o barranco de Carraixet, sem se importar com aquelles campos... Devéras que estavam agora cultivados?

E o velho pastor extendia a cabeça e fazia esforços para ver com seus olhos quasi mortos o audaz que ousava realisar o que em toda a aldeia se julgava impossivel.

Calou-se um bom bocado, e porfim começou a murmurar tristemente:

“Muito mal: elle tambem na sua mocidade fôra atrevido; gostava de levar a sua ávante. Porém quando os inimigos são muitos!... Muito mal; metter-se n’uma grande rascada. Aquellas terras, depois do occorrido com o pobre *Barret*, estavam amaldiçoadas. Podia crer n’elle, que era velho e experimentado, trar-lhe-hiam desgraça.

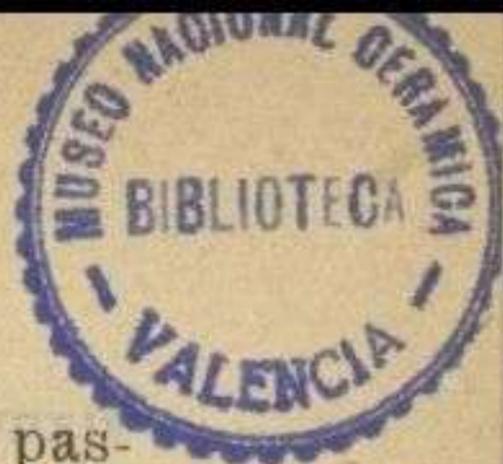
E o pastor chamou o seu rebanho, fel-o seguir pelo caminho, e antes de afastar-se deitou a manta para trás, erguendo os descarnados braços, e com entonação de feiticeiro que adivinha o futuro ou de propheta que prediz a ruina, gritou a Batiste:

— *Acardita, meu filho, hão de ser a tua desgraça!*

D’este encontro resultou um motivo mais de colera para toda a aldeia.

O *Tio Tomba* já não podia metter as ovelhas n’aquellas terras, depois de desfructar pacificamente durante dez annos as suas pastagens.

Não se dizia uma palavra da legitimidade da recusa estando o terreno cultivado: falava-se



sómente do respeito que merecia o velho pastor, homem que na sua mocidade engulia os francezes inteiros, que vira muito mundo, e cuja sabedoria, demonstrada em meias palavras e conselhos incoherentes, inspirava respeito supersticioso á gente das barracas.

Quando Batiste e sua familia viram bem cheias de fecunda semente as entranhas de suas terras, pensaram da vivenda, á falta de trabalho mais urgente.

O campo fazia o seu dever. Já eram horas de pensarem em si proprios.

E pela primeira vez depois da sua chegada á aldeia, sahio Batiste das terras para ir a Valencia carregar no seu carro todos os desperdicios da cidade que podiam ser-lhe uteis.

Aquelle homem era uma formiga afortunada. As montureiras arranjadas por Batistet augmentaram consideravelmente com as expedições do pae. O monte de esterco, que formava uma cortina defensiva deante da barraca, crescia rapido, e mais além amontoavam-se centenas de tijolos partidos, madeira carunchosa, portas descancelladas, janellas feitas em hastilhas, todos os desperdicios dos detrictos da cidade.

A gente da aldeia contemplou com assombro a promptidão e muita arte das laboriosas formigas para arranjar a vivenda.

O colmado da barraca appareceu direito, e o seu madeiramento carcomido pelas chuvas, reformado ou substituido; uma capa de palha nova cobriu os dois planos pendentes do exterior; até as cruzinhas dos extremos fôram substituidas por outras que a navalha de Batiste trabalhou habilidosamente, adornando-lhe as arestas com lavoires; e não havia n'aquellas redondezas colmado que se erguesse mais galhardo.

Os vizinhos, ao notarem como se reformava a barraca de *Barret* endireitando-lhe o colmado,

viam n'isso o que quer que fôsse de offensivo e de provocador.

Depois começou a obra da parte inferior. Que modo de utilizar os entulhos de Valencia! As fendas desappareceram; e terminado o rebôco das paredes, a mulher e a filha caiaram-n'as de branco deslumbrante. A porta, nova e pintada de azul, parecia mãe de todas as janelinhas que mostravam pelos vãos das paredes as quadradas caras da mesma côr; debaixo da latada, fez Batiste um terreiro ladrilhado de tijolos vermelhos, para que as mulheres fôsem para alli coser durante a tarde; o pôço, depois de uma semana de descidas e penosos carretos, ficou limpo de todas as pedras e da imundicie com que a canalha aldeã o entulhara durante dez annos, e outra vez a limpida e fresca agua tornou a subir em muscoso balde com alegre chiada da roldana, que parecia rir-se da vizinhança, com estridentes gargalhadas de velha maliciosa.

Os vizinhos devoravam a sua raiva silenciosos. Ladrão, mas que ladrão! Já era trabalhar. Aquelle homem parecia possuir com seus musculosos braços duas varinhas magicas para transformar tudo quanto tocavam.

Dois mezes depois da sua chegada, ainda não tinha sahido das terras meia duzia de vezes. Sempre alli, a cabeça entre os hombros, embriagando-se no trabalho; e a barraca de *Barret* apresentava um aspecto loução e risonho, como jamais tivera em poder do antigo rendeiro.

O curral, d'antes cercado de podres cannaçados, tinha agora paredes de estacas e barro pintadas de branco, por cima das quaes cacarejavam as fulvas gallinhas e se encrespava o gallo, erguendo a rubra cabeça... No terrado, em frente da barraca, floresciaim massiços de *dompedros* e plantas trepadeiras; uma fila de panellas quebradas pintadas de azul serviam de

vasos sobre o banco de vermelhos tijolos, e pela porta entreaberta, oh! bazofia! via-se o poial novo, forrado de azulejos e os cantaros verdes de vidrado bôjo; um conjunto de reflexos insolentes que feriam a vista a quem passava pelo caminho proximo.

Todos na sua furia crescente iam ter com *Pimentó*. Podia consentir-se aquillo? Que tencionava fazer o temivel marido de Pepeta?

E *Pimentó* coçava a cabeça, ouvindo-os um tanto embaraçado.

Que ia fazer? Era seu intuito dizer duas palavrinhas áquelle adventicio, que se punha a cultivar o que não era seu; uma indicação muito séria para que *não fôsse parvo* e voltasse para a sua terra, pois alli não tinha que fazer.

Porém o demo do homem não sahia dos seus campos, e não era caso para ir ameaçal o em sua propria casa. Isto seria fornecer corpo de delicto para o que pudesse vir a acontecer.

Era mistér ser cauto e defender a retirada. Emfim... alguma paciencia. For si, a unica coisa que podia assegurar, era que o tal sujeito não colheria o trigo, nem as favas, nem nada do que plantara nos campos de *Barret*. Aquillo seria para o demonio.

As palavras de *Pimentó* tranquillisavam os vizinhos, que seguiam com olhares attentos os progressos da maldita familia, desejando em silencio que chegasse depressa a hora da sua ruina.

Uma tarde regressava *Batiste* de Valencia mais contente com o resultado da sua jornada. Não queria em sua casa braços inuteis. *Batistet*, quando não tinha que fazer no campo, occupava-se em ir buscar esterco á cidade. Ficava a pequena, uma mocetona que, terminado o arranjo da barraca, não servia para grande coisa, e, graças á protecção dos filhos de *D. Salvador*, que se mostravam contentissimos com

o novo caseiro, acabava de conseguir que a admittissem n'uma fabrica de sêdas.

A contar do dia seguinte, Roseta fazia parte do rosario de cachopas que, despertado com a alvorada, seguiam por todos os caminhos de saias ondulantes e o cestinho no braço em direcção á cidade, para fiar o sedoso casulo com os seus grossos dedos de filhas da aldeia.

Ao chegar Batiste ás immediações da taberna de *Copa*, appareceu um homem no caminho que sahia d'um carreiro immediato e dirigiu-se para elle lentamente, dando a entender o seu desejo de falar-lhe.

Quedou-se Batiste, lamentando no seu intimo não levar comsigo nem uma navalha vulgar, nem uma foicinha; porém sereno, tranquillo, erguendo a cabeça redonda com a expressão imperiosa tão temida por sua familia, e cruzando sobre o peito os musculosos braços de antigo moço de moinho.

Conhecia aquelle homem, posto nunca tivesse falado com elle: era *Pimentó*.

Dava-se emfim o encontro que tanto temera.

O valentão mediu com um relance de olhos o intruso odiado e falou-lhe com voz melliflua, esforçando-se por dar á sua ferocidade e más intenções um accento de bondoso conselho.

Queria dizer-lhe duas palavras: havia tempo que o desejava, mas como, se nunca sahia de suas terras?

— Duas palavrinhas, nada mais.

E proferiu o par de palavras aconselhando-o a que deixasse quanto antes as terras do *tio Barret*. Devia acreditar nos homens que lhe queriam bem; nos que conheciam a aldeia. A sua presença alli era uma offensa; e a barraca quasi nova era um insulto á pobre gente. Devia acreditar n'elle e tratar de ir para outra parte com a familia.

Batiste sorria ironicamente ouvindo *Pimentó*,

que parecia confundido com a serenidade do intruso; aniquilado ao encontrar um homem que não sentia medo deante de si.

Ir-se embora? Não havia pimpão que o fizesse abandonar o que era seu, o que estava regado com o seu suor e que representava o pão de sua familia. Era de natural pacifico; mas, se puxassem por si, era homem para qualquer outro. Que tratasse cada qual da sua vida, que elle faria o mesmo, sem faltar aos seus deveres com ninguem.

E passando por deante do valentão, seguiu seu caminho, voltando-lhe as costas com desprezo.

Pimentó, acostumado a que o temesse toda a aldeia, estava cada vez mais desconcertado pela serenidade de *Batiste*.

— É a ultima palavra? — gritou-lhe quando estava já a alguma distancia.

— Sim; a ultima — respondeu-lhe *Batiste*, sem se voltar.

E seguiu para deante, desapparecendo n'uma curva do caminho. Ao longe, na antiga barraca de *Barret*, ladrava um cão farejando a aproximação do dono.

Ao ficar só, *Pimentó* recobrou a altivez. Christo! E como aquelle tio chasqueara de si! Mastigou algumas maldições, e, cerrando o punho, apontou ameaçador a curva de caminho por onde desappareceu *Batiste*.

— Tu m'as pagarás... Has de pagar m'as, patego!

Na sua voz trémula de raiva, vibravam condensados todos os odios da aldeia.

IV

Era quinta-feira, e, segundo um costume que datava de cinco seculos, o Tribunal das Aguas ia reunir-se á porta da cathedral chamada dos Apostolos.

O relógio do Miguelete marcava pouco mais das dez horas, e os camponios juntavam-se em grupos ou sentavam-se no tanque da sêcca fonte que embellezava a praça, formando em redor da taça uma animada grinalda de mantas azues e brancas, lenços vermelhos e amarellos e saias de chita de côres claras.

Chegavam uns de sendeiros á arreata, com os ceirões carregados de esterco, contentes com a apanha feita nas ruas; outros em carros vazios, procurando enternecer os zeladores municipaes para que os deixassem permanecer alli; e enquanto os velhos conversavam com as mulheres, os novos mettiam-se no botequim proximo para matar o tempo deante do copo de aguardente, mastigando o charuto de tres centimos.

Toda a aldeia que tinha aggravos a derimir estava alli, gesticulante e carrancuda, falando dos seus direitos, impaciente por desfiar perante os syndicos ou juizes das sete levadas o interminavel rosario das suas queixas.

O meirinho do tribunal, que contava mais de cincoenta annos de lucha com aquella sucia insolente e aggressiva, collocava á sombra da ogival portada as peças de um comprido sofá de velho damasco, e extendia depois uma grade delimitando o espaço do passeio que tinha de servir de sala de audiencia.

A porta dos Apostolos, velha, avermelhada,

corroída pelos seculos, ostentando as suas esboroadas bellezas á luz do sol, constituia um fundo digno do antigo tribunal: era como um docel de pedra feito para abrigar uma instituição de cinco seculos.

No tympano apparecia a Virgem com seis anjos de rigidas alvas e azas de curta plumagem, bochechudos, com chammejante topete e pesados caracoos, tocando viola e flauta, charamela e tambor. Corriam pelos tres arcos sobrepostos da fachada, tres grinaldas de figurinhas, anjos, reis e santos, mettidos em nichos; nos baldaquinos da fachada, exhibiam-se os doze apóstolos; porém tão desfigurados, tão mutilados, que os não reconheceria Jesus; os pés roídos, o nariz partido, as mãos decepadas; uma fila de figurões, que mais que apóstolos pareciam enfermos, fugidos d'uma enfermaria, mostrando dolorosamente os disformes côtos. Em cima e como remate da fachada, abria-se qual gigantesca flor coberta com uma rêde, a rosacea de côres que dava luz á egreja, e em baixo, na base das columnas adornadas com escudos de Aragão, a pedra estava carcomida, as arestas e as folhagens gastas pelo roçar de innumera-veis gerações.

N'este desgaste da fachada, adivinhava-se a passagem da revolta e do motim. Junto d'aquellas pedras agglomerara-se e confundira-se todo um povo; alli se agitara n'outros seculos vociferando e rubro de colera o valencianismo turbulento, e os santos da frontaria, mutilados e resequidos como mumias egypcias, ao fitarem o céu com as cabeças partidas, pareciam estar ouvindo ainda o sino revolucionario da União ou os tiros de arcabuz das Germanias. (1)

(1) Juntas que se formaram em Valencia contra Carlos I.

Acabou o meirinho de preparar o tribunal e poz-se á entrada da grade esperando os juizes.

Iam chegando solemnes, com apparencia de labregos ricos, vestidos de preto, com alpercatas brancas e lenço de sêda debaixo do amplo chapéo. Cada um levava atrás de si um cortejo de guardas de levada de pedinchões que antes da hora da justiça procuravam predispor o ánimo em seu favor.

Os lavradores olhavam com respeito para estes juizes sahidos da sua classe, cujas deliberações não admittiam appellação. Eram os senhores da agua; em suas mãos estava a vida das familias, o alimento dos campos, a rega a tempo, cuja carencia mata uma colheita. E os habitantes da extensa veiga que o rio dividia, que é como insuperavel fronteira, designavam os juizes pelo nome das levadas.

Um vegete sêcco, corcovado, cujas mãos rôxas e cobertas de escamas tremiam ao apoiar-se ao grosso cajado, era Quart de Feitenar; o outro, grosso e majestoso, de olhinhos que mal se viam sob os dois punhados de cabello branco das suas sobranceiras, era Mislata; pouco depois chegava Roscaña, um mocetão de blusa engommada e redonda cabeça de leigo, e atrás d'elles iam-se apresentando os demais até sete; Favara, Robella, Tormos e Mestalla.

Achava-se agora alli a representação das duas veigas; a da esquerda do rio, a das quatro levadas, a que encerra a aldeia de Ruzafa com seus caminhos de frondosa folhagem que vão perder-se nos limites da pantanosa Albufera, e a veiga da direita de Turia, a poetica, a dos morangos de Benimaclet, as chufas de Alboraya e os jardins sempre exuberantes de flores.

Os sete juizes saudavam-se como gente que se não via ha uma semana; falavam dos seus assumptos junto á porta da cathedral, e de quando em quando, ao abrir-se o guarda-vento

cheio de annuncios religiosos, espargia-se pela ardencia do ambiente da praça uma fresca baforada carregada de incenso, o que quer que fôsse como a respiração humida de um logar subterraneo.

A's onze e meia, terminados os officios divinos, quando já não sahia da basilica mais que alguma devota retardatária, começou a funcionar o tribunal.

Sentaram-se os sete juizes no velho sofá; correu de todos os lados da praça a gente aldeã para agglomerar-se em redor da grade, apertando seus suados corpos que cheiravam a palha e a lã grossa, e o meirinho collocou-se, hirto e majestoso, junto á vara rematada por um gancho de bronze, symbolo da aquatica justiça.

Descobriram-se as sete levadas, ficando com as mãos entre os joelhos e olhos no chão, e o mais velho pronunciou a phrase costumada:

— Está aberto o tribunal.

Silencio absoluto. Toda a multidão guardando religioso recolhimento, estava alli, em plena praça, como n'um templo. O ruido das carruagens, o rodar dos americanos, todo o estrepito da vida moderna passava sem roçar nem commover aquella antiquissima instituição, que permanecia alli tranquilla, como quem está em sua casa, insensivel ao tempo, sem reparar na mudança radical de quanto os rodeava, e incapaz de qualquer reforma.

Os habitantes das hortas estavam orgulhosos com o seu tribunal. Aquillo é que era fazer justiça; a penna para o canto e nada de papelada, que é com que se embrulham os homens honrados.

A ausencia do papel sellado e do escrivão que aterra, era o que mais agradava a esta gente, acostumada a encarar com certo terror supersticioso a arte de escrever, que desconhece. Alli não havia secretario, nem pennas,

nem dias de angustia aguardando a sentença, nem guardas terroríficos, nem nada mais que palavras.

Os juizes guardavam as declarações na memoria e sentenciavam em seguida com a tranquillidade de quem sabe que as suas decisões serão cumpridas. O que se mostrava insolente para com o tribunal, multa; o que se negava a cumprir a sentença, tiravam-lhe a agua para sempre e morria de fome.

Ninguem brincava com aquelle tribunal. Era a justiça patriarchal e simples de bom rei das lendas, que vinha pela manhã á porta do palacio para resolver as queixas dos seus subditos; o systema judicial de chefe de cabila, sentenciando á entrada da tenda. Assim; assim é como se castigam os larapios e triumpham quem é honrado e ha paz.

E o publico, que não queria perder palavra, homens, mulheres e creanças comprimiam-se de encontro á grade, agitando-se algumas vezes com violentos movimentos das costas para evitarem a asphyxia.

Iam comparecendo os queixosos do outro lado da grade, perante o sofá tão veneravel como o tribunal.

O meirinho guardava lhes os páus e cajados, considerando-os como armas offensivas incompativeis com o respeito devido ao tribunal; empurrava os até ficarem postados a poucos passos dos juizes, com a manta dobrada sobre as mãos; e se eram tardos em se descobrirem, arrancava-lhes de um repelão o lenço da cabeça. Cruel! A'quella gente velhaca era preciso tratá-la assim.

Era o desfile uma continua exposição de questões intrincadas, que os juizes leigos resolviam com facilidade pasmosa.

Os guardas das levadas e os *repartidores* encarregados de estabelecer o turno de rega for-

mulavam as denúncias e compareciam os querelados defendendo se com razões. O velho deixava falar os filhos que sabiam expressar-se com mais energia; a viuva comparecia acompanhada de algum amigo do defuncto, decidido protector que usava da palavra por ella.

O ardor meridional resumava em todos os arrazoados.

Em meio da denuncia, o querelado não podia conter-se.

“Mentira! O que diziam era uma falsidade, uma infamia! Queriam perdel-o!”

As sete levadas, porém, acolhiam taes interrupções com furibundos olhares. Alli ninguem podia falar emquanto lhe não chegasse a vez. A segunda interrupção, pagaria tantos soldos de multa. E havia cabeçudo que pagava soldos e mais soldos, impellido pela ardente vehemencia, que lhe não consentia calar-se perante o accusador.

Os juizes, sem abandonarem o banco, juntavam as cabeças como cabras brinconas, cochinchavam baixinho alguns segundos e o mais velho, com voz pausada e solemne, proferia a sentença, marcando as multas em libras e soldos, como se a moeda não tivesse experimentado nenhuma transformação e ainda fôsse a passar pelo centro da praça a majestosa Justiça com a sua garnacha encarnada e a escolta de bésteiros da Penna.

Era mais de meio dia, e as sete levadas começavam a mostrar-se cansadas de tanto derrear prodigamente o caudal da sua justiça, quando o meirinho chamou aos berros por Baptista Borrull, denunciado por infracção e desobediencia na rega.

Atravessaram a grade *Pimentó* e *Batiste*, e a demais gente se comprimiu mais de encontro aos ferros. Viam se alli muitos dos que viviam nas immediações das antigas terras de *Barret*.

Aquelle julgamento era interessante. O odiado novato fôra denunciado por *Pimentó*, que era o repartidor do logar.

O valentão, mettendo-se em eleições e galopinando por todas aquellas redondezas, conquistara este cargo, que lhe dava um certo ar de auctoridade, e consolidava-lhe o prestigio entre os vizinhos, que lhe faziam muita festa e convidavam nos dias de rega.

Batiste estava assombrado pela injusta denuncia. A sua pallidez era de indignação. Olhava colerico para todas as caras conhecidas e chasqueantes que se agrupavam na grade e para o seu inimigo *Pimentó*, que se bamboleava com altivez, como homem habituado a comparecer perante o tribunal e a quem correspondia uma pequena parte da sua indiscutivel auctoridade.

— Fale você — disse adeantando um pé a levada mais velha, pois por máu hábito secular, o tribunal, em vez de usar das mãos, indicava com a branca alpercata quem devia falar.

Pimentó formulou a sua accusação. O homem que estava junto de si, talvez por ser novo na aldeia, suppunha que a divisão da agua era coisa de troça e que podia fazer o que lhe d'esse na vontade.

Elle *Pimentó*, elle repartidor, elle que representava a auctoridade da levada no seu povo, marcara a Batiste a hora para regar o seu trigo. As duas da manhã. Mas sem dúvida que este senhor, não querendo levantar-se áquella hora, deixara perder a vez, e ás cinco, quando a agua era para outros, levantara a adufa sem licença de ninguem (primeiro delicto), roubara a rega aos outros vizinhos (segundo delicto) e tentara regar os seus campos, querendo oppor-se, á viva força, ás ordens do repartidor, o que constituia o terceiro e ultimo delicto.

O triplice delinquente, fazendo-se de mil cô-

res e indignado com as palavras de *Pimentó*, não pôde conter-se.

— Mentira, refinadissima mentira!

O tribunal indignou-se perante a energia e falta de respeito com que protestava aquelle homem.

Que se se não conservasse em silencio impor-lhe-hiam uma multa. De que serviam, porém, as multas para a sua reconcentrada colera de homem pacifico! Continuou protestando contra a injustiça dos homens, contra o tribunal que tinha por servidores uns malandros e mentirosos como *Pimentó*.

Agitou-se o tribunal, encapellaram-se as sete levadas.

— Quatro soldos de multa!

Batiste, cahindo em si, remetteu-se ao silencio, assustado por ter incorrido em multa, emtanto que entre o publico resoavam as risadas e os uivos de alegria dos seus inimigos.

Quedou-se immovel, cabisbaixo e de olhos embaciados por lagrimas de furor, emquanto o seu brutal inimigo acabava de formular a denuncia.

— Fale você — disse-lhe o tribunal. Porém no olhar dos juizes notava-se pouca sympathia por aquelle desordeiro que vinha perturbar com os seus protestos a solemnidade das deliberações.

Batiste, trémulo de raiva, balbuciou, não sabendo como principiar a sua defesa, por isso mesmo que a considerava justissima.

Fôra enganado; *Pimentó* era um embusteiro e demais seu inimigo declarado. Dissera-lhe que a sua hora de rega era ás cinco, recordava-se muito bem, e agora affirmava que era ás duas; tudo para que incorresse em multa, para matar os trigos, que representavam a vida de sua familia...

Valia para o tribunal a palavra d'um homem

honrado? Pois esta era a verdade, embora não pudesse apresentar testemunhas. Parecia impossível que os srs. syndicos, todos boas pessoas, se fiassem n'um malandrim como *Pimentó!*

A branca alparcata do presidente feriu a lage do passeio conjurando a chuvada de protestos e faltas de respeito que via ao longe.

— Cale-se você.

E Baptista calou se, emtanto que o monstro das sete cabeças, encrespando se no sofá de damasco, cochichava preparando a sentença.

— O tribunal condemna ... — disse a levada mais velha e fez-se um silencio absoluto.

Toda a gente da grade mostrava nos olhos certa anciedade como se fôsse ella o réo. Estava pendente dos labios do velho syndico.

— Baptista Barrull na pena de duas libras e mais quatro soldos de multa.

Espalhou-se um murmurio de satisfação e até uma velha começou a dar palmas gritando victoria! victoria! entre as risadas da gente.

Batiste sahiu cego do tribunal, de cabeça baixa como se fôsse a arremetter, e *Pimentó* deixou-se ficar prudentemente no mesmo sitio.

Se aquella gente não abre caminho para lhe dar passagem, não ha dúvida que descarregaria os punhos de homem possante, soccando alli mesmo a canzuada hostile.

Retirou-se. Ia a casa dos senhorios contar-lhes o occorrido, a má vontade d'aquella gente, empenhada em amargurar-lhe a existencia; e uma hora depois, já mais socegado pelas boas palavras dos patrões, poz-se a caminho de casa.

Insupportavel tormento. Caminhando junto aos carros carregados de estrume, ou montados nos burricos sobre os seirões vazios, topava pela estrada de Alboraya muitos dos que presenciaram o seu julgamento.

Era gente inimiga, vizinhos a quem nunca saudava.

Ao passar junto d'elles, calavam-se, faziam esforços por conservar a gravidade, posto lhes brilhasse nos olhos a alegre malicia; porém, á medida que se distanciava, estrugiam-lhe pelas costas insolentes risadas e até ouviu a voz de um rapazote que, arremedando o grave tom do presidente, gritava:

— Quatro soldos de multa!

Viu de longe, á porta da taberna de *Copa*, o seu inimigo *Pimentó* de pichel na mão, no centro de uma roda de amigos gesticulando e rindo como se imitasse os protestos do denunciado. A sua condemnação era motivo de regosijo para a aldeia: todos, todos riam.

Santo Deus! Agora comprehendia elle, homem de paz e pae bondoso, porque é que os homens matam.

Tremiam-lhe os possantes braços e sentia uma cruel comixão nas mãos. Foi moderando o passo ao approximar-se da casa de *Copa*: queria vêr se zombavam de si na sua presença.

Até pensou, caso extranho, em entrar pela vez primeira na taberna, para beber um copo de vinho nas bochechas dos seus inimigos; porém as libras de multa pesavam-lhe no coração e arrependeu-se da sua generosidade. Ditasas duas libras. Aquella multa era uma ameaça para o calçado de seus filhos; lá se ia o pé de meia que *Thereza* juntara para comprar alpercatas novas aos pequenos.

Ao passar defronte da taberna, metteu se *Pimentó* para dentro, a pretexto de encher o pichel, e os amigos fingiam não terem visto *Batiste*.

O seu aspecto de homem resolvido a tudo impunha respeito aos inimigos.

Um tal triumpho, porém, enchia-o de tristeza. Como aquella gente o odiava! A veiga inteira levantava-se deante d'elle a todas as horas carrencuda e ameaçadora. Aquillo não era viver.

Até de dia evitava sahir, para não encontrar-se com os vizinhos.

Não os temia, porém como homem prudente evitava questões.

De noite, dormia sobresaltado, e muitas vezes, ao menor latido do cão, saltava da cama abaixo, sahia para fora da barraca, de escopeta em punho, e ainda assim pareceu-lhe vêr, em mais d'uma occasião, negros vultos que fugiam pelos carreiros proximos.

Receava pela sua colheita, pelo trigo, que era a esperança da familia e cujo crescimento acompanhavam silenciosos todos os da barraca com ávido olhar.

Sabia das ameaças de *Pimentó*, que, apoiado pela aldeia em pêso, jurava que aquelle trigo não seria ceifado por quem o semeara, e *Batiste* quasi esquecia os proprios filhos para pensar nos seus campos, na verde folhagem que ia crescendo sob os raios do sol e havia de converter-se em loiros montões de espigas.

O odio silencioso e reconcentrado seguia-o pelo seu caminho. Afastavam-se as mulheres franzindo os labios, sem se dignarem saudal-o, como é costume na aldeia; os homens que trabalham nos campos á beira da estrada, chamavam uns pelos outros com expressões insolentes, que indirectamente se dirigiam a *Batiste*; e os garotitos lá ao longe gritavam: *patego! judeu!* sem accrescentarem mais nada a semelhantes insultos, como se estes só fôsem applicaveis ao inimigo da aldeia.

Ah! se elle não tivesse pulsos de hercules, bom costado e aquella cara de poucos amigos, depressa a aldeia daria cabo d'elle! Esperando cada um que fôsse o vizinho o primeiro a afoitar-se, contentavam-se em hostilisal-o de longe. *Batiste*, no meio da tristeza que lhe infundia aquelle vácuo, experimentou uma leve satisfação. Cêrca já da barraca, quando ouvia os lati-

dos do cão, que o presentira, viu um ropazote, crescido, que, sentado n'um socalco, com a foicinha debaixo do braço e tendo ao lado uns feixes de mato roçado, ergueu-se para o saudar.

— Bom dia, sr. Batiste!

E a saudação, a voz trémula de rapaz tímido com que falou, impressionaram-no agradavelmente.

Pouca coisa era o affecto d'aquelle pequeno, e todavia experimentou a impressão do encalmado ao sentir o frescor da agua.

Fitou com carinho os seus grandes olhos azues, a cara rosada coberta por uma pennugem loira, e procurou na sua memoria quem era aquelle moço. Por fim lembrou-se que era o neto do *tio Tomba*, o pastor cego a quem toda a aldeia respeitava; um bom rapaz que servia como creado o carnicheiro de Alboraya, de cujo rebanho o velho cuidava.

— Obrigado, rapaz, obrigado — murmurou, agradecendo a saudação.

E seguiu para deante, sendo recebido pelo cão, que saltava na sua frente, esfregando-se-lhe pelas calças.

A' porta da barraca, estava a mulher rodeada dos pequenos, esperando impaciente, por ter já passado a hora de jantar.

Batiste olhou para os seus campos, e toda a colera soffreada uma hora antes perante o Tribunal das Aguas, veio-lhe de golpe como onda furiosa invadir-lhe o cerebro.

O seu trigo tinha sede. Bastava vê-lo; a folha enrugada, o tom verde, d'antes tão lustroso, e agora com amarella transparencia. Faltava-lhe a rega, a tarefa que *Pimentó* lhe roubara com as suas astucias de máu homem, e que só tornaria a pertencer-lhe passados quinze dias, porque a agua escasseava; e em cima d'esta desdita, o rosario condemnatorio de libras e soldos de multa. Santo Deus!...

A pobre Thereza ouvia o marido, pallida, com a commoção da camponeza que sente picadas no coração quando desfizer o nó da meia que contém o dinheiro no fundo da arca. Rainha soberana! Estavam apostados a arruiná-los! Que desgosto á hora de jantar!

E deixando cahir a colher dentro do tacho do arroz, choramingava, bebendo as proprias lagrimas. Depois congestionava-se, com repentina furia, olhava para a faixa de veiga que se via através da porta, com as respectivas barracas e a folhagem verde, e extendendo os braços, gritava:— Corja de gatunos!

Os petizes, assustados com o ar carrancudo do pae e com os gritos da mãe, não se atreviam a comer. Olhavam uns para os outros com indecisão e extranheza, coçavam o nariz para fazer alguma coisa e acabavam todos por imitar a mãe, chorando sobre o arroz.

Batiste, excitado pelo côro de gemidos, levantou-se furioso; quasi que ia cahindo a mesita com um murro que lhe deu, e sahiu pela barraca fora.

Que tarde!... a sêde do trigo e a lembrança da terrivel multa eram dois ferozes mastins que lhe filavam o coração. Quando um, cansado de o morder, ia deitar-se, chegava o outro a todo correr e cravava-lhe a dentuça.

Quiz distrahir-se, esquecer trabalhando, e entregou se com toda a boa vontade á obra que tinha entre mãos: uma pocilga que estava construindo junto do curral.

O trabalho, porém, não luzia. Abafava dentro das paredes: necessitava ver os seus campos como os que necessitam contemplar a sua desgraça para se engolfarem na voluptuosidade da dôr. E com as mãos cheias de barro tornou a sahir da barraca e quedou se deante da sua leira de murcho trigo.

A poucos passos, á beira do caminho, passava

murmurando a levada, trasbordando de agua rubra.

O sangue vivificante ia para longe, para outros campos cujos donos não tinham a desventura de serem odiados; e o seu pobre trigo allí, enrugando-se, languescendo, contrahindo as verdes espigas como se pedisse á agua corresse para elle e o acariciasse com o frescor de seus beijos.

Parecia ao pobre Batiste que o sol aquecia mais que nos outros dias. Declinava o astro no horizonte, e, todavia, o pobre homem imaginava que os seus raios eram verticaes e o incendiavam todo.

Gretava-se-lhe a terra, abria-se em tortuosas fendas, formando mil bôccas que em vão esperavam um sorvo d'agua.

O seu trigo não aguentaria decerto a sêde até a proxima rega. Morreria, cahiria sêcco, a familia ficaria sem pão; e depois de tanta miseria, multa em cima... E ainda falam se um homem faz das suas!...

E as leiras proximas da sua irritavam-n'o. Ah! *Pimentó!* Grandissimo malandro!... Se não houvesse Guarda civil!

E á semelhança de naufragos agonisantes de fome e sêde que no seu delirio só vêem interminaveis mesas de festim e crystallinos mananciaes, Batiste via confusamente campos de trigo com as hastes verdes e direitas e a agua entrando, a borbotões, pelos rêgos, extendendo-se com um tremor luminoso como se se risse suavemente, ao sentir as cócegas da terra sequiosa.

Ao pôr-se o sol, Batiste experimentou certo allivio, como se o astro se tivesse apagado para sempre e a colheita ficasse salva.

Afastou-se dos seus campos, da sua barraca, e foi insensivelmente pelo caminho adiante, a passo lento, até a taberna do *Copa*. Já não pen-

sava que havia Guarda civil e acolhia com certa complacencia a possibilidade de um encontro com *Pimentó*, que não devia andar longe da taberna.

Vinham para o lado d'elle, pela beira do caminho, os velozes rosarios de moças, cesta no braço e saias ao vento, de regresso das fabricas da cidade.

A aldeia ia-se tornando azulada; ao fundo, sobre as escuras montanhas, coloriam-se as nuvens com resplendor de longinquo incendio; do lado do mar, tremiam no infinito azul as primeiras estrellas; uivavam os cães, e com o canto monotonico das rãs e dos grillos, confundia-se o chiar dos carros invisiveis afastando-se por todos os caminhos da immensa planeza.

Batiste viu vir a filha, separada de todas as raparigas, caminhando a passo lento. Mas não só. Pareceu-lhe ver que falava com um homem que seguia a mesma direcção que ella, posto que um tanto separado, como vão sempre os noivos da aldeia, para os quaes a approximação é signal de peccado.

Ao distinguir Batiste no meio do caminho, o homem foi retardando o andamento e ficou a distancia, quando Roseta chegou junto do pae.

Este conservou se immovel, desejou que o desconhecido passasse adeante, para o conhecer.

— Boa noite, senhor Batiste.

Era a mesma voz timida que o saudara ao meio dia. O neto do *tio Tomba*. Aquelle traidor parecia não ter outra occupação do que vaguear pelos caminhos e saudal-o, mettendo-se-lhe pelos olhos com as suas blandicias.

Fitou a filha, que córara baixando os olhos.

— P'ra casa, p'ra casa!... Eu te arranjarei!

E com toda a terrivel majestade de pae latino, senhor absoluto dos filhos e mais propenso a infundir medo que a inspirar affecto,

começou a andar, seguido pela trémula Roseta, que, ao approximar-se da barraca, suppunha caminhar para uma sova infallível.

Enganava-se. O pobre pae não tinha n'aquelle momento mais filhos no mundo que a sua colheita, o pobre trigo doente, enrugado, sedento, que o chamava em gritos pedindo um sorvo para não morrer.

E n'isto pensou emquanto sua mulher preparava a ceia. Roseta andava de um lado para outro fingindo occupaões, para não attrahir a attenção, esperando a cada momento o estalar da terrível colera. E Batiste continuava pensando no seu campo, sentado deante da mesita, rodeado da petizada, que, á luz da candeia, fitava com avareza o tacho fumegante de bacalhau com batatas.

A mulher, todavia, suspirava, ao pensar na multa; estabelecendo decerto comparaões entre a fabulosa quantia que iam arrancar-lhe e o desembaraço com que toda a familia dava ao queixo.

Batiste mal comia, occupado em contemplar a voracidade dos seus. Batistet, o filho mais velho, até se apoderava, fingindo-se distraído, do mendrugo dos pequenos. A Roseta, o medo dava-lhe um appetite feroz.

Nunca, como então, avaliou Batiste a carga que tinha ás costas. Aquellas bôccas que se abriam para tragar as escassas economias da familia, ficariam sem alimento se o que estava fora seccasse.

E tudo por que? Pela injustiça dos homens, porque ha leis para incommodar os trabalhadores honestos... Não devia passar por isso. A familia primeiro que tudo. Não se sentia capaz de defender os seus dos maiores perigos? Não tinha obrigação de os manter? Homem era elle capaz de dar em ladrão para os sustentar. Por que havia, pois, de submeter-se, quando

se não tratava de roubar mas sim de dar vida á colheita, ao que era muito seu?

A imagem da levada arrastando, a pouca distancia, o murmurante caudal, para os outros, martyrisava-o. Enfurecia-o ver a vida passar junto da porta sem poder aproveitá-la, porque assim o queriam as leis.

Ergueu-se de repente, como homem que toma uma resolução e tudo atropela para cumpril-a.

— Toca a regar! Toca a regar!

A mulher assustou-se, adivinhando de relance todo o perigo da desesperada resolução. Por Deus, Batiste!... Impor-lhe hiam maior multa; talvez os do tribunal, offendidos pela rebeldia, lhe tirassem a agua para sempre. Convinha reflectir. Era melhor esperar.

Batiste, porém, tinha a colera firme dos homens phlegmaticos e pachorrentos que, em perdendo a serenidade, tarde a recuperam.

— Toca a regar! Toca a regar!

E Batistet, repetindo contente as palavras do pae, pegou nas enchadas e sahiu da barraca seguido pela irmã e pelos pequenos.

Todos queriam tomar parte n'aquelle trabalho, que parecia uma festa.

A familia sentiu o alvoroço de um povo que com a rebeldia recupera a liberdade.

Caminharam todos para a levada que murmurava na sombra. Perdia-se a immensa veiga na azulada penumbra; ondulavam os canna-viaes como rumorosas e escuras massas, e as estrellas pestanejavam no espaço.

Batistet metteu-se na levada até os joelhos, baixando a adufa que havia de conter as aguas, enquanto o filho, a mulher e a propria filha rasgavam a terra a enchadadas, abrindo regos por onde entrava a rega em borbotões.

Toda a familia experimentava uma sensação de frescura e de bem-estar.

A terra cantava de alegria com um guloso

glu glu que chegava ao coração de todos elles. Bebe, bebe, pobrezinha! E enterravam os pés na lama, indo agachados de um lado a outro do campo, para ver se a agua chegava a toda a parte.

Batiste mugia com a satisfação cruel que produz o gôso do prohibido. Que pêso tirava de cima de si!... Podiam vir agora os do tribunal e fazer o que quizessem. O campo bebia; era isto o importante.

E como o seu apurado ouvido de homem habituado á solidão julgasse perceber certo rumor extranho nos cannaviaes proximos, correu á barraca e regressou em seguida, empunhando a nova escopeta.

Com a arma sobre o braço e o dedo no gatilho, esteve mais de uma hora junto da adufa.

A agua não passava para deante; derramava-se pelos campos de Batiste, que bebiam e tornavam a beber com a sêde do hydropico.

Talvez que os de baixo se queixassem; talvez que *Pimentó*, prevenido como repartidor, rondasse pelas immediações, indignado pela insolita offensa á lei.

Batiste, porém, estava alli, como sentinella da sua colheita, desesperado heróe da lucta pela familia, guardando os seus, que se moviam no campo guiando a rega, disposto a mandar um tiro ao primeiro que tentasse restabelecer o curso da agua.

Era tão feroz a attitude do homemzarrão que avultava immovel no meio da levada; adivinhava-se n'aquelle negro phantasma tal resolução de receber a tiro quem se apresentasse na sua frente, que ninguem sahio dos cannaviaes proximos, e os campos beberam durante uma hora, sem o menor protesto.

E o que é mais extranho; na quinta-feira seguinte, o repartidor não o fez comparecer perante o Tribunal das Aguas.

A aldeia estava inteirada de que na antiga barraca de *Barret* o unico objecto de valor era uma espingarda de dois canos, comprada recentemente pelo intruso, com a paixão africana do valenciano, que de bom grado se priva de pão, para ter atrás da porta da sua vivenda uma arma nova que excite invejas e inspire respeito.

V

Todos os dias de madrugada, saltava da cama Roseta, a filha de Batiste, e com os olhos inchados pelo somno, extendendo os braços com gentis espreguiçamentos que lhe faziam tremer todo o corpo de loira esbelta, abria a porta da barraca.

Chiava a roldana do pôço, saltava ladrando de alegria junto ás suas saias o feio pudengo que passava as noites fora da barraca, e Roseta, á luz das ultimas estrellas, deitava na cara e nas mãos um balde cheio de agua fria tirada d'aquelle furo redondo e lôbrego, coroado na parte superior por espessos tufos de hera.

Depois, á luz da candeia, andava pela barraca preparando-se para a jornada até Valencia.

A mãe seguia-a da cama, e sem a ver, fazendo-lhe várias observações. Podia levar o que sobrou da ceia: com isso e tres sardinhas que estavam na prateleira, tinha bastante. Cuidado em não quebrar o tacho, como no outro dia. Ah! E que se não esquecesse de comprar fio, agulhas e umas alpercatas para o pequeno. Criatura mais desastrada!... Na gaveta da mesinha encontraria o dinheiro.

E enquanto a mãe dava uma volta na cama, docemente acariciada pelo calor da alcôva, disposta a dormir mais meia hora junto do enorme Batiste, que resonava ruidosamente, Roseta continuava nas suas evoluções. Punha a misera comida n'uma cesta, passava o pente pelos cabellos de um loiro claro, como se o sol lhes tivesse comido a côr, atava o lenço por baixo

do queixo e, antes de sahir, ia ver, com o carinho de irmã mais velha, se os pequenos estavam bem cobertos, inquieta por causa da petizada, que dormia no chão, na sua propria alcôva e deitada por ordem, do maior ao mais pequeno, desde o grandalhão Batistet até o pequerrucho que mal falava, e que pareciam os tubos de um orgão.

— Então, adeus! Até á noite! — gritava a desexovalhada rapariga mettendo o braço pela aza da cesta, e fechava a porta da barraca, deitando a chave por debaixo...

Já era dia. A' luz azulada do amanhecer, via-se pelos corregos e estradas o desfilar laborioso caminhando n'uma unica direcção, attrahido pela vida da cidade.

Passavam os grupos de airosas fiandeiras caminhando com um passo igual, movendo com garbo o braço direito, que cortava o ar como um forte remo e grasnando todas em côro cada vez que algum mocetão as saudava dos campos vizinhos com graçolas pesadas.

Roseta caminhava sósinha para a cidade, Bem sabia a pobre rapariga o que eram as companheiras, filhas e irmãs dos que tanto odiavam sua familia.

Algumas d'ellas trabalhavam na sua fabrica e a pobre loirita, mais de uma vez, fazendo das tripas coração, teve de defender-se á unhada. Aproveitando as suas distracções, atiravam-lhe coisas sujas para dentro da cesta da comida: quebraram-lhe o tacho um sem numero de vezes, e não passavam junto d'ella, na officina, que deixassem de empurrar a para cima da fumegante caldeira onde se deitava o casulo, chamando-lhe esfomeada e dedicando outros elogios parecidos a ella e á familia.

No caminho, fugia de todas ellas como de um tropel de furias e só se sentia tranquilla ao ver-se dentro da fabrica: um casarão antigo

cêrca do Mercado, cuja fachada, pintada a fresco um seculo antes, conservava todavia, entre manchas e fendas, certos grupos de pernas rosadas e cabeças de perfil de côr bronzeada, restos de medalhões e pinturas mythologicas.

Roseta era de toda a familia a mais parecida com o pae: uma fera para o trabalho, como dizia Batiste de si proprio. O vapor ardente das panellas em que se mettia o casulo subia-lhe á cabeça, escaldando-lhe os olhos; mas, apesar d'isso, estava sempre firme no seu logar, procurando no fundo da agua a ferver os fios soltos d'aquellas capsulas de sêda macia d'uma suave côr de caramelo, em cujo interior acabava de morrer tisonado o bicho laborioso, a larva de preciosa baba, pelo delicto de ter fabricado um rico carcere para a sua transfiguração em mariposa.

Reinava em todo o casarão o estrépito do trabalho, ensurdecador e fadigoso para as filhas da aldeia, acostumadas á serenidade da immensa planura, onde a voz se transmite a distancia enorme. Em baixo, mugia a machina de vapor, dando bufidos espantosos que se transmittiam pelas multiplices tubagens; giravam roletes e fusos com um estrépito de mil diabos, e como se não bastasse tanto ruido, as fiandeiras, conforme o tradicional costume, cantavam em côro, com voz fanhosa, o *Padre Nosso*, a *Ave Maria* e o *Gloria Patri*, com a mesma toada do rosario que a aldeia rezava aos domingos de madrugada.

Tudo isto não impedia que rissem cantando, e que á calada, entre uma e outra oração, se insultassem, e apalavrassem para se esganharem á sahida, pois aquellas cachopas morenas, escravizadas pela rigida tyrannia que reina na familia aldeã e obrigadas, por preocupação hereditaria, a estar sempre deante dos homens com os olhos no chão, eram alli verda-

deiros demonios, juntas e sem freio, comprazendo-se as suas linguas em soltar tudo que ouviam pela estrada a carreteiros e lavradores.

Era Roseta a mais calada e laboriosa. Para se não distrahir no trabalho, não cantava; nunca provocou reprehensões, e tinha tal facilidade em apprender tudo, que em poucas semanas ganhava oito vintens diarios, quasi o maximo do jornal, com grande inveja das demais.

Quando o desordenado bando sahia da fabrica, á hora de jantar, para engulir o conteúdo dos tachos, formando roda no passeio ou nos portaes proximos, provocando os homens com insolentes olhares para que lhes dissessem algo e grasnarem depois fingidamente escandalizadas, rompendo n'um tiroteio de insultos, Roseta deixava-se ficar a um canto da officina sentada no chão, com duas ou tres boas raparigas que eram de outra aldeia, da margem direita do rio, e ás quaes não interessava a historia do *tio Barret* nem os odios das companheiras.

Nas primeiras semanas, via Roseta com certo terror a chegada do anoitecer e com elle a hora da sahida.

Temendo as companheiras, que seguiam o mesmo caminho d'ella, entretinha-se na fabrica algum tempo, deixando-as sahir adeante como um tufão, donde partiam ruidosas risadas, adejos de saias, atrevidos dichotes, e um odor de saude, de membros asperos e duros.

Caminhava indolente pelas ruas da cidade nos frios crepusculos de inverno, fazendo compras para a mãe, detendo-se embebida deante dos mostruarios que começavam a illuminar-se, e porfim, passando a ponte, enfiava pelos escuros becos dos arrabaldes que iam dar á estrada de Alboraya.

Até aqui, tudo ia bem. Depois, porém, che-

gava á escura aldeia, com os seus ruidos mysteriosos, os seus vultos negros e alarmantes que passavam junto d'ella saudando-a com um *Boa noite!* lugubre; e começava o medo, o bater de queixo.

E não era que a intimidassem o silencio e a escuridão. Como boa filha do campo, estava acostumada a isso. A certeza de que não encontraria ninguem no caminho, dar-lhe-hia confiança. No seu terror, nunca pensava, como as companheiras, em mortos, em bruxas ou phantasmas; os vivos é que a inquietavam.

Recordava com crescente pavor certas historias da aldeia ouvidas na fabrica: o medo que os pequenos tinham a *Pimentó* e outros rufiões que se reuniam em casa de *Copa*; uns desalmados que belliscavam as cachopas fôsse onde fôsse e as empurravam para o fundo das regueiras ou as faziam cahir detrás dos palheiros. E Roseta, que já não era innocente depois que entrara para a fabrica, deixou correr a imaginação até os ultimos confins do horrivel e julgava se assassinada por um dos taes monstros, com o ventre aberto e retalhada por dentro como as creanças de que rezavam as lendas da aldeia, ás quaes mysteriosos verdugos tiravam as enxundias, confeccionando milagrosos remedios para os ricos.

Nos crepusculos de inverno escuros e muitas vezes chuvosos, vencia Roseta, tremendo, mais de metade do caminho. O transe, porém, mais cruel, o obstaculo mais temivel ficava quasi ao cabo, cêrca da sua barraca, e era a famosa taberna de *Copa*.

O covil da fera encontrava-se alli. Era este trecho de caminho o mais concorrido e mais illuminado. Rumor de vozes, estrugir de risadas, toques rasgados de viola e descantes em altos berros, sahiam por aquella porta inflammada como a bôcca de um fôrno, que projectava no

negro caminho um rectangulo de luz vermelha em que se via agitarem-se grotescas sombras. E todavia, a pobre fiandeira, ao chegar cêrca d'alli, quedava-se indecisa, trémula como as heroínas dos contos á beira da cova do papão, disposta a metter-se pelos campos dentro para dar a volta por detrás do edificio, a occultar-se na levada que bordava a estrada e deslizar agachada por entre os socalcos, disposta fôsse ao que fôsse, menos a passar defronte da avermelhada garganta que despedia o estrépito da embriaguez e da brutalidade.

Porfim, decidia-se ; fazia um esforço de vontade como quem vae atirar-se d'uma grande altura, e pela beira da levada, estugando muito o passo e com o protentoso equilibrio que o medo dá, passava veloz por deante da taberna.

Era uma exhalação, uma sombra branca que não dava tempo de fixar-se nos turvos olhos dos freguezes de *Copa*.

E passada a taberna, a rapariga corria a bom correr, suppondo que alguém lhe ia no encalço, esperando sentir nas saias o puxão de uma garra poderosa.

Só serenava quando ouvia o latir do cão da sua barraca, o animal feio a que por antithese decerto chamavam *Luzeiro*, o qual a recebia pulando no meio do caminho e lambendo-lhe as mãos.

Nunca em casa de Roseta perceberam os terrores que ella passava pelo caminho. A pobre rapariga compunha o gesto ao entrar na barraca, e, ás perguntas da mãe, inquieta, respondia dando mostras de afoiteza e affirmando que viera com umas companheiras.

Não queria a fiandeira que o pae tivesse de sahir de noite para a acompanhar. Conhecia o odio da vizinhança : a taberna de *Copa* com a sua gente rixenta inspiravam-lhe muito medo.

E, no dia seguinte, tornava para a fabrica,

tendo os mesmos temores ao regressar, animada apenas pela esperança de que não tardaria a primavera com as suas tardes radiosas e os crepusculos luminosos, que lhe permitiriam voltar para a barraca antes do escurecer.

Uma noite, experimentou Roseta certo alívio. Cêrca ainda da cidade, sahiu-lhe ao caminho um homem, que começou a andar no mesmo paço que ella.

— Boa noite !

E enquanto a fiandeira seguia pelo socalco que bordava o caminho, o homem ia por baixo, entre os fundos sulcos abertos pelas rodas dos carros, tropeçando nas pedras sôltas, panellas quebradas e até pedaços de vidro com que mãos previdentes queriam tapar as covas de remota origem.

Roseta mostrara-se tranquilla: conhecera o companheiro apenas a salvou. Era Tonet, neto do *tio Tomba* o pastor; um bom rapaz, que servia de creado ao carnicheiro de Alboraya e de quem as fiandeiras troçavam quando o encontravam no caminho, comprazendo-se em ver como elle córava, voltando a cara á menor palavra.

Rapaz mais tímido !... Via-se no mundo sem outros parentes mais que o avô; até aos domingos trabalhava; ia a Valencia apanhar esterco para os campos do amo; ajudava-o na matança das rezes, e lavrava a terra ou levava carne ás herdades ricas. Tudo para se sustentar a si e ao avô; e para andar rôto, com roupa velha do amo. Não fumava; em toda a sua vida, havia entrado duas ou tres vezes em casa de *Copa*, e aos domingos, se tinha algumas horas livres, em vez de estar na praça de Alboraya, de cócoras, como os outros, vendo como os moços guapos jogavam a pela, ia para o campo, vagueando sem rumo pela emmaranhada rêde

de corregos, e se encontrava alguma arvore carregada de passaros, ahi ficava embevecido com o revolotear e chilreio dos bohemios da aldeia.

A gente via n'elle o que quer que fôsse da mysteriosa originalidade de seu avô o pastor: todos o consideravam como um infeliz, timido e docil.

Animou-se a fiandeira com a companhia. Sempre ia mais segura á beira de um homem, mórmente sendo Tonet, que inspirava confiança.

Falou-lhe, perguntando-lhe d'onde vinha. e o moço respondeu vagamente, com a sua habitual timidez: "D'alli... d'alli..." E calou-se, como se estas palavras lhe custassem immenso esforço.

Seguiram o caminho silenciosos, separando-se proximo da barraca.

— Boa noite e obrigada! — disse a rapariga.

— Boa noite! — e desappareceu Tonet, caminhando para o povo.

Foi um incidente sem importancia, um encontro agradavel que lhe tirara o medo; nada mais. E comtudo Roseta, n'aquella noite, ceou e deitou-se pensando no neto do *tio Tomba*.

Recordava-se agora das vezes que o tinha encontrado de manhã no caminho e até lhe parecia que Tonet procurava seguir sempre no mesmo passo que ella, posto que um tanto separado, para não chamar a attenção das mordazes fiandeiras... Até lhe parecia que algumas vezes, ao voltar de repente a cabeça, o suprehendera com os olhos fitos n'ella.

E a rapariga, como se estivesse fiando um casulo, agarrava n'estes fios soltos da sua memoria e puxava, puxava, recordando todas as coisas da sua vida que se prendiam com Tonet: a primeira vez que o viu e o seu movimento de compassiva sympathy pelas troças

das fiandeiras, que soffria cabisbaixo e tímido, como se aquella quadrilha de arpias lhe inspi- rasse medo; depois os frequentes encontros no caminho, e a fixidez dos olhares do rapaz que pareciam querer dizer-lhe alguma coisa.

No dia seguinte, quando foi para Valencia, não o viu; mas, á noite, quando voltava para a barraca, a cachopa não sentia medo, apesar do crepusculo ser escuro e chuvoso. Presentia o apparecimento do companheiro que tanto ânimo lhe dava, e, com effeito, sahiu-lhe ao encontro, quasi no mesmo sitio do dia anterior.

Foi tão expressivo como sempre: *Boa noite!* e seguiu andando ao lado d'ella.

Roseta foi mais loquaz. D'onde vinha? Que casualidade, encontrarem-se dois dias seguidos! E elle, trémulo, como se as palavras lhe custassem grande esforço, respondia como sempre: "D'alli... d'alli."

A rapariga, que era tão tímida como elle, sentia comtudo tentação de rir da sua turbação. Falou-lhe do medo que tinha, dos sustos que apanhava pelo caminho durante o inverno, e Tonet, contente pelo serviço que prestava á moçoila, despregou emfim os labios para dizer-lhe que a acompanharia a miude. Tinha sempre negocios do amo a tratar na aldeia.

Despediram-se com o laconismo do dia anterior, porém n'aquella noite a cachopa mexeu-se na cama, inquieta, nervosa, sonhando com coisas extravagantes, achando-se n'um caminho escuro como breu, acompanhada por um cão enorme que lhe lambia as mãos e que tinha a mesma cara de Tonet; e depois vinha um lobo mordel-a com um focinho que lembrava vagamente o odiado *Pimentó*, e pegavam-se os dois ás dentadas e apparecia o pae com um arrôcho, e ella chorava como se lhe cahissem nas costas as arrochadas que o seu pobre cão apanhava; e assim continuava disparatando a

sua imaginação, porém vendo em todas as atropeladas scenas d'esse sonho o neto do *tio Tomba*, de olhos azues e cara de rapariga, coberta por uma pellicula loira, que era o primeiro signal da idade viril.

Ergueu-se alquebrada, como se tivesse tido um delirio. N'esse dia era domingo e não ia á fabrica. Entrava o sol pelo postigo da sua alcôva e toda a gente da barraca estava já fora da cama. Roseta começou a arranjar se para ir com a mãe á missa.

O endiabrado sonho conservava-a ainda transformada. Sentia-se outra, com pensamentos distinctos, como se a noite anterior fôsse uma parede que dividisse em duas partes a sua existencia.

Cantava alegre como um passaro, enquanto tirava a roupa da arca e a punha em cima da cama ainda quente, que conservava os vestigios do seu corpo.

Gostava muito dos domingos pela liberdade de poder levantar-se mais tarde, com as horas de folga e a jornadita até Alboraya para ouvir missa ; porém aquelle domingo era melhor que os outros, brilhava mais o sol, cantavam com mais fôrça os passaros, entrava pelo postigo uma aragem que rescendia a vehemente prazer, como direi... enfim, que a manhã tinha o que quer que fôsse de novo e extraordinario.

Lançava em rosto a si propria o haver sido até então uma mulher sem cuidados comsigo mesma. Aos dezeseis annos já é tempo de se pensar em arranjar-mos. Quão estúpida fôra em se rir de sua mãe, sempre que esta lhe chamava desmazelada !

E como se fôsse um vestido novo, guarnecido de vaporosas rendas, enfiava cuidadosa pela cabeça, a saia de percal de todos os domingos e apertava o espartilho como se não a oppri-

misse bastante a armação de altas varas, um verdadeiro espartilho de lavradeira valenciana que lhe esmagava o seio nascente, pois na aldeia é impudor não occultarem as solteiras os seductores adornos da natureza, para que ninguém possa peccaminosamente ver na virgem a futura maternidade.

Pela primeira vez na sua vida, passou a fiandeira mais de um quarto de hora deante de meio palmo de vidro com aço e moldura de pinho envernizado que o pae lhe dera, espelho em que tinha de contemplar o rosto por secções.

Ella não era grande coisa, reconhecia isso; porém na aldeia havia-as mais feias ás dezenas. E sem saber por que, deleitava-se contemplando os olhos de um verde claro; as faces com leves manchas que o sol faz surgir da pelle queimada; o cabello loiro esbranquiçado, com a finura desmaiada da sêda; o narizito de palpitantes azas, cobrindo a bôcca sombreada por uma lanugem de fructo sazonado e que ao entreabrir-se mostrava uma dentadura forte e igual, de deslumbrante brancura lactea, com um brilho que parecia illuminar o rosto: uma dentadura de pobre.

A mãe teve de esperar; a pobre mulher apressava-a, mexia-se impaciente na barraca como esporeada pelo sino que soava ao longe.

Iam ficar sem missa; e entretanto Roseta fazia e desfazia o penteado, vagarosa, com que não ficava satisfeita, compunha a mantilha com puxões de enfado, não a achando nunca a seu gosto.

Na praça de Alboraya, ao entrar e ao sahir da egreja, Roseta, apenas erguendo os olhos, esquadrinhou a porta do talho, onde se agglomerava gente em redor da mesa.

Lá estava elle, ajudando o amo; dando-lhe as peças de carneiro esfolado e enxotando as nuvens de môscas que cobriam a carne.

E o borregote poz-se muito córado quando a viu. Ao passar por ella a segunda vez, até parou como encantado, com uma perna de cordeiro na mão, sem a dar ao pansudo amo, que em vão o esperava e, soltando uma praga, o ameaçou com a faca.

A tarde foi triste. Sentada á porta da barraca, julgou vel-o várias vezes, rondando por caminhos distantes, escondendo-se nos canaviaes para contemplal-a. A fiandeira desejava que chegasse depressa a segunda-feira para ir para a fabrica e no regresso passar o horrivel caminho, acompanhada por Tonet.

Não faltou o rapazote ao anoitecer do dia seguinte.

Mais perto ainda da cidade que nas outras noites, sahiu ao encontro de Roseta.

— Boa noite!

Porém depois da costumada saudação, não se calou. O demo do rapaz tinha progredido durante o dia de descanso.

E acanhado, acompanhando as expressões com tregeitos e arranhões nas pernas das calças, lá se ia explicando, embora d'uma palavra á outra decorressem, ás vezes, dois minutos. Tinha satisfação em vel a boa... (Sorriso de Roseta e um *obrigada* murmurado tenuamente). Divertiu-se muito no domingo? (Silencio.) Elle passara-o muito mal. Aborrecido. Decerto pelo costume... sim... parecia-lhe que lhe faltava alguma coisa... está claro! tinha creado amor ao caminho... não, ao caminho não; o que elle gostava era de acompanhar...

E, n'este ponto, encalhou em sêcco; até parece que mordeu nervoso a lingua, para castigal-a pelo seu atrevimento, e belliscou os sovacos por se ter adeantado tanto.

Caminharam silenciosos um bom bocado. A cachopa não respondia; seguia o seu andamento com o saracoteio airoso das fiandeiras,

a cesta sobre o quadril esquerdo, e o braço direito fendendo o ar n'um vae-vem de pendulo.

Pensava no sonho que tivera, imaginava estar em pleno delirio, vendo extravagancias; e voltou a cabeça algumas vezes, parecendo-lhe ver o cão que lhe lambia as mãos e tinha a cara de Tonet, lembrança que ainda a fazia rir. Mas não; quem ia a seu lado era um bello moço, capaz de defendel-a; um tanto timido e acanhado, isso sim; de cabeça pendida, como se as palavras que proferira lhe tivessem deslizado até o peito e estivessem alli a mordel-o.

Roseta ainda mais o enleou. Ora vejamos: por que fazia aquillo? Por que sahia ao caminho para acompanhal-a? Que diria a gente? Se o pae d'ella soubesse o que se passava, que desgosto...

— Por que? por que? perguntava a cachopa.

E o rapazote, cada vez mais triste, mais encolhido, qual réo convicto ouvindo a sua accusação, nada respondeu. Seguia no mesmo passo que a donzella, mas afastado, dando tropeções pela beira do caminho. Roseta até suppoz que elle ia chorando.

Cêrca, porém, da barraca, quando estavam para se despedirem, Tonet teve um impeto de timido: falou com a mesma violencia com que se calara, e como se não houvessem decorrido muitos minutos, respondeu á pergunta da cachopa:

— Por que? Porque te quero.

Disse isto approximando-se a ponto do seu halito bafejar o rosto d'ella, brilhando-lhe os olhos como se por elles sahisse toda a verdade; depois do que, outra vez arrependido, medroso, aterrado pelas suas palavras, deitou a correr como uma creança.

Com que, gostava d'ella!... Havia dois dias que a cachopa esperava esta palavra, e comtudo produziu-lhe o effeito de uma revelação

inesperada. Também ella lhe queria, e toda a noite, até em sonhos, esteve ouvindo murmuradas por mil vozes junto de seus ouvidos as mesmas palavras:

— Porque te quero.

Não esperou Tonet pela noite seguinte. De madrugada, viu-o Roseta no caminho, semi-oculto atrás do tronco de uma amoreira, espreitando-a sobresaltado, qual creança que receia a reprehensão e está irremediavelmente perdida; disposto a fugir, ao primeiro gesto de desagrado.

A fiandeira, porém, sorriu ruborizando-se, e não foi preciso mais nada.

Estava tudo entendido: não tornariam a dizer que se queriam, porém estava tratado o noivado, e Tonet não faltou uma unica vez a acompanhá-la no seu caminho.

O pansudo carniceiro de Alboraya bramava encolerizado com a repentina mudança do creado, d'antes tão diligente e agora sempre inventando pretextos para passar horas e horas nas hortas, especialmente á noitinha.

Tonet, porém, com o egoismo da sua ventura, importava-se tanto com as juras e ameaças do carniceiro, como a fiandeira com o pae, deante do qual sentia mais medo que respeito.

Tinha sempre Roseta na alcôva algum ninho que dizia haver encontrado na estrada. O rapazote não sabia apresentar-se de mãos vazias, explorava todos os cannaviaes e arvores da aldeia para presentear a noiva com cestinhos de raminhos e palhinhas, em cujo fundo alguns passarinhos, com a rosada pelle coberta de finissimo pêlo e rabicho ainda nú, pipilavam desesperados abrindo o descommunal bico, insaciavel de migalhas de pão.

Roseta guardava o presente no seu quarto, como se fôsse o proprio noivo, e chorava quando os irmãos, a tropa miuda, que tinha por ninho

a barracã, á fôrça de admirar os passaritos, acabavam por lhes estorcegar o pescoço.

Outras vezes apparecia Tonet com um volume na cinta, que trazia cheia de tremoços e pevides comprados em casa de *Copa*, e seguindo pela estrada lentamente, comiam e tornavam a comer, revendo-se um nos olhos do outro, sorrindo como uns patetolas, sem saberem de que, e sentando-se várias vezes n'um socalco, sem sequer darem por isso.

Era ella mais ajuizada e reprehendia-o. Sempre a gastar dinheiro! Eram já seis vintens ou pouco menos o que n'uma semana deixara na taberna com tantos obsequios. E elle mostrava-se generoso. Para que queria os patacos se não para ella? Quando se casassem — alguma vez havia de ser — então guardaria o dinheiro. O caso dar-se-hia d'ahi a dez ou doze annos; não havia pressa; todos os noivados d'aldeia duravam uma temporada assim.

A idéa do casamento chamava Roseta á realidade. No dia em que o pae soubesse tudo aquillo... Virgem Santissima! desancava-a com um arrôcho. E falava da futura sova com serenidade, sorrindo-se, como rapariga forte acostumada a essa auctoridade paternal rigida, imponente e apreciavel, que se manifesta á bofetada e a páu.

As suas relações eram innocentes. Nunca despontou entre elles o pungente desejo, a rebeldia da carne. Caminhavam pela estrada quasi deserta na penumbra do anoitecer, e a propria soledade parecia apartar do seu pensamento qualquer proposito impuro.

Uma vez que Tonet roçou involuntariamente pela cintura de Roseta, ruborisou-se como se fôsse elle a rapariga.

Estavam os dois mui longe de suppôr que, com os seus encontros diarios, podia chegar-se a mais alguma coisa que não fôsse falarem-se e

olharem-se. Era o primeiro amor, a expansão da juventude apenas desabrochada, que se contenta em ver, em falar e rir, sem nenhuma sombra de desejo.

A fiandeira, que nas suas noites de medo tanto desejava a primavera, viu com inquietação a chegada dos crepusculos longos e luminosos.

Agora juntava-se ao noivo ainda com de dia e nunca faltavam pela estrada companheiras da fabrica ou alguma vizinha que, ao vêl os juntos, sorrissem maldosamente adivinhando tudo.

Na fabrica, começaram as chufas, por parte das suas inimigas, que perguntavam, com ironia, quando é que se casava, e puzeram-lhe a alcunha de a *Pastora*, por ter amores com o neto do *tio Tomba*.

Tremia de inquietação a pobre Roseta. Que tunda que ia apanhar! Qualquer dia chegava aos ouvidos do pae. E foi então que Batiste, no dia da sua condemnação no Tribunal das Aguas, a viu na estrada em companhia de Tonet.

Mas não houve nada. O ditoso incidente da rega salvou-a. Seu pae, contente por ter livrado a colheita, limitou-se a fital-a várias vezes, de sobreceño franzido, e advertiu-a, voz pausada, o index levantado e accento imperativo, que d'alli em deante tratasse de vir sósinha da fabrica, pois do contrário saberia quem elle era.

E veiu sósinha durante toda a semana. Tonet tinha um certo respeito ao senhor Batiste e contentava-se em emboscar-se cêrca da estrada para ver passar a fiandeira ou seguil-a depois a distancia.

Como os dias eram maiores, havia mais gente pela estrada.

Este afastamento, porém, não podia prolongar-se para os impacientes amantes, e um domingo de tarde, Roseta, inactiva, cansada de passear deante da porta da sua barraca e pa-

recendo-lhe ver Tonet em todos quantos passavam pelos corregos distantes, pegou n'um cantaro vidrado de verde e disse á mãe que ia buscar agua á fonte da Rainha.

A mãe deixou-a ir. Devia distrahir se: coitada da rapariga! não tinha amigos e é forçoso dar á mocidade o que lhe pertence.

A fonte da Rainha era o orgulho de toda aquella parte da aldeia, condemnada á agua dos poços e ao liquido vermelho e lodoso que corria pelas levadas. Ficava defronte de um casebre abandonado e era obra antiga e de muito merecimento, no dizer dos mais sabios da terra: obra dos mouros, segundo *Pimentó*, monumento da época em que os apóstolos andavam baptisando impios por esse mundo, conforme affirmava com majestade de oraculo o *tio Tomba*.

A's tardes, viam-se passar pela estrada, orlada de inquieta folhagem de prata, grupos de raparigas com o cantaro immovel e direito á cabeça, lembrando com o seu cadenciado passo e esbelta figura as canephoras gregas.

Este desfile dava á aldeia valenciana um certo sabor biblico; recordava a poesia arabe que celebra a mulher junto da fonte com o cantaro á cabeça; unindo n'um só quadro as duas grandes paixões mais vehementes do oriental: a belleza e a agua.

A fonte da Rainha era uma pôça quadrada, com paredes de pedra vermelha e a agua mais baixa que o nivel do solo. Descia-se para ella por seis degráus, sempre escorregadios e esverdinhados pela humidade. Na face do rectangulo de pedra fronteira á escada, avultava um baixo-relêvo com figuras confusas que era impossivel adivinharem-se sob a camada de cal que as cobria.

Devia ser a Virgem rodeada de anjos: obra de arte grosseira e candida da Edade-Média; alguma promessa dos tempos da conquista; po-

rém umas gerações picando a pedra para marcar melhor as figuras apagadas pelo tempo, e outras caiando-a n'um impulso de asseio barbaresco, deixaram-n'a de tal modo que apenas se distinguia um vulto informe de mulher, *a rainha*, que dava o nome á fonte: rainha dos mouros, como forçoso é que sejam todas, nos contos dos campos.

Não eram alli raras a algazarra e a confusão, aos domingos de tarde. Mais de trinta raparigas se agrupavam com seus cantaros, desejosas de serem as primeiras a chegar, porém com pressa de irem embora. Acotovellavam-se nos estreitos degráus, de saias apanhadas entre as pernas para se agacharem e mergulhar o cantaro no tanquesito, em cuja superficie burbulhava a agua que surgia incessante do fundo de areia, onde cresciam mólhadas de plantas gelatinosas, verdes cabelleiras ondeantes no carcere de crystal liquido, estremecendo com os impulsos da corrente. Os inquietos *alfaiates* riscavam com as patas subtis a clara superficie.

As que já tinham o cantaro cheio sentavam-se na beira da pôça com as pernas pendentes sobre a agua, encolhendo-as com escandalisada gritaria cada vez que algum rapaz se abaixava para beber e olhava para cima.

Era uma reunião de garrulos revoltados. Falavam todas ao mesmo tempo; umas insultavam-se, outras diffamavam os ausentes delatando todos os escandalos da aldeia, e a juventude, livre da austeridade paterna, atirava para longe o gesto hypocrita preparado para casa, mostrando-se com o atrevimento proprio da rudeza falta de expansão. Aquelles anjos morenos, que tão mansamente cantavam hymnos e motetos na egreja de Alboraya quando se celebrava a festa das Solteiras, excitavam-se em estando sós, e matizavam a conversação com

palavrões de carroceiro, falando de coisas intimas com o aprumo de uma comadre.

Alli foi cahir Roseta com o seu cantaro, sem ter encontrado o noivo no caminho, não obstante haver ido devagar, voltando a miude a cabeça, esperando a cada momento vê-lo surgir d'um atalho.

A ruidosa assembléa da fonte calou-se ao vê-la. Causou espanto no primeiro momento a presença de Roseta: coisa parecida com a aparição de um mouro na igreja de Alboraya em plena missa conventual. Que ia alli fazer aquella esfomeada?

Saudou Roseta duas ou tres que eram da sua fabrica, e que mal lhe responderam apertando os labios e com um certo tom de desprêzo.

As demais, refeitas da surpresa, continuaram falando, como se nada succedera, não querendo conceder á intrusa nem a honra do silencio.

Roseta desceu á fonte, e depois de encher o cantaro, ao endireitar-se, deitou a cabeça por cima do muro e relanceou um olhar ancioso pela veiga fora.

— Podes olhar, que não vem.

Era uma sobrinha de *Pimentó* quem isto dizia; a filha de uma irmã de *Pepeta*, mocinha nervosa de nariz arrebitado e petulante, orgulhosa de ser filha unica e de seu pae não ter senhorio, porquanto eram muito seus os quatro campos que amanhava.

Sim, podia olhar quanto quizesse, que não viria. Não sabiam as outras por quem esperava? Pois era pelo seu noivo, o neto do *tio Tomba*: um bom partido!

E as trinta bôccas crueis riam e tornavam a rir, como se mordessem: não porque achassem grande chiste á coisa, mas para vexarem a filha do odiado *Batiste* — A pastora!... A Divina Pastora!...

Roseta encolheu os hombros, com indifferença. Já esperava aquillo; demais, as chacotas da fabrica tinham-lhe embotado a susceptibilidade.

Pegou no cantaro e subiu os degraus; mas, ao chegar ao ultimo, deteve-a a voz mímica da sobrinha de *Pimentó*. Como mordia aquella cevandija!

Não casaria com o neto do *tio Tomba*. Era um infeliz, um morto de fome, porém muito honrado e incapaz de se aparentar com uma familia de ladrões.

Quasi cahiu o cantaro a Roseta. Ruborisou-se como se estas palavras, dilacerando-lhe o coração, lhe tivessem feito subir todo o sangue ao rosto, e depois ficou branca, com pallidez de morte.

— Quem é ladrão? Quem é? — perguntou com voz trémula, que fazia rir a todas as da fonte.

Quem? O pae d'ella. Seu *tio Pimentó* sabia-o muito bem, e em casa de *Copa* não se falava d'outra coisa. Julgavam que o passado ficaria esquecido? Fugiram do seu povo por serem de sobejo conhecidos; e por isso é que tinham vindo para alli, com o fim de se apoderarem do que não era seu. Até havia noticia de que o senhor *Batiste* estivera degredado, por coisas desairosas...

E assim proseguia falando a viborazinha, reproduzindo quanto ouvira em casa e na aldeia: as mentiras forjadas por todos os vadios da casa de *Copa*, todo um tecido de calumnias inventado por *Pimentó*, cada vez menos disposto a atacar *Batiste* cara a cara, e que procurava hostilisal-o, cansal-o e feril-o por meio do insulto.

A firmeza do pae surgiu de prompto em Roseta, trémula, balbuciante de raiva e com os olhos injectados de sangue. Largou o cantaro

que se fez pedaços, molhando as raparigas mais proximas, as quaes protestaram em côro chamande-lhe besta. Porém ella é que não estava de maré para reparar em taes coisas.

— Meu pae!... — gritou, crescendo para a insolente — Meu pae ladrão? Torna a repetir que te arranco as ganas do comer.

A moreninha, porém, não precisou de repetil-o, porque antes de ter tempo de abrir a bôcca, apanhou n'ella um valente murro, e os dedos de roseta enterraram-se-lhe no topete. Instinctivamente, movida pela dôr, agarrou-se tambem aos loiros cabellos da fiandeira, e, durante alguns instantes, viram-n'as engalfinharem-se uma na outra, soltando gritos de dôr e de raiva, quasi mordendo o pó com as frontes; arrastando-se mutuamente com os crueis puxões que cada uma dava á cabelleira da outra. Cahiam os ganchos, desfaziã-se as tranças; as opulentas cabelleiras pareciam estandar-tes de guerra, não fluctuando victoriosos, mas sim enrolados e martyrisados pelas mãos do adversario.

Porém Roseta, mais forte e mais furiosa, conseguiu desenvencilhar-se, e dispunha-se a arrastar a sua inimiga, talvez a applicar-lhe uma sova interior, pois com a mão livre tentava descalçar um sapato, eis que occorreu uma scena inaudita, irritante, brutal.

Sem o menor accôrdo ou prevenção, como se os odios de suas familias, as palavras e maldições ouvidas nas suas barracas surgissem n'ellas de golpe, todas cahiram á uma sobre a filha de Batiste.

— Ladra! grande ladra!

Foi um coisa nunca vista. Roseta desappareceu debaixo dos iracundos braços. Tinha a cara coberta de arranhaduras: prostrada por tantos golpes, nem cahir pôde, pois os proprios encontrões das suas inimigas o impediam; porém

empurrada para um lado e outro, rolou, porfim, de cabeça pelos resvaladiços de grãos abaixo, batendo com a testa de encontro a uma aresta da pedra.

Sangue! .. Foi como uma pedrada n'uma arvore carregada de passaros. Deitaram todas a correr em direcções differentes com os cantaros á cabeça, e d'alli a nada, não se via nas immediações da fonte da Rainha ninguem mais que a pobre Roseta, com o cabello sôlto, as saias feitas em tiras, a cara suja de pó e de sangue, que caminhava chorando para casa.

O que a mãe gritou, ao vê-la entrar! E as ameaças que fez, ao inteirar-se do occorrido! Aquella gente era peor que judeus. Senhor! Senhor! Podia dar-se um crime assim em terra de christãos?

Era impossivel viver. Já lhes não bastava que os homens se mettessem com o seu Batiste e o perseguissem e calumniassem perante o tribunal impondo-lhe multas injustas. Agora, eram as raparigas que perseguiam a sua pobre Roseta como se a infeliz tivesse alguma culpa. E tudo isto por que? Porque queriam viver trabalhando, sem offenderem ninguem, como Deus manda.

Batiste, ao ver a filha, empallideceu. Deu alguns passos até o caminho, fitando a barraca de *Pimentó*, cujo colmado sobressahia por detrás dos cannaviaes.

Porém deteve-se e acabou por dar uma branda reprehensão a sua filha. O que se passou ensinal-a-hia a não passear por fora de casa. Deviam evitar todo o contacto com os demais: viver juntos e unidos na barraca, não se separando nunca d'aquellas terras, que eram a sua vida.

Em casa, decerto evitariam procural-os.

VI

Era um rumor de vespeiro, um sussuro de colmeia, o que ouviam de manhã e de tarde os camponeses ao passarem em frente do moinho da Cadena, pela estrada que vae dar ao mar.

Uma espessa cortina de choupos fechava a praçazinha, formada pela estrada ao alargar-se deante do amontoamento de velhos telhados, paredes gretadas e negros postigos do moinho, fabrica antiga e ruinosa erguida sobre a levada e tendo por base dois grossos gigantes, por entre os quaes cahia a agua em escumosa cascata.

O ruido lento e monotono, que parecia sahir de entre as arvores, era o da escola de D. Joaquim, estabelecida n'uma barraca, occulta por uma fila de choupos.

Nunca o saber se viu mais mal alojado, e, em geral, todavia, não babita palacetes.

Uma barraca velha, sem mais luz que a da porta e a que se coava pelas gretas do telhado; as paredes de duvidosa brancura, pois a senhora mestra, mulher obesa que vivia pegada a uma cadeirazinha de esparto, passava o dia ouvindo e admirando seu marido; uns tantos bancos; tres cartões de abecedario, se-bentos, rotos nos cantos, collados na parede com pão mastigado, e no quarto immediato á aula alguns móveis, poucos e velhos, que pareciam ter corrido meia Hespanha.

Em toda a casa não havia mais que um objecto novo: a grande canna que o mestre tinha atrás da porta e que renovava cada dois dias no cannavial proximo, sendo uma felicidade

que o genero sahisse tão barato, pois gastava-se mui depressa sobre as duras e tosquiadas mioleiras d'aquelles selvagensinhos.

Livros, apenas se viam tres na escola: a mesma cartilha servia para todos. Para que se precisava de mais? Imperava alli o methodo mourisco: canto e repetição das coisas até entrarem nas duras cachimonias, como se fôsem encaixadas a martello.

Era por isso que a barraca, desde manhã ao anoitecer, soltava pela porta uma fastidiosa melopêa, de que chasqueavam todos os passaros do arvoredos.

— Pa... dre nosso, que... estás... nos Céos ..

— Santa... Maria...

— Duas vezes dois... quatro...

E os pardaes, os pintasilgos e as calandras, que fugiam dos petizes como do demonio quando os viam em chusma pelos caminhos, poisavam com a maior confiança nas arvores proximas, e até passeavam com as saltitantes patinhas em frente da porta da escola, rindo-se com estridulosos gorgeios dos seus feros inimigos ao vel-os engaiolados, sob a ameaça da canna, condemnados a miral-os de soslaio, sem poderem mexer-se e repetindo um canto tão feio e fastidioso.

De vez em vez, calava-se o côro e soava majestosa a voz de D. Joaquim abrindo os diques da sua sabedoria.

— Quantas são as obras de misericordia?

— Duas vezes sete, quantos são?...

E raras vezes ficava satisfeito com as respostas.

— São mesmo uns burros. E' como se lhes falasse em grego. E lembrar-me eu que os trato com toda a delicadeza, como n'um collegio da cidade, para que apprendam as boas maneiras e saibam falar como a gente!...

Emfim, teem a quem sahir: são tão brutos

como os senhores seus paes, que ladram, sobralhes dinheiro para irem á taberna, e inventam mil desculpas para me não darem ao sabbado os seis vintens que me pertencem.

E passeava indignado, queixando-se principalmente dos esquecimentos do sabbado. Percebia-se logo na pelagem, na figura, que parecia dividida em duas partes.

Nos baixos, alpercatas rôtas, sempre sujas de lama; mãos escamosas, asperas, que conservavam nas gretas da pelle a terra do seu quintal, um talhão de hortaliças com frente para a barraca, e que bastas vezes era a unica coisa com que enchia a panella.

Mas da cintura para cima apparecia o senhor, “a dignidade do sacerdote da instrucção”, como elle dizia; o que o distinguia de toda a gente das barracas, bicharoco mettido na toca: uma gravata de côres estapafurdias sobre o peitilho sujo, bigode grisalho e cerdoso dividindo-lhe o rosto bochechudo e córado, e um bonné azul com pala de oleado, recordação de um dos muitos empregos que desempenhara na sua accidentada vida.

Era isto o que o consolava da sua miseria; especialmente a gravata, coisa que ninguem trazia n'aquellas redondezas e que n'elle brilhava como um signal de distincção, uma especie de tosão de ouro da aldeia.

A gente das barracas respeitava D. Joaquim, posto que, no tocante a soffrear-lhe a miseria, fôsse remissa e serodia. O que aquelle homem tinha visto!... As coisas que passou por esse mundo!... Umas vezes, empregado de caminho de ferro; outras, ajudando a cobrar impostos nas mais afastadas provincias de Hespanha: até se dizia que estivera na America como guarda civil. Emfim, estava agora por baixo, mas havia sido um machucho.

— D. Joaquim—dizia a bojudá esposa, que era

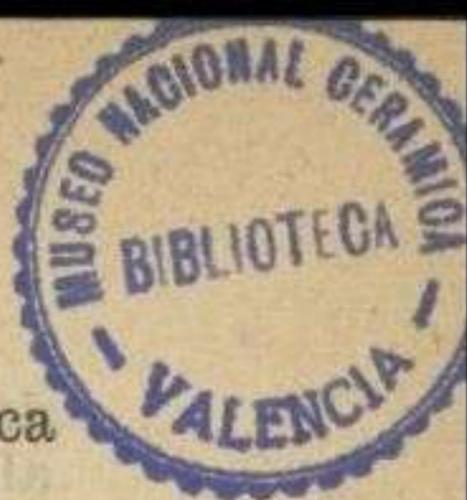
a primeira a sustentar-lhe o tratamento—nunca se viu como agora: sômos de muito boa familia. A desgraça arrastou-nos a este ponto; mas já temos nadado em dinheiro.

E as conhecidas da aldeia, sem prejuizo de se esquecerem, um sabbado por outro, dos seis vintens da escola, respeitavam D. Joaquim como um ente superior, reservando-se porém a faculdade de cortarem na quinzena verde de rabo de pêga que elle envergava nos dias de festa, quando cantava no côro da egreja de Alboraya durante a missa conventual.

Empurrado pela miseria, fôra cahir alli com a sua enorme e bonacheirona metade, como podia ter cahido n'outra parte. Ajudava o secretario do povo nos trabalhos extraordinarios, preparava com hervas, que só elle conhecia, certos cozimentos que operavam milagres nas barracas, pois todos reconheciam que *aquelle tio sabia muito*; e sem diploma de professor nem medo de que ninguem se mettesse comsigo para lhe tirar uma escola que nem dava para pão, lá conseguia, á fôrça de repetições e carôlos, que solettrassem e estivessem immóveis todos os garotitos de cinco a dez annos que nos dias de festa apedrejavam os passaros, roubavam a fructa e perseguiam os cães pelos caminhos da aldeia.

D'onde era o mestre-escola? Todas as vizinhas o sabiam perfeitamente; de muito longe, da *churreria*. E debalde se pediriam mais explicações; para a sciencia geographica da aldeia, todo aquelle que não fala valenciano é da *churreria*.

Não eram poucos os trabalhos que D. Joaquim passava para se fazer entender pelos discipulos e para que não recuassem em presença do castelhano. Havia alguns que tinham já dois mezes de escola e que arregalavam muito os olhos e coçavam a nuca sem entenderem o que



o mestre lhes dizia, com umas palavras nunca ouvidas na barraca.

Muito soffria aquelle bom senhor! Elle, que attribuia os triumphos do ensino á sua *delicadeza*, á sua distincção de maneiras, ao bem falante que era, segundo declaração da esposa!

Cada palavra que os discipulos pronunciavam mal (e não diziam bem nem uma só) fazia-o bramir e levantar as mãos indignado até tocar o defumado tecto da barraca. Sentia-se orgulhoso da urbanidade com que tratava os discipulos.

— Esta humilde barraca — dizia aos trinta fedelhos que se comprimiam e empurravam nos estreitos bancos, ouvindo-o entre aborrecidos e cheios de medo da canna — devem considerá-la como se fôsse o templo da cortezia e boa educação. Que disse eu, o templo! E' o facho que brilha e dissipa d'esta aldeia as sombras da barbaria. Sem mim, que seriam os senhores? Umas bestas, perdõem-me a expressão: o mesmo que os senhores seus paes, a quem não quero offender. Mas, com a ajuda de Deus, hão de sahir d'aqui homens acabados, sabendo apresentar-se em qualquer parte, já que tiveram a boa sorte de encontrar um mestre como eu. Pois não é assim?...

E os rapazes respondiam com furiosas cabeçadas, batendo alguns com a testa na do vizinho, e até sua mulher, commovida pelo do templo e do facho, cessava de fazer meia e afastava para trás a cadeira de esparto, afim de envolver o marido n'um olhar de admiração.

Interpellava toda aquella porca sucia, de pé descalço e de fraldas ao léo, com assombrosa cortezia.

— Ora vamos cá, senhor de Llopis; queira levantar-se.

E o *senhor de Llopis*, um garoto de sete annos,

de calças pelo meio da perna seguras por uma alça, saltava do banco abaixo e quadrava-se diante do mestre olhando de soslaio a terrível canna.

— Ha um bocado que estou vendo o senhor escarafunchando o nariz e fazendo bolinhas. Máu costume, senhor de Llopis, acredite no seu mestre. Por esta vez, passa, porque o senhor é aplicado e sabe a taboada; mas a sabedoria não é nada quando falta a boa educação. Não esqueça o senhor isto, senhor de Llopis.

E o das bolinhas a tudo lhe dizia que sim, contente em sahir da advertencia sem apanhar com a canna, eis que outro garotão que estava a seu lado no banco e devia conservar antigos resentimentos, ao vel-o de pé e com as nadegas ao léo, pespega-lhe um valente beliscão.

— Ai! ai! senhor mestre — gritou o rapaz — *Morros d'aca* deu-me um beliscão.

Ficou D. Joaquim indignado! O que mais lhe excitava a colera era a predilecção dos rapazes em se tratarem pelas alcunhas dos paes, chegando até a invental-as.

— Quem é *Morros d'aca*? O senhor de Peris, quer talvez dizer. Que modo de falar, Deus meu! Parece que isto aqui é uma taberna... Se o senhor ao menos tivesse dito *Morros de jaca*! Descrisme-se o senhor ensinando estes palermas. Brutos!...

E, erguendo a canna, começou a distribuir sonoros carôlos: a um pelo beliscão e no outro pela *impropriedade da linguagem*, como dizia bufando D. Joaquim, sem parar com a pancadaria. E os carôlos iam tanto ás cegas, que os demais rapazes se comprimiam nos bancos, encolhendo-se todos e cada qual occultando a cabeça no hombro do vizinho; e até um petizola, o filho mais pequeno de Batiste, assustado com o estalar da canna, não pôde ter mão no corpo.

Isto acalmou o mestre, fel-o recobrar a perdida

majestade, emtanto que o desancado auditorio tapava o nariz.

— D. Pepa — disse a sua mulher. — Queira levar d'aqui o senhor de Borrull, que está indisposto, e limpe o atrás da escola.

E a mulheraça, que tinha certa consideração pelos tres filhos de Batiste porque pagavam todos os sabbados, tomou da mão ao *senhor de Borrull*, que sahiu da aula balanceando-se sobre as tenras pernitias, chorando porém de susto e patenteando alguma coisa mais que as fraldas pela abertura traseira das cuecas.

Passados estes incidentes, tornava a reatar a lição cantada, e o arvoredado estremecia de enfado coando pela ramagem o monotonos sussurro.

Algumas vezes, ouvia se um melancholico são de chocalhos e toda a aula se mexia de contente. Era o rebanho do *tio Tomba* que se aproximava: todos sabiam que em o velho chegando com o gado, havia um par de horas de sueto.

Se o pastor era palreiro, não lhe ficava atrás o mestre, e ambos encetavam uma conversação interminavel, emquanto os discipulos abandonavam os bancos para os ouvir de perto ou safando se de mansinho iam brincar com as ovelhas, que ruminavam a herva dos socalcos proximos.

O velho inspirava grande sympathia a D. Joaquim. Havia corrido mundo, tinha a deferencia de falar com elle em castelhano, era entendido emervas medicinaes, sem comtudo lhe tirar a freguezia; emfim, vinha a ser a unica pessoa da aldeia capaz de *alternar* comsigo.

O apparecimento era sempre identico. Primeiro chegavam as ovelhas á porta da escola, mettiam a cabeça, farejavam curiosas e lá se retiravam com certo desprêzo, convencidas de que alli havia apenas pasto intellectual e pouco valioso; depois apresentava-se o *tio Tomba* ca-

minhando com firmeza por aquella terra conhecida, porém com o cajado á frente, unico auxilio de seus moribundos olhos.

Sentava-se no banco de tijolos junto da porta, e o mestre e o pastor falavam, admirados em silencio por D. Josepha e pelos mais taluditos da aula, que se approximavam formando roda.

O *tio Tomba*, que até pelos corregos ia sempre conversando com as ovelhas, começava por falar com lentidão, como homem que receia revelar o seu defeito, porém o palavreado do mestre-escola excitava-o, e não tardava em atirar-se ao immenso mar das suas eternas historias. Lamentavam-se do pessimamente que *vae a Hespanha*, do que diziam pela aldeia os que chegavam de Valencia, dos máus governos, que teem a culpa das más colheitas; e acabavam pela repetição das mesmas coisas de sempre.

— Aquelles tempos, D. Joaquim, aquelles tempos, eram outros. O senhor é mais moderno, mas tambem os seus eram melhores que estes. Vamos cada vez peor... O que verá esta gente quando forem homens!

Já se sabia que isto era o exordio da sua historia.

— Se o senhor nos tivesse visto aos do grupo do *Clergo!* (o pastor nunca pôde dizer *clerigo*.) Aquelles eram hespanhoes; agora só ha chibantes em casa de *Copa*. Tinha eu dezoito annos, uma barretina com uma aguia de cobre que tirei a um morto, e uma espingarda maior do que eu. E o *Clergo!*... Que homem! Agora falam do general Cicrano e Beltrano. Lérias, tudo lérias! Aonde estava o padre Nevot não havia outro! Só vendo-o, com o hábito arregaçado, a cavallo na sua faca, de sabre curvo e pistolas. O que nós andavamos! umas vezes aqui outras na provincia de Alicante: sempre nos iam pisando os calcanhaes, porém nós, francez que apanha-

vamos, faziamol-o em cisco. Ainda me parece estar a vel-os: *mussiú, perdão!* e eu, *záz, záz*, baionetada que fervia.

E o encarquilhado velho excitava-se, erguia-se, os seus amortecidos olhos brilhavam como ténues faúlhas e movia o páu, tal qual estivesse ainda varando os inimigos. E logo vinham os conselhos: por detrás do homem bondoso levantava-se o homem feroz, de entranhas duras, formado n'uma guerra sem quartel. Apareciam os seus feros instinctos, petrificados em plena juventude e insensíveis á acção do tempo. Dirigia-se aos rapazes em valenciano, mimoseando-os com o fructo da sua experiencia. Deviam acreditar n'elle, que tinha visto muito. N'esta vida, é ter paciencia para nos vingarmos dos inimigos; esperar a pella, e quando vier a geito, atirar-a com fôrça. E ao dar estes conselhos ferozes piscava os olhos, que no fundo das profundas orbitas pareciam estrellas moribundas prestes a extinguirem-se. Delatava com a sua malicia vil um passado de luctas na aldeia, de emboscadas e de artimanhas, um completo desprezo pela vida do seu semelhante.

O mestre, temendo pela moral da sua gente, mudava o curso da palestra falando da França, a grande recordação do *tio Tomba*.

Era thema para uma hora. Conhecia aquelle paiz como se tivesse lá nascido. Quando Valencia se rendeu ao marechal Suchet, tinham-n'o levado prisioneiro e a mais uns poucos de mil para uma grande cidade: Tolosa de França. E misturava na conversa, horriavelmente desfiguradas, as palavras francezas de que ainda se lembrava, depois de tantos annos. Que paiz! Os homens andam lá de chapéo branco e fel-pudo, casaca de côr e collarinhos até o cocuruto da cabeça, botas altas como as de cavallaria; as mulheres, de saias como sacas de flauta, tão estreitas que lhes contornam tudo que está

dentro, e assim proseguia falando nos usos e costumes do tempo do Imperio, imaginando que ainda subsistia tudo e que a França da actualidade era como em principios do seculo passado.

E emquanto desfiava todas as suas recordações, o mestre e a mulher ouviam-no attentos, e alguns rapazes, aproveitando o inesperado sueto, iam-se distanciando da barraca attrahidos pelas ovelhas, que fugiam d'elles como do diabo manquinho. Puxavam-lhes pela cauda, seguravam n'as pelas pernas, obrigando-as a andar com as patas deanteiras, faziam-n'as saltar vallados e tentavam montar em cima dos sujeitos; e os pobres animaes em vão protestavam com ternos balidos, pois não os ouvia o pastor, occupado em relatar, deleitando-se, a agonia do ultimo francez que morrera ás suas mãos.

— E quantos cahiram? — perguntava o mestre no final do relato.

— Coisa ahi de cento e vinte a cento e trinta. Não me lembro bem.

E o matrimonio olhava-se sorrindo. Desde a ultima vez, tinha augmentado vinte. Conforme passavam os annos, assim cresciam as suas façanhas e o numero de victimas.

Os queixumes do rebanho chamavam a attenção do mestre.

— Mas, senhores — gritava aos atrevidos rapazitos ao mesmo tempo que pedia a canna. — Todos para aqui. Imaginam que o que teem a fazer é apenas divertirem-se o dia inteiro? N'esta casa trabalha-se.

E para o demonstrar com o exemplo, movia a canna que era um gôsto, mettendo á pancada no redil da sabedoria todo o rebanho de garotitos folgazões.

— Com sua licença, *tio Tomba*: ha mais de duas horas que estamos a falar. Tenho que continuar a lição.

E enquanto o pastor, cortezmente despedido, guiava as ovelhas até o moinho, para repetir allí as suas historias, começava de novo na aula a cantoria da taboada, que era para os discipulos de D. Joaquim o grande alarde de sabedoria.

Ao pôr do sol, soltavam os rapazes o seu ultimo cantico, dando graças ao senhor "por lhes ter assistido com as suas luzes,, e cada qual pegava no saquitel da comida, pois não sendo pequenas as distancias na aldeia os pequenos sahiam pela manhã das barracas com provisões para passar o dia na escola: e até os inimigos de D. Joaquim diziam que elle era inclinado a castigal-os cerceando-lhes a ração, para attenuar d'este modo as deficiencias da cozinha de D. Pepa.

A's sextas-feiras, ao sahirem da aula, ouviam invariavelmente os discipulos o mesmo discurso

— Meus senhores: amanhã é sabbado; lembrem isto ás senhoras suas mães e façam-lhes saber que todo aquelle que amanhã não trouxer os seis vintens não entra na aula. Faço esta recommendação especialmente ao *senhor Fulano* e ao *senhor Cicrano* (e nomeava mais uns doze). Ha tres semanas que os senhores não trazem o estipendio promettido e assim não é possível a instrucção, nem pode progredir a sciencia, nem combater-se com desassombro a barbaria nativa d'estes campos. Eu dou tudo: o meu saber, os meus livros (e olhava para as tres cartilhas que a mulher ia buscar cuidadosamente para as guardar na velha commoda) e os senhores não trazem nada. Já o disse: quem amanhã vier com as mãos vazias não passa d'aquella porta. Aviso ás senhoras mães.

Formavam os rapazes dois a dois, de mãos dadas (como nos collegios de Valencia, pois que julgam?) e sahiam da barraca, beijando

primeiro a destra escamosa de D. Joaquim e repetindo todos de corrida, ao passar junto d'elle : — Estimarei que passe bem. Até amanhã, se Deus quizer!

Acompanhava-os o mestre escola até o largozito do moinho, que era umà estrella de caminhos e atalhos, e alli dispersava a formatura em pequenos grupos, afastando-se por diferentes pontos da veiga

— Cuidado, meus senhores, eu não os perco de vista — gritava D. Joaquim como ultima advertencia. Nada de roubar fructa, atirar pedradas ou salvar vallas. Eu tenho um passaro que me conta tudo, e se amanhã eu sei que fizeram diabruras, anda a canna n'uma doboira.

E aprumado no largozito, seguia durante algum tempo com a vista o grupo mais numeroso, que se afastava, caminho de Alboraya.

Eram estes os que pagavam melhor. Entre elles, iam os tres filhos de Batiste, para os quaes várias vezes o caminho se convertia n'uma rua de amargura.

De mãos dadas todos tres, procuravam ir na retaguarda dos outros rapazes, que, por serem das barracas proximas da sua, sentiam o mesmo odio dos paes contra o tio Batiste e sua familia, e não perdiam occasião de lhes pregar partidas.

Os dois maioresitos sabiam defender-se, e, com mais arranhão menos arranhão, até ficavam, ás vezes, vencedores. O mais pequeno, porém, Pascualet, um petizola gorducho e pansudo que tinha apenas cinco annos e a quem a mãe adorava pela sua meiguice e mansidão, promettendo de si para si que havia de ser padre, chorava logo que via os irmãos engalfinhados em terrivel combate com os outros condiscipulos.

Muitas vezes, os dois maiores chegavam a

casa suados e cheios de terra, como se se tivessem espojado na estrada, com as calças rôtas e a camisa esfrangalhada. Eram os signaes de combate: o pequeno contava tudo chorando. E a mãe tinha de curar algum dos maiores applicando uma moeda de dez réis bem apertada sobre o gallo feito por uma pedra traiçoeira.

Exasperava se Thereza ao saber dos attentados de que eram objecto seus filhos, e como mulher rude e decidida que nascera no campo, só ficava socegada ao ouvir dizer que os seus tinham sabido defender-se deixando o inimigo em máus lençóes.

Por Deus! que cuidassem de Pascualet primeiro que tudo. E o irmão mais velho, indignado, promettia uma tunda em toda a garotada inimiga quando a encontrasse no caminho.

Todas as tardes, apenas D. Joaquim perdia de vista o grupo, rompiam as hostilidades.

Os inimigos, filhos ou sobrinhos dos que na taberna juravam dar cabo de Batiste, começavam a retardar o passo, tornando menor a distancia entre elles e os tres irmãos.

Ainda lhes soavam nos ouvidos as palavras do mestre e a ameaça do maldito passaro que tudo via e tudo contava. Alguns riam-se, porém só dos dentes para fora. Aquelle tio sabia tanto!

Mas conforme se afastavam, assim amortecia a ameaça do mestre-escola.

Começavam a caracolear em redor dos tres irmãos; a perseguil-os rindo — pretexto malicioso inspirado pela instinctiva hypocrisia da infancia — para empurral-os ao passar, com o santo desejo de pespegar com elles na levada que bordava o caminho.

Depois, se esta manobra não dava resultado, começavam as cabeçadas e os repellões a toda brida.

— Ladrões! ladrões!

E jogando-lhes este insulto, puxavam lhes pelas orelhas e deitavam a fugir, e paravam mais adiante, para repetir as mesmas palavras.

Esta calúnia, forjada pelos inimigos do pae, era o que punha os rapazes fora de si. Os dois maiores, abandonando Pascualet, que se refugiava, chorando, atrás d'uma arvore, pegavam em pedras e feria-se uma batalha em meio do caminho.

Zuniam os calhãos por entre a ramagem, fazendo cahir uma chuva de folhas e recocheteando de encontro aos troncos e socalcos; os cães sahiam das barracas ladrando ferozmente, attrahidos pelo fragor da lucta, e as mulheres, á porta de suas casas, erguiam os braços ao céo gritando indignadas:

— Condemnados! Demonios!...

Eram estes escandalos que chegavam á alma de D. Joaquim e que lhe moviam a canna inexoravel no dia seguinte. Que diriam da sua escola, do templo da boa creação!

A lucta não tinha fim, até que passava algum carreteiro que desenrolava o açoite, ou sahia das barracas algum velho, de arrôcho nas unhas, e os aggressores fugiam, debandando, arrepesos da façanha ao verem-se sósinhos, pensando aterrados, pela facil mudança de impressões da infancia, n'aquelle passaro que tudo sabia e no que D. Joaquim lhes reservava para o dia seguinte.

E entretanto os tres irmãos seguiam seu caminho coçando as arranhaduras da lucta.

Uma tarde, a pobre mulher de Batiste deu gritos que se ouviam no céo, ao ver o estado em que chegaram os pequenos.

N'aquelle dia, a batalha fôra rija. Ah! os bandidos! Os dois mais velhos estavam contusos: era a mesma coisa dos outros dias, não valia a pena fazer caso.

Mas o pequenito, o *Bispo*, como carinhosa-

mente a mãe lhe chamava, achava-se encharcado dos pés á cabeça, e o pobresito chorava e tremia de medo e de frio.

A feroz garotada malhara com elle n'uma val-
la de aguas estagnadas, e d'alli o tiraram seus
irmãos coberto de lôdo negro e nauseabundo.

A mãe deitou-o na sua cama, pois o rapaz
coitadinho continuava tremendo entre seus bra-
ços, agarrando-se-lhe ao pescoço e murmurando
com voz que parecia um balido :

— Mãe! mãe!...

“Senhor! dae-nos paciencia!”, Toda aquella
gentalha, grandes e pequenos, estavam aposta-
dos a dar cabo da familia.

VII

Triste e taciturno como se fôsse a um entêro, metteu-se Batiste a caminho de Valencia, n'uma sexta-feira de manhã. Era dia de feira de gado no leito do rio, e levava na cinta, fazendo muito volume, o saquito de serapilheira com o resto das suas economias.

Choviam desgraças sobre a barraca. Só faltava que cahisse sobre elles o colmado esmagando os a todos... Que gente! Aonde elle se metteu!

O pequenito cada vez peor, tremendo de febre nos braços da mãe, que chorava a toda a hora; visitado duas vezes por dia pelo medico; emfim, uma doença que ia custar lhe tres ou quatro libras; uma bagatella.

O mais velho, Batistet, mal podia passar além dos seus campos. Ainda tinha a cabeça entrapada e a cara cheia de pontos, depois do descommunal combate que sustentou uma manhã no caminho com outros da mesma idade que iam com elle apanhar esterco a Valencia. Todos os estrumeiros dos arredores se colligaram contra Batistet, e o pobre rapaz não podia apparecer na estrada.

Os dois mais novos já não iam á escola com medo das rixas que tinham de sustentar no regresso.

E Roseta, pobre rapariga! era quem se apresentava mais triste. O pae punha-se de aspecto carregado, dirigia-lhe olhares severos para lhe recordar que devia mostrar-se indifferente, e que os seus pesares eram um attentado contra a auctoridade paterna. A sós, porém, o bondoso

Batiste lamentava a tristeza da pobre rapariga.

Elle tambem foi novo e sabia quão pesadas se tornam as penas de quem ama.

Descobrira-se tudo. Depois da famosa rixa da fonte da Rainha, toda a aldeia falou durante dias dos amores de Roseta com o neto do *tio Tomba*.

O barrigudo carniceiro de Alboraya bufava de sanha contra o creado. Ah! grandissimo tratante! Agora já sabia por que é que elle esquecia os seus deveres, por que passava as tardes vadiando pela aldeia como um cigano. O figurão permittia-se ter noiva como se fôsse homem capaz de mantel-a. E que noiva, santo Deus! Bastava ouvir os seus freguezes quando papagueavam lá no talho. Todos diziam a mesma coisa; extranhavam que um homem como elle, religioso, honrado e sem outro defeito senão roubar um tudonada no pêso, permittisse que o creado acompanhasse a filha do inimigo da aldeia, de um máu homem, do qual se dizia ter estado degradedado.

E como tudo isto, no conceito do pansudo patrão, era um descrédito para o seu estabelecimento, ficava furioso sempre que as senhoras vizinhas murmuravam, ameaçando com a faca o timido creado, ou increpando o *tio Tomba* a que corrigisse o patife do seu neto.

Total: o carniceiro despediu o rapaz, e o avô arranjou-lhe collocação, em Valencia, em casa de outro cortador, rogando que lhe não concedessem liberdade nem até mesmo nos dias de festa, para que não tornasse a ir esperar ao caminho a filha de Batiste.

Tonet partiu submisso, com os olhos humedecidos, como um dos borregos que tantas vezes levava de rastos perante a faca de seu amo.

Não mais voltaria. Na barraca, ficava a pobre rapariga, que se mettia na alcôva para chorar,

esforçando-se por occultar a sua dôr na presença da mãe, que, irritada por tantas contrariedades, se mostrava intratavel, e deante do pae, que promettia fazel a em postas se tornasse a ter noivo e a dar que falar á vizinhança, onde todos eram inimigos.

Ao pobre Batiste, tão severo e ameaçador, o que mais lhe doia de todas as suas desgraças, era o desconsôlo da cachopa, falta de appetite, amarellenta, desólhada, esforçando-se por parecer-lhe indifferente, quasi sem dormir, o que não impedia que todos os dias fôsse pontualmente para a fabrica, com o olhar vago, revelador de que o pensamento andava por longe, de que no seu intimo sonhava a todâ a hora.

Eram possiveis mais desgraças? Pois ainda restavam outras. N'aquella barraca, nem as bestas se livravam da atmospherâ envenenada de odio que parecia pairar sobre ella.

Ao que não maltratavam deitavam decerto máu olhado, e por isso o pobre *Morrut*, o cavallo velho, que era como da familia, que arrastara pelas estradas os miseros cacos e os pequenos nas peregrinações da miseria, se alquebrara pouco e pouco em o novo estabulo, o melhor alojamento da sua larga vida de trabalho.

Portou-se como pessoa de bem durante a peor epocha; quando a familia se estabeleceu na barraca, foi preciso lavrar a terra maldita, petrificada por dez annos de abandôno; quando era necessario fazer continuas jornadas a Valencia para apanhar caliça das construcções demolidas e madeiras velhas; quando o pasto não era muito e o trabalho excessivo, e agora que em frente do postigo da mangedoira se extendia um grande campo de hervã fresca, altaneira e ondeante, toda para si; agora que tinha a mesa posta com aquella verde e succulenta toalha que cheirava que era um gôsto; agora que engordava, que se lhe arredondavam as ancas pon-

teagudas e o nodoso dorso, morria sem se saber de que; talvez no uso do seu pleno direito ao descanso, depois de ter posto a nado a familia.

Deitou-se um dia sobre a palha negando-se a sahir e fitando Batiste com olhos vitreos e amortecidos, que faziam expirar nos labios do dono as pragas e ameaças da indignação. Parecia uma pessoa o pobre *Morrut*: Batiste, lembrando-se do seu olhar, sentia vontade de chorar. A barraca poz-se em alvoroço; e esta desgraça até fez que a familia esquecesse por momentos o pobre Pascualet, que tremia de febre na cama.

A mulher de Batiste chorava. Aquelle animal, extendendo o seu meigo focinho, tinha visto vir ao mundo quasi todos os seus filhos; ainda se lembrava, como se fôsse hontem, de quando o compraram na feira de Sagunto, pequeno, sujo, cheio de mazellas e asquerosidades, como um garrano de refugio. Era alguem da familia que se ia. E quando esses sujeitos repugnantes chegaram n'um carro para levarem o cadaver do veterano do trabalho para o *guano*, onde lhe converteriam o esqueleto em ôsso de polido brilho, e as carnes em adubo fertilizante, choravam os pequenos gritando da porta um adeus interminavel ao pobre *Morrut*, que se afastava com as patas rigidas e a cabeça bamboleante, emtanto que a mãe, como se tivesse um horri-vel presentimento, arrojava-se de braços abertos sobre o doentinho.

Parecia-lhe ver o filho quando entrava na cavallariça para puxar pela cauda de *Morrut*, o qual soffria com passividade carinhosa todas as travessuras dos pequenos. Parecia-lhe ver o pequerrucho quando o pae o escarranchava sobre a dura espinha do animal, fustigando com os pésitos os nédios flancos e gritando: arre! arre! com infantil balbuceio. E com a morte da pobre besta julgava ter ficado aberta uma brecha por onde desappareceriam outros.

Oxalá que a enganassem os presentimentos de mãe dolorosa: que fôsse só o paciente animal a desapparecer: que não levasse sobre o dorso a pobre creancinha a caminho do Céu, como n'outros tempos o levava pelos corregos da aldeia agarrado ás suas crinas, a passo lento para o não fazer cahir!

E o pobre Batiste, com o pensamento occupado por tantas desgraças, baralhando na imaginação o filho enfermo, o cavallo morto, o filho com a cabeça partida e a filha com o seu reconcentrado pesar, chegou aos arrabaldes da cidade e atravessou a ponte de Serranos.

Ao fim da ponte, na explanada entre os dois jardins, defronte das oitavadas torres que mostravam por cima do arvoredos as arcadas ogivaes, as avançadas barbacans e a dupla corôa de ameias, deteve se Batiste passando as mãos pela cara.

Tinha que visitar o patrão, os filhos de D. Salvador, e pedir-lhes emprestado um dinheiro para completar a quantia que devia custar-lhe um rocinante para substituir o pobre *Morrut*. E como o asseio é o luxo do pobre, sentou-se n'um banco de pedra á espera que lhe chegasse a vez para fazer a barba de duas semanas, rija e picando como púas, que lhe ennegrecia a cara.

A' sombra dos altos choupos, funcionavam os cabelleireiros da gente da aldeia, os barbeiros de *cara ao sol*. Um par de cadeiras com assento de esparto e braços polidos pelo uso, um fogareiro onde fervia a panella da agua, os panos de côr duvidosa e umas navalhas cheias de bôccas que arranhavam a dura cutis dos freguezes com raspões que faziam calafrios, constituia os bens d'aquelles estabelecimentos ao ar livre.

Rapazes rusticos que aspiravam a ser officiaes de barbeiro na cidade, faziam alli as suas pri-

meiras armas, e emquanto se adestravam dando golpes ou povoando as cabeças de tesouradas e peladuras, o patrão dava trela aos freguezes no banco do passeio, ou lia em voz alta o periodico aos circumstantes, que escutavam impassiveis com o queixo mettido entre as mãos.

Aos que se sentavam na cadeira dos tormentos, passava-lhes um pedaço de giz de alfaiate pelas bochechas, e esfrega que esfrega, até levantar escuma. Depois, vinha a roçadoira cruel, os cortes que o freguez aguentava a pé firme com a cara manchada de sangue. Um pouco mais adiante cantavam as enormes tesouras em continuo movimento, passando e tornando a passar sobre a redonda cabeça de algum mocetão presumido, que ficava tosquiado á maneira de cão d'agua; o cúmulo da elegancia: compridas melenas sobre a testa, e do meio da cabeça para trás, tudo muito bem rapado.

Batiste foi escanhado com bastante sorte, emquanto ouvia, encafuaado na poltrona e de olhos cerrados, a leitura do *mestre* com voz nasal e monotona, e os seus commentarios e glosas de homem sabido na causa publica. Apanhou apenas tres raspões e um lanho na orelha. D'outras vezes tinha sido mais: deu os trinta réis, e enfiou para a cidade pela porta de Serranos.

Duas horas depois, tornou a sahir e sentou-se no banco de pedra, entre o grupo dos freguezes, para ouvir o mestre, até chegar a hora da feira.

Os patrões acabavam de lhe emprestar o resto que lhe faltava para a compra do cavallo. Agora o importante era ter bom ôlho para escolher; serenidade para se não deixar enganar pela manhosa ciganada que passava deante d'elle com as bestas, e descia pela rampa em direcção ao leito do rio.

Onze horas. A feira devia estar na sua maior animação. Chegava até Batiste o confuso rumor

de um cachoar invisível; sahiam os relinchos e as vozes do fundo do rio. Estava em dúvida, permanecia quieto, como homem que deseja retardar o momento de uma resolução importante; mas por fim decidiu-se a ir á feira.

O leito do rio estava como sempre, quasi sêcco. Alguns veios de agua escapados dos açudes e represas que refrescam a veiga, serpenteavam formando curvas e ilhas n'um solo polvorento, ardente e desigual, que mais parecia de deserto africano que o leito de um rio.

A taes horas, estava todo elle branco de sol, sem a menor mancha de sombra.

Os carros dos labregos com seus tôldos brancos formavam um acampamento no centro do leito do rio, e pelo parapeito adeante, postas em fila, estavam as bestas á venda; as mulas negras e escoucinhadoras com seus vermelhos cobrejões e de nedias ancas agitadas por nervosa inquietação; os cavalloos de trabalho, fortes, porém tristes quaes servos condemnados a eterna fadiga, olhando com olhos vidrentos para todos que passavam como se adivinhassem o novo tyranno, e as pequenas e buliçosas facas, ferindo o pó com os cascos, puxando pelos cabrestos que as prendiam ao muro.

Junto á rampa de descida, estavam os animaes de refugo: burros desorelhados, de pêlo sujo e asquerosas mataduras; cavalloos tristes, cuja pelle parecia esburacar-se com as agudezas do descarnado esqueleto; mulas cegas com pescoço de cegonha; toda a miseria da feira, os naufragos do trabalho, que com o coiro moído de paulada, o estomago contrahido e as escoriações roídas pelas môscas varejeiras, esperavam a chegada de contratador de corridas de toiros ou de mendigos que ainda saberiam utilisal-os.

Junto ás correntes d'agua, no centro do leito do rio, nas ribeiras que a humidade cobrira de

uma ténue camada de relva, trotavam as manadas de poldros sem ensino, com a farta crina ao vento, arrastando a cauda pelo chão. Mais além das pontes, através dos redondos oculos de pedra, viam-se rebanhos de toiros com as patas encolhidas, ruminando tranquilos a herva que os campinos lhes atiravam, ou andando preguiçosos pelo terreno abrasado, sentindo a nostalgia das frescas pastagens, e estacando arrogantes sempre que os gaiatos lhes assobiavam de cima da ponte.

Augmentava a animação da feira. Em redor de cada cavalgadura cuja venda se ajustava, agglomeravam-se grupos de gesticuladores e paroleiros labregos em mangas de camisa, com a vara de freixo na mão direita. Os ciganos, sêccos, bronzeados, de pernas compridas e arqueadas, jaleco adornado de remendos e gorro de pelles, sob o qual brilhavam seus olhos negros com resplendor de febre, falavam sem cessar, deitando o bafo á cara do comprador como se quizessem hypnotizal-o.

— Mas repare bem na faca. Olhe que linhas... como é airosa!

E o labrego, insensível ás mellifluidades ciganas, concentrado em si mesmo, pensativo e duvidoso, olhava para o chão, olhava para a besta, coçava a nuca, e acabava por dizer com energia de cabeçudo:

— Bem... pois não dou mais.

Para fazer os cambões e solemnisar as vendas procurava-se o abrigo de uma ramada, debaixo da qual uma mulherona vendia bolos enfeitados pelas môscas, ou enchia pegajosos copos com o conteúdo de meia duzia de garrafas alinhadas sobre uma mesa de zinco.

Batiste passou e tornou a passar várias vezes por entre as bestas, sem fazer caso dos vendedores que o perseguiam, adivinhando a sua intenção.

Nada o satisfazia. Ai! pobre *Morrut!* quão difficil era encontrar-lhe successor! Se não fôsse constrangido pela necessidade, ter-se-hia ido embora sem feirar; suppunha offender o defuncto fixando a sua attenção n'aquellas bestas antipathicas.

Porfim deteve-se deante de um rocinante branco, não muito gordo nem nedio, com algumas manchas nas pernas e certo ar de cansaço; uma besta de trabalho que, não obstante mostrar-se fatigada, parecia forte e animosa.

Apenas lhe passou a mão pelas ancas, appareceu junto d'elle o cigano, obsequioso, muito dado, tratando o como se o conhecesse desde creança.

— Isso é um animal que vale quanto pesa; bem se vê que vossemecê conhece o que é bom... E barato: parece-me que não regatearemos... *Monote!* Dá-lhe um passeio, para que este senhor veja com que garbo anda.

E o alludido *Monote*, um ciganito com as calças rôtas atrás e a cara cheia de crostas, pegou no cavallo pela arreata e sahiu correndo pelos altibaixos de areia, seguido do pobre animal que trotava displicente, como aborrecido de uma operação tantas vezes repetida.

Accorreu a gente curiosa, agrupando-se em redor de Batiste e do cigano, que seguiam com a vista a andadura do animal. Quando voltou o *Monote* com o cavallo, Batiste examinou-o detidamente, metteu os dedos entre a amarellada dentadura, passou as mãos por todo o animal, levantou os cascos para os inspeccionar e observou-o cuidadosamente entre pernas.

— Veja á sua vontade, veja á sua vontade — dizia o cigano — não está ahí p'ra outra coisa... Isso é trigo sem joio. Aqui não se engana ninguém; o que ahí está é o que é. Não se preparam os animaes como fazem outros que desfiguram um burro n'um abrir e fechar d'olhos. Comprei-o

a semana passada e nem sequer cuidei de arranjar-lhe essas coisitas que tem nas pernas. Vossemecê já viu o lindo bracejar que elle tem. E puxar a um carro? Nem um elephante arranca como elle. Repare-lhe no pescoço, que lá encontrará a prova.

Batiste não parecia descontente com o exame, mas fazia esforços por dar mostras do contrário e todo elle era caretas e torcedelas de nariz. As suas infelicidades como carreteiro fizeram-lhe conhecer as bestas, e ria-se intimamente de alguns curiosos, que, influenciados pelo máu aspecto do cavallo, questionavam com o cigano, dizendo que sô era bom para mandar para o guano. Tinha o aspecto triste e cansado dos animaes de trabalho que obedecem resignados em quanto podem suster-se.

Chegou o momento decisivo. Ficaria com elle. Quanto?

— Por ser para vossemecê, que é um amigo — disse-lhe o cigano passando-lhe a mão pelas costas — pessoa sympathica que saberá tratar bem esta prenda... leva-o por nove libras e está tratado.

Batiste aguentou o tiro a pé firme, como homem acostumado a estas discussões, e sorriu com velhacaria.

— Pois bem: por seres tu, pouco menos offereço. Queres cinco?

O cigano abriu os braços com theatral indignação, recuou alguns passos, arrepelou o gorro de pelles, e fez toda a casta de momices para exprimir o seu assombro.

— Maria Santissima! Cinco libras! Mas vossemecê viu bem o animal? Nem que fôsse roubado se podia dar por tal preço.

Batiste, porém, respondia sempre o mesmo a todos os seus exaggeros.

— Cinco... nem mais um real.

E o cigano, apuradas todas as suas razões,

que não eram poucas, appellou para o supremo argumento.

— *Monote*... passeia o animal... quero que este senhor o veja bem.

E lá foi *Monote* outra vez, trotando e levando o cavallo pela arreata cada vez mais aborrecido de taes passeios.

— Que garbo, hein? — dizia o cigano. Parece uma marquezia passeando. E vale isto para vossemecê cinco libras?

— Nem mais um ceutil, repetia o cabeçudo.

— *Monote*... anda p'ra cá, não é preciso mais.

E fingindo-se indignado o cigano, voltava as costas ao comprador como dando por desfeito todo o ajuste, porém ao ver que Batiste ia de veras embora, desappareceu-lhe a seriedade.

— Ora venha cá... Como é a sua graça?... Ah! Pois olhe, senhor Bautiste, para que veja que lhe quero bem e desejo que essa joia seja sua, vou fazer o que não faria por ninguem. Convem-lhe por oito libras? Vamos, diga que sim. Juro-lhe pela sua saude, que não fazia isto nem por meu pae.

D'esta vez, ainda foi mais animado e cheio de gestos o protesto, ao ver que o lavrador se não commovia com o abatimento e que a muito custo lhe offereceu mais meia libra. Tão pouco carinho lhe inspirava, pois, aquella perola fina. Mas isso era não ter olhos para apreciar-a. Vamos, *Monote*, tral-o outra vez.

Monote, porém, não teve que tornar a esfalfar se, porquanto Batiste afastara-se fingindo ter desistido da compra.

Vagueou pela feira observando de longe outros animaes, porém vendo sempre o cigano com o rabinho do olho, o qual fingindo indifferença, egualmente o seguia, o espiava.

Acercou-se de um cavallote de posses e de pêlo nedio, que não pensava em comprar adivinhando o seu alto preço. Mal lhe passou a mão

pela garupa, sentiu junto das orelhas um halito ardente que murmurava:

— Sete e meia... Pela saúde dos seus pequenos, não diga que não: já vê que estou na razão.

— Seis — disse Batiste, sem se voltar.

Quando se cansou de admirar aquella formosa besta, continuou para deante, e, para fazer alguma coisa, poz-se a vêr uma velha lavradeira regateando um burrico.

O cigano tinha voltado para junto do seu cavallo e observava-o de longe, agitando a corda da cabeçada como se o chamasse. Batiste aproximou-se lentamente, fingindo-se distraído, olhando para as pontes, por onde passavam como móveis cúpulas de côres as sombrinhas das mulheres da cidade.

Era já meio dia. A areia do alveo abrasava; o espaço circumscripto pelas rampas das pontes não se agitava com a mais leve aragem. N'aquelle ambiente calido e pegajoso, o sol, cahindo em cheio, furava a pelle e queimava os labios.

O cigano adeantou-se alguns passos para Batiste offerecendo-lhe a ponta da corda, como acto de posse.

— Nem a palavra de vossemecê nem a minha. Sete e meia, e Deus bem sabe que não ganho nada. Sete e meia... não me diga que não, porque isso arreliame. Vamos... Toque.

Batiste agarrou na corda e extendeu a outra mão ao vendedor, que lh'a apertou expressivamente. Estava fechado o negocio.

O lavrador foi tirando da cinta toda aquella indigestão de economias que lhe inchava o ventre.

Uma nota que o amo lhe emprestara, umas poucas de moedas de um duro, um punhado de prata miuda embrulhada n'um cartucho de papel, e, quando se completou a conta, não pôde

deixar de ir com o cigano para debaixo da ramada, afim de offerecer-lhe um copo e dar uns cobses a *Monote* pelos trotes.

— Vossemecê leva a joia da feira. Hoje é um bom dia para vossemecê, *sôr* Bautiste; benzeu-se com a mão direita, e a Virgem appareceu-lhe.

Teve ainda que beber segundo copo, que o cigano mandou vir, e por fim, pondo dique ao caudal de offercimentos e salamaleques, pegou na arreata do seu novo cavallo, e, ajudado pelo serviçal *Monote*, montou em ôsso e sahiu a trote da ruidosa feira.

Ia satisfeito com o animal: não perdera o dia. Mal se recordava do pobre *Morrut*, e sentia o orgulho do proprietario quando na ponte ou no caminho se voltava algum da aldeia a examinar o branco cavallicoque.

A maior satisfação foi ao passar em frente da casa de *Copa*. Fez executar ao rociante um trotesito pretencioso como se fôsse um cavallo de raça, e viu como depois de passar, assomavam á porta *Pimentó* e todos os ociosos vadios da aldeia com olhos de assombro. Miseraveis! Já deviam estar bem convencidos de que era difficil metter dente com elle, que sósinho sabia defender-se. Estavam vendo, cavallo novo. Oxalá que se pudesse arranjar tão facilmente o que se passava dentro da barraca!

Os seus trigos altos e verdes formavam como um lago de inquietas ondas á beira do caminho; a pastagem mostrava-se louçã e com um perfume que dilatava as ventas do cavallo. Não podia queixar-se das suas terras, porém dentro da barraca era onde receava encontrar a desgraça, eterna companheira da sua existencia, esperando-o para lhe cravar as garras.

Ao ouvir o trote do cavallo, sahiu Batistet com a cabeça entrapada e correu a apoderar-se da arreata. O rapaz enthusiasmou-se com a

nova alimaria. Afagou-a, metheu-lhe as mãos por entre a crina e com a ancia de lhe saltar para o espinhaço, poz um pé no curvilhão, agarrou-se á cauda e montou pela garupa como um moiro.

Batiste entrou na barraca, branca e pulchra como sempre, com os azulejos luminosos e todos os móveis no seu logar, mas que parecia envôlta na tristeza de uma sepultura limpa e brilhante.

A mulher appareceu á porta do quarto com os olhos inchados e vermelhos e o cabello em desordem, revelando no seu aspecto cansado as longas noites passadas em vigilia.

Acabava de sahir o medico: poucas esperanças. Não tinha boa cara, exprimia-se com meias palavras, e depois de examinar o pequeno durante algum tempo, acabou por sahir sem receitar novo remedio. Apenas disse, ao montar na sua mula, que voltaria á noitinha. E o pequeno sempre na mesma, com uma febre que lhe devorava o corpinho, cada vez mais extenuado.

Era a mesma coisa dos mais dias. Tinham-se acostumado já áquella desgraça: a mãe chorava automaticamente, e os restantes, com uma expressão triste, dedicavam-se ás suas habituaes occupações.

Depois Theresa, mulher laboriosa, perguntou ao marido pelo resultado da jornada, quiz ver o cavallo, e até a triste Roseta esqueceu os seus pesares amorosos para se inteirar da aquisição.

Todos, grandes e pequenos, fôram ao curral, para ver no estabulo o cavallo que o entusiasmado Batistet acabara de lá metter. O pequeno ficou abandonado na cama da alcôva, onde se revirava com os olhos embaciados pela doença, balindo debilmente: mãe! mãe!

Theresa examinava com grave expressão a

compra de seu marido, calculando detidamente se aquillo valia sete libras e meia; a filha procurava as differenças entre a nova besta e o *Morrut* de grata memoria, e os dois pequenos, com repentina confiança, puxavam-lhe pela cauda e afagavam-lhe o ventre, rogando em vão ao irmão mais velho que os puzesse em cima do branco espinhaço.

Decididamente agradava a todos aquelle novo individuo da familia, que farejava a mangedoira com extranheza, como se lhe achasse algum rasto, algum vago odor do companheiro morto.

Jantou toda a familia, e era tal a febre da novidade, o enthusiasmo pela aquisição, que várias vezes Batistet e os pequenos se escapuliram da mesa para irem deitar uma vista d'olhos ao estabulo, como se receassem que o cavallo tivesse creado azas e já não estivesse lá.

A tarde decorreu sem novidade. Batiste tinha de lavrar uma parte do terreno que ainda conservava inculto, para plantar hortaliça, e elle e o filho engataram o cavallo, ficando orgulhosos ao ver a mansidão com que obedecia e a fôrça com que puxava o arado.

Ao anoitecer, quando já iam a retirar-se, chamou-os Theresa em altos brados da porta da barraca. Era como se pedisse soccorro:

— Batiste! Batiste!... Vem cá depressa.

E Batiste correu pelo campo fora, assustado pelo tom de voz de sua mulher e pelas contorsões d'ella, que arreplava os cabellos gemendo.

O pequeno estava a morrer: bastava velo para se convencer d'isso. Batiste, ao entrar na alcôva, inclinando-se sobre a cama, sentiu um estremecimento de frio, como se acabassem de lhe atirar um balde de agua pelas costas abaixo. O pobre *Bispo* mal se mexia: apenas lhe arfava o peito com ancioso estertor; os labios tomavam uma tinta violacea; os olhos, quasi

cerrados, deixavam entrever o globo immovel e empanado, uns olhos que já não viam, e a sua morena carinha parecia ennegrecida por mysteriosa escuridão, como se sobre ella projectassem suas sombras as azas da morte. A unica coisa que brilhava n'aquella cabeça eram os cabellinhos loiros, extendidos sobre a almofada como frisada madeixa, em que se amortecia com extranha luz o resplendor da candeia.

Soltava a mãe gemidos desesperados; rugidos de fera enfurecida. Sua filha, chorando silenciosa, tinha necessidade de contel-a, de sujeital-a, para que se não atirasse sobre o pequeno ou despedaçasse a cabeça contra a parede. Fora, choramingavam os pequenos, sem se atreverem a entrar, como se lhes causassem terror os tormentos de sua mãe, e junto da cama estava Batiste absorto, de punhos cerrados, mordendo os beiços, com a vista fixa no corpinho d'aquelle innocente, ao qual tantas angustias e estremecimentos custava o desprender-se da vida. A calma d'aquelle homem-zarrão, os olhos sêccos agitados por nervoso pestanejar, a cabeça inclinada sobre o filho, tinha uma expressão ainda mais dolorosa que os lamentos da mãe.

Notou, sem demora, que Batistet estava a seu lado; havia-o seguido, alarmado pelos gritos da mãe. Batiste ficou contrariado ao saber que deixara o cavallo sósinho no meio do campo, e o rapaz, enxugando as lagrimas, sahiu correndo, afim de trazer o animal para o estabulo.

D'ahi a nada, novos gritos arrancaram Batiste do seu torpor doloroso.

— Pae!... pae!

Era Batistet, que o chamava da porta da barraca. O pae, presentindo nova desgraça, correu atrás d'elle, sem comprehender as suas

desconnexas palavras. O cavallo .. o pobre branco .. jazia no chão... sangue...

E, a poucos passos, viu-o encostado sobre as patas, engatado ainda ao arado, porém tentando em vão erguer-se, extendendo o pescoço, relinchando dolorosamente, emtanto que do costado, junto a uma das patas deanteiras, brotava lentamente um liquido escuro, de que se empapavam os rêgos recém-abertos.

Tinham n'ó ferido; talvez morresse. Por Christo! Um animal que lhe era tão necessario como a propria vida e que o obrigara a endividar-se com o senhorio...

Olhou em redor como procurando o auctor. Ninguem. Na veiga, que o crepusculo ia tornando azulada, não se ouvia mais que o ruido longinquo dos carros, o rumorejo dos cannaviaes e os gritos com que chamavam d'umas barracas para as outras. Pelos caminhos proximos, pelos corregos, nem viv'alma.

Batistet procurava justificar-se d'aquelle descuido perante o pae. Quando corria para a barraca, tinha visto vir pelo caminho um grupo de homens, gente alegre que ria e cantava regressando sem dúvida da taberna. Talvez fôsem elles

O pae não quiz ouvir mais... *Pimentó*, quem podia ser senão elle? O odio da aldeia assassina-lhe um filho, e agora aquelle ladrão matava-lhe a cavalgadura, adivinhando o quanto era necessaria. Christo! Não bastava tudo isto para que um christão se perdesse?

E não raciocinou mais. Sem saber o que fazia, regressou para a barraca, pegou na espingarda que estava atrás da porta, e sahiu correndo, emquanto instinctivamente abria a culatra da arma para verificar se os dois canos estavam carregados.

Batistet ficou junto ao cavallo tentando estancar-lhe o sangue com o lenço da cabeça.

Sentiu medo ao ver o pae correr pelo caminho com a espingarda aperrada e ancioso por dar largas ao seu furor matando.

Era terrivel o aspecto d'aquelle homemzarrão tranquillo e obstinado, no qual despertava a féra, cansada de que a fustigassem continuamente. E nos seus olhos injectados de sangue brilhava a febre do assassinio: todo o seu corpo estremecia de colera, essa terrivel colera do homem pacifico que, quando desce o limite da mansidão, é para cahir na ferocidade.

Qual javali furioso, enfiou pelos campos, calcando as plantas, saltando vallas, partindo cannaviaes; se abandonou o caminho foi para chegar mais depressa á barraca de *Pimentó*.

Havia alguém á porta. A cegueira da colera e a penumbra do crepusculo não lhe permitiam distinguir se era homem ou mulher, porém viu como de um salto se metteu logo dentro de casa e cerrava a porta de repente, assustado por aquella apparição, prestes a metter a espingarda á cara.

Batiste deteve-se deante da barraca fechada.

— *Pimentó!*... Ladrão! vem cá fora!

E a sua propria voz causava lhe extranheza como se fôsse de outro. Era uma voz trémula, aflautada, aguda pela suffocação da ira.

Ninguem respondeu. A porta continuava fechada: fechadas as janellas e as tres gateiras do remate da fachada que davam luz ao sobrado, ao celleiro, onde se guardavam as colheitas.

O bandido talvez o estivesse espreitando por algum buraco, talvez preparasse a escopeta para lhe atirar á traição de um dos postigos superiores, e, instinctivamente, com essa previsão moirisca atreita sempre a suppor no inimigo toda a casta de malas artes, cobriu o corpo com o tronco d'uma figueira gigante que assombreava a barraca de *Pimentó*.

O nome d'este resoava sem cessar no crepusculo, acompanhado de toda a casta de insultos.

— Sae, cobarde! . . . Vem cá fora, cão!

E a barraca silenciosa e fechada como se a tivessem abandonado.

Julgou Batiste ouvir gritos abafados de mulher; um ruido de lucta; o que quer que fôsse que lhe fez suppor uma scena de pugilato entre a pobre Pepeta contendo *Pimentó*, que queria sahir, para responder aos insultos; mas depois não ouviu nada e os seus improperios continuaram soando n'um silencio desesperador.

Isto enfurecia-o mais ainda do que se o inimigo tivesse apparecido. Sentia-se enlouquer. Parecia-lhe que a muda barraca caçoava de si, e abandonando o esconderijo, foi-se á porta e começou a descarregar-lhe coronhadas.

A madeira estremecia com aquelle martellar de gigante louco. Queria saciar a ira na vivenda, já que não podia fazer o dono em fanicos, e tão depressa batia com a coronha na porta como contra as paredes, arrancando enormes pedaços de caliça. Até, por várias vezes, metteu a espingarda á cara, querendo disparar os dois tiros contra as janellas do celleiro, detendo-o unicamente o medo de ficar desarmado.

Augmentava a sua colera: rugia os insultos; os olhos, injectados, mal se viam: cambaleava como se estivesse ebrio. Ia a cahir ao chão apopletico, agonisante de colera, asphyxiado pela raiva, mas passou lhe, pois de repente as nuvens vermelhas que o envolviam dissiparam-se, ao furor succedeu a fraqueza, viu toda a sua desgraça, sentiu-se anniquilado; a colera, quebrantada pela terrivel tensão que attingira, desvaneceu-se, e Batiste, no meio do rosario de insultos, sentiu que a voz se lhe estrangulava até tornar-se n'um gemido, e por fim desatou a chorar.

Não proseguiu mais nos insultos a *Pimentó*. Foi retrocedendo pouco a pouco até chegar ao caminho e sentou-se n'um socalco com a espingarda aos pés. Alli, chorou e tornou a chorar, sentindo n'isto um grande allivio, acariciado pelas sombras da noite, que pareciam tomar parte na sua dôr, pois cada vez se tornavam mais densas, occultando-lhe o pranto infantil.

Como era desgraçado! Sósinho contra todos. Ao pequenino encontral-o-hia morto, quando chegasse á barraca; o cavallo, que era a sua vida, inutilisado por aquelle traidor; o infortunio perseguia-o por toda a parte, surgindo dos caminhos, aproveitando todas as occasiões para ferir os seus; e elle, inerte, sem poder evitar o inimigo que se dissipava, apenas tentava defender-se, cansado de soffrer.

Senhor! Que havia feito elle para padecer tanto? Não era um homem honrado?

Sentia-se cada vez mais acabrunhado pela dôr. Alli ficava pregado no socalco: podiam vir os seus inimigos; não tinha fôrças nem para pegar na espingarda que estava a seus pés.

Ouvia-se pelo caminho um lento badalar que povoava a escuridão de mysteriosas vibrações. Batiste lembrou-se do pequeno, do pobre *Bispa*, que talvez já estivesse morto. Talvez que aquelle som tão suave fôsse dos anjos, que desciam á terra para o levarem e revoloteavam pela aldeia sem encontrarem a sua misera barraca. Se não ficassem os outros... os que necessitavam do seu braço para viverem!... O desventurado anciava o anniquilamento; pensava na felicidade de deixar alli, sobre o socalco, aquelle corpanzil, cujo sustento tanto lhe custava, e agarrado á alminha do filho, do innocentinho, voar, voar como os bemaventurados que elle vira guiados por anjos nos quadros das egrejas.

O badalar soava junto d'elle e passavam

pelo caminho vultos informes que a sua vista, turva pelas lagrimas, não conseguia distinguir. Sentiu que lhe tocavam com a ponta de um páu, e, levantando a cabeça, viu uma figura sôlta, uma especie de espectro, que se inclinava sobre elle.

Reconheceu o *tio Tomba*: o unico da aldeia a quem não devia nenhum desgosto.

O pastor, tido por feiticeiro, possuia a adivinhação assombrosa dos cegos. Apenas reconheceu Batiste, pareceu comprehender toda a sua desgraça. Tacteu com o páu a espingarda que estava a seus pés, e volveu a cabeça como procurando na obscuridade a barraca de *Pimentó*.

Falava com lentidão, com uma tristeza tranquillã, como homem acostumado às miserias de um mundo d'onde depressa havia de sahir. Adivinhava o pranto de Batiste.

— Filho meu . . . filho meu . . .

Elle já esperava tudo quanto se passava. Tinha-o prevenido d'isso a primeira vez que o viu na posse das terras malditas. Acarretar-lhe-hiam desgraça. . . Acabava de passar em frente da sua barraca e vira luzes pela porta aberta. . . ouvira gritos de desesperação: o cão uivava . . . Morrera o pequeno, era verdade? E elle alli, julgando estar sentado n'um socalco, quando na realidade onde estava era com um pé no degredo. Os homens perdem-se assim e desmembram se as familias. Acabaria matando loucamente como o pobre *Barret*, e morrendo como elle, no degredo. Era inevitavel: aquellas terras estavam amaldiçoadas pelos pobres e não podiam produzir mais que fructos de maldição.

E mastigando as suas terriveis prophecias, o pastor afastava se atrás das sua ovelhas, caminho do povo, aconselhando o pobre Batiste a que fôsse tambem embora, mas para longe,

muito longe, onde não tivesse de ganhar o pão
luctando contra o odio da miseria.

E já invisivel, confundido nas sombras, Ba-
tiste escutava todavia a sua voz lenta e triste
que lhe causava calafrios.

— *Acardita, filho meu... hão de ser a tua des-
gracia!*

Batiste e sua familia não perceberam como
se iniciou o acontecimento indito. Respe-
tado, quem foi o primeiro que se decidiu a sair
passado que ligava o caminho com
os outros campos.

Logo estavam na batida para repartir em
tas porções. Acorrentados pela dor, viram
que a aldeia se dirigia rapidamente para ei-
les e não protestaram, porque a desgraça ne-
cessaria de conforto, nem agradeceram o mespe-
rado movimento de aproximação.

A morte do pequeno conata por aquelas
redondezas com a extrema rapidez com que
correu na aldeia as noticias, saindo de lar-
tas em batida para as do maximo, o mais
rapido dos telegramas.

W. aquella noite, muitos dormiram mal. A re-
cis que o innocente, se evoltar-se, deixara
criado um espirito na consciencia das vi-
rios. Mas d'ora nunca deu volta na cama.
perturbando com a sua indietação e somno
do marido, que protestava indignado. O ma-
lher do diabo, deixas as dormir. Não: não
podia: aquella grande trave foi o somno. Foi
tadado! Que dita elle ao senhor quando en-
trasse no Caó?

Todos tinham algumas responsabilidades na
quella morte, porém cada um com egualmo hy-
pocrita, attribua ao vizinho a principal culpa
da envenenada perseguição, e suas consequen-
cias haviam tocado sobre o pequeno. Cada
senhor-vizinho attribuia o facto a que tinha
dormido. E por um estomacho se com o pro-

VIII

Batiste e sua familia não perceberam como se iniciou o acontecimento inaudito, inesperado; quem foi o primeiro que se decidiu a atravessar o passadiço que ligava o caminho com os odiados campos.

Não estavam na barraca para reparar em taes pormenores. Acabrunhados pela dôr, viram que a aldeia se dirigia repentinamente para elles e não protestaram, porque a desgraça necessita de confôrto, nem agradeceram o inesperado movimento de aproximação.

A morte do pequeno constara por aquellas redondezas com a extranha rapidez com que correm na aldeia as noticias, saltando de barraca em barraca nas azas do mexerico, o mais rapido dos telegraphos.

N'aquella noite, muitos dormiram mal. Parecia que o innocentinho, ao evolar-se, deixara cravado um espinho na consciencia dos vizinhos. Mais d'uma mulher deu voltas na cama, perturbando com a sua inquietação o somno do marido, que protestava indignado. O' mulher do diabo, deixas-me dormir? ... Não; não podia: aquella creança tirava-lhe o somno. Coitadinho! Que diria elle ao Senhor quando entrasse no Céu?...

Todos tinham alguma responsabilidade n'aquella morte, porém cada um, com egoismo hypocrita, attribuia ao vizinho a principal culpa da encarniçada perseguição, cujas consequencias haviam recahido sobre o pequeno. Cada senhora-vizinha attribuia o facto á que tinha por inimiga. E por fim adormecia-se com o pro-

posito de desfazer no dia seguinte todo o mal praticado, indo pela manhã offerecer-se á familia, chorar sobre a pobre creança, e entre as nevoas do somno julgavam ver Pascualet branco e luminoso como um anjo, olhando com olhos de exprobração os que tão crueis haviam sido para com elle e para com os seus.

Toda a gente dos arredores se levantou ruminando em mente o modo de se approximarem da barraca de Batiste e de lá entrarem. Era um exame de consciencia; uma explosão de arrependimento que affluia á pobre barraca de todos os extremos da veiga.

Acabava de amanhecer, e já estavam encostadas á barraca duas velhas que viviam n'uma granja proxima. A consternada familia pouco reparo fez na presença d'aquellas duas mulheres, alli onde ninguem tinha entrado havia mais de seis mezes. Queriam ver o menino, e entrando na alcôva contemplaram-n'o ainda na cama, sob um lençol que o cobria até o pescoço, sem marcar porém o relêvo do corpo, e a loira cabeça, inerte e pesada, sobre a almofada. A mãe não fazia mais que chorar, mettida a um canto, encolhida, desgrenhada, pequena como uma creança, como esforçando-se por annullar-se e desapparecer.

Atrás d'aquellas mulheres, entraram outras e mais outras; era um rosario de senhoras-vizinhas chorosas, que chegavam de todos os lados da aldeia e rodeavam a cama, beijavam o cadaverzinho e pareciam apoderar-se d'elle como se fôsse coisa sua, sem se importarem com Theresa e sua filha, que, rendidas pela insomnia e pelo pranto, pareciam idiotas, descansando sobre o peito a cara afogueada pelas lagrimas.

Batiste, sentado n'um mocho de esparto no meio da casa, fitava com expressão estúpida o desfilar d'aquella gente, que tanto mal lhe

fizera. Não a odiava, mas também não sentia gratidão. A crise da vespera anniquilara o, e olhava para tudo aquillo com indifferença, como se a barraca não fôsse sua nem o innocentinho que estava na cama seu filho.

Apenas o cão, enroscado a seus pés, parecia ter recordações e sentir odio: farejava hostilmente toda a procissão de saias que entravam e saham, e rosnava como se desejasse morder, contendo se, todavia, para não causar desgosto a seus donos.

A pequenada participava do enfado do cão. Batistet olhava com má cara para todas aquellas *tias* que tantas vezes chasquearam d'elle quando passava defronte das suas barracas, e refugiava-se na cavallariça, para não perder de vista o pobre cavallo, do qual tratava conforme as instrucções do veterinario chamado na noite anterior. Queria muito ao irmãosito; porém a morte não tem remedio, e o que o preocupava agora, era que o cavallo não ficasse coxo.

Os dois pequenotes, satisfeitos intimamente por verem que uma desgraça attrahia sobre a barraca a attenção da aldeia em pêsco, guardavam a porta, detendo o passo aos rapazes, que como bandos de pardaes chegavam por todos os caminhos e carreiros com a velhaca curiosidade de verem o anjinho. Tocava lhes agora a vez: agora eram os patrões. E com o valor de quem está em sua casa, ameaçavam e mandavam embora uns, deixavam entrar outros concedendo-lhes a sua protecção, segundo oshaviam tratado nas sangrentas e accidentadas peregrinações pelo caminho da escola. Malandros! Havia tal que se empenhava em entrar, tendo sido um dos actores da rixa em que o pobre Pascualet cahiu na valla contrahindo a fatal enfermidade.

O apparecimento d'uma mulherzinha debil e pallida, pareceu animar toda a familia com

uma rajada de recordações dolorosas. Era Pepeta, a mulher de *Pimentó*. Até aquella vinha! ..

Houve em Batiste e sua mulher tentações de protestarem; porém a sua vontade não tinha fôrças .. Para que? Bem vinda; e se entrava para rejubilar com a desgraça d'elles, podia rir quanto quizesse. Alli estavam inertes, esmagados pela dôr. Deus que tudo vê, a todos faria justiça.

Porém Pepeta foi direita á cama, desviando as outras mulheres. Levava uma enorme braçada de flores e folhas, que espalhou sobre o leito. Os primeiros perfumes da nascente primavera espargiram-se pelo quarto, que cheirava a remedios e em cujo pesado ambiente parecia respirar-se a insomnia e os soluços do desespero.

Pepeta, a pobre besta de trabalho morta para a maternidade e casada com a esperança de ser mãe, perdeu a serenidade em face d'aquella cabecinha de marfim, ornada pela revôlta cabelleira como um nimbo de ouro.

— Meu filhinho!... coitadinho!...

E chorava com todas as veras inclinando-se sobre o anjinho, roçando ao de leve com seus labios a fronte pallida e fria, como se receasse despertal-o.

Ao ouvil-a soluçar, Batiste e sua mulher levantaram a cabeça como assombrados. Já sabiam que era boa mulher; elle é que era máu. E a gratidão paterna brilhava-lhes no olhar.

Batiste até estremeceu ao ver como a pobre Pepeta abraçava Theresa e sua filha confundindo as suas lagrimas com as d'ellas. Não; alli não havia doblez: era uma victima; por isso sabia comprehender a desgraça d'elles, que tambem eram victimas.

A mulherzinha enxugou as lagrimas. Reappareceu n'ella a femea valorosa e forte acostuada a trabalhar como uma besta para man-

ter a sua casa. Olhou estupefacta em redor. Aquillo não podia ficar assim; o menino na cama e ainda por arranjar! Era preciso enfeitar o *Bispo* para a sua derradeira viagem, vestil-o de branco, puro e resplandecente como a alva de que tinha o nome.

E com instincto de ente superior nascido para o mando e que sabia impor-se á obediencia, começou a dar ordens a todas as mulheres, que porfiavam em prestar qualquer serviço á familia d'antes odiada.

Ella iria a Valencia, com duas companheiras, comprar a mortalha e o caixão; outras fôram ao povo, ou espalharam-se pelas barracas proximas em procura dos objectos de que as encarregou Pepeta.

Até o odioso *Pimentó*, que permanecia invisivel, teve de trabalhar em taes preparativos. Sua mulher, ao encontral-o no caminho, ordenou-lhe que arranjasse musicos para de tarde. Eram como elle, vadios e borrachões: com certeza que os encontraria em casa de *Copa*. E o ferrabraz, que n'aquelle dia parecia preocupado, ouviu sua mulher sem replicar e tolerou o tom imperioso em que lhe falava, fitando o chão como envergonhado.

Desde a noite anterior que se sentia outro. Aquelle homem que o desafiara e o insultou tendo o fechado na barraca como se fôsse uma gallinha; a propria mulher, que pela vez primeira se lhe impunha tirando-lhe a espingarda; a sua falta de valor para defrontar-se com a victima, que tinha carradas de razão: tudo eram motivos para estar confuso e estonteado.

Já não era o *Pimentó* de outros tempos: começava a conhecer-se e até desconfiava que tudo que se tinha feito contra *Batiste* e sua familia era um crime. Teve um momento em que chegou a olhar-se com desprêzo. Fôra um ho-

mem direitinho!... Todas as partidas d'elle e dos demais vizinhos apenas tinham servido para tirar a vida a um innocente. E, como era seu costume nos dias negros, quando alguma inquietação lhe franzia o sobreceño, foi á taberna, em busca das consolações que *Copa* tinha guardadas na famosa pipa do canto.

A's dez da manhã, quando Pepeta, com as duas companheiras, regressou da cidade, estava a barraca cheia de gente.

Alguns homens dos mais reservados e caseiros, que não haviam tomado parte importante na cruzada contra os instrusos, formavam roda com Batiste á porta da barraca; uns de cócoras como os moiros, outros sentados em mochos de esparto, fumando e conversando pausadamente do tempo e das colheitas.

Dentro, mulheres e mais mulheres, comprimindo-se em redor da cama, atordoando a mãe com a sua conversação frivola, falando algumas dos filhos que perderam, sentadas outras pelos cantos como em sua propria casa, mexericando com todas as murmurações da vizinhança. Aquelle dia era extraordinario, não importava que as suas casas estivessem por arranjar e o jantar por fazer; havia desculpa; e os filhos, agarrados ás suas saias, choravam e aturdiavam os ares com os gritos que soltavam, querendo uns ir para casa, pedindo outros que lhes mostrassem o anjinho.

Algumas velhas apoderaram-se do armario, e a cada momento preparavam copazios de agua com vinho e assucar, offerecendo-os a Theresa e sua filha, para que chorassem com mais *desafogo*, e quando as desditosas, inchadas já pela inundação assucarada, se negavam a beber, as officiosas amigas iam por seu turno entornando os refrescos pela guela abaixo, pois tambem necessitavam que lhes passasse o desgosto.

Começou Pepeta a berrar, querendo im-

por-se entre a confusão. Tudo lá p'ra fora! Em vez de estarem incommodando, o que deviam fazer era levar d'alli as duas pobres mulheres, extenuadas pela dôr, idiotas com tanto barulho.

Theresa não quiz abandonar seu filho, ainda que fôsse por um instante: depressa deixaria de o ver: que lhe não roubassem o tempo que tinha para contemplar o seu thesouro. E prorompindo em lamentos mais fortes, correu para o frio cadaver, querendo abraçá-lo.

Os rogos de sua filha, porém, e a vontade de Pepeta puderam mais, e Theresa, cercada por numerosas mulheres, sahiu da barraca com o avental pela cara, gemendo, cambaleando, sem prestar atenção ás que puxavam por ella, cada uma das quaes porfiava em leval a para casa.

Começou Pepeta os preparativos da funebre pompa. Collocou ao centro da entrada a mesita branca de pinho em que comia a familia e cobriu a com um lençol, pregando as pontas com alfinetes. Em cima, extenderam uma colcha de engommadas rendas, e sobre ella o ataúdezinho trazido de Valencia, um primor que os vizinhos admiravam; um estojo branco agaloado a ouro, e estofado por dentro como berço.

Pepeta tirou de um embrulho as derradeiras galas do pequenino morto. A mortalha de gaze tecido com ilhama de prata, as sandalias, a capella de flores, tudo branco, quaes flores de neve, como a luz d'alva, cuja pureza o desditoso innocente symbolisava.

Devagarinho, com mimo maternal, ia Pepeta amortalhando o cadaver. Aconchegava o corpinho frio ao seu peito com arroubos de esteril paixão, mettia na mortalha os rigidos braci-nhos com escrupuloso cuidado, como fragmentos de vidro que podiam partir-se á mais leve pancada, e beijava-lhe os pés de gêlo antes de os juntar e calçar-lhe as sandalias.

Em seus braços, como uma pomba branca hirta de frio, trasladou o pobre Pascualet para o caixão; para aquelle altar erguido no meio da barraca, ante o qual passaria toda a aldeia, attrahida pela curiosidade.

Ainda não estava tudo: faltava o melhor, a capella, especie de gorro de flores brancas com festões que pendiam sobre as orelhas; um adorno de selvagem, semelhante aos dos indios de opera. A piedosa mão de Pepeta, empenhada na horrivel batalha com a morte, tingiu lhe as pallidas faces de rosado arrebique, a bôcca ennegrecida pela morte reanimou se com uma camada de rubro vermelhão, e em vão tentou a ingenua lavradeira abrir-lhe desmesuradamente as flaccidas palpebras. Tornavam a cabir cobrindo os olhos amortecidos, empannados, sem reflexo, com a tristeza cinzenta da morte.

Pobre Pascualet!.. infeliz *Bispozinho!* com a extravagante capella e a cara pintada, era um perfeito mamarracho. Mais ternura dolorosa inspirava a sua cabecinha pallida com o livor da morte, cahida na almofada de sua mãe, sem outro adôrno mais que os cabellos loiros.

Nada d'isto, porém, impedia que as boas camponezas se enthusiasmassem em presença da sua obra. Olhem para elle... parecia estar dormindo! Que lindo! como está rosado!.. nunca se viu um anjinho assim.

E enchiam de flores os vãos do caixão: flores sobre as brancas vestes, espalhadas por cima da mesa, amontoadas, formando ramos nos quatro cantos; era a veiga em pêso abraçando o corpo d'aquella creança, a quem tantas vezes vira correr pelos atalhos como um passaro, extendendo sobre o seu frio corpo uma onda de perfumes e de côres.

Os dois irmãos mais novos contemplavam Pascualet assombrados, com devoção, como um

ser superior que ia levantar vôo de um para outro momento ; o cão rondava o funebre catafalco, esticando o focinho, querendo lamber as frias mãosinhas de cera, e prorompia n'um lamento quasi humano, n'um gemido de desesperação que punha nervosas as mulheres, e fazia que perseguissem a ponta-pés o pobre animal.

Ao meio dia, Theresa, fugindo, quasi á viva fôrça, do captiveiro em que a guardavam os vizinhos, voltou para a barraca. O seu carinho de mãe experimentou viva satisfação ante os atavios do pequeno : beijou-o na pintada bôcca, e redobrou seus gemidos.

Era a hora de jantar. Batistet e os pequenos, nos quaes a dôr não conseguia calar o estomago, devoravam um naco de pão mettidos pelos cantos. Theresa e a filha não pensavam em comer. O pae, sempre sentado no seu mocho de esparto, debaixo da latada da porta, fumava cigarros uns atrás d'outros, impassivel como um oriental, de costas voltadas para a sua habitação como se temesse ver o branco catafalco que servia de altar ao cadaver de seu filho.

Pela tarde adeante, ainda fôram mais numerosas as visitas. As mulheres chegavam em trajos domingueiros, com as suas mantilhas, para assistirem ao enterro ; as raparigas porfiavam com empenho em ser das quatro que haviam de levar o anjinho ao cemiterio.

Caminhando lentamente pela beira da estrada e fugindo do pó como d'um perigo mortal, chegou uma importante visita : D. Joaquim e D. Pepa, o mestre-escola e sua *senhora*. Aquella tarde, por motivo do *infausto successo* (segundo elle declarava), não havia aula. Bem se percebia, reparando na turba de rapazes atrevidos e mettediços que se encostavam á barraca e cansados de contemplar, escarafunchando o nariz, o cadaver do companheiro, sahiam em cor-

rerias pelo caminho proximo ou saltando as levadas.

D. Josepha, com um vestido de lã já coçadote e grande mantilha amarellada, entrou solemnemente na barraca, e, após algumas phrasas vistosas apanhadas no ar ao marido, alojou a sua robusta humanidade n'um cadeirão de corda e alli se conservou muda, como somnolenta, contemplando o ataúde. A boa mulher, habituada a ouvir e a admirar o esposo, não podia aturar a conversa.

O mestre escola, que ostentava a quinzena esverdeada dos dias de grande cerimonia e gravata de grande modêlo, sentou-se fora, ao lado do pae. As manapolas de cultivador tinha-as encafudadas n'umas luvas pretas que haviam encanecido com os annos, tornando-se côr d'aza de môsca, e movia-as continuamente, desejoso de attrahir a attenção para os seus arranjos das grandes solemnidades.

Para com Batiste usava tambem o mais florido e sonoro do seu estylo. Era o seu melhor cliente: nem um unico sabbado deixara de entregar a seus filhos os seis vintens para a escola.

— O mundo é assim, senhor Batiste: resignação. Nunca sabemos quaes são os designios de Deus: muitas vezes, do mal tira o bem para as creaturas.

E, interrompando a enfiada de logares communs, ditos compassadamente como se estivesse na aula, accrescentou baixinho, piscando maliciosamente os olhos:

— Já reparou, senhor Batiste, em toda esta gente? Hontem, diziam cobras e lagartos do senhor e de sua familia, e Deus sabe as vezes que lhes censurei esse defeito; hoje, entram em sua casa com a mesma confiança que na propria casa d'elles e cobrem-n'os com mostras de affecto. A desgraça fal-os esquecidos; aproxima-os de vossemecês.

E após uma pausa em que permaneceu cabisbaixo, accrescentou convicto, batendo no peito:

— acredite-me, eu conheço-os bem: no fundo, são boa gente. Muito brutos, lá isso é verdade, capazes das maiores atrocidades, porém com um coração que se commove ante o infortunio e que lhes faz encolher as garras... Coitados! Que culpa teem elles de haverem nascido para bestas e que ninguem os tire da sua condição?

Calou se por algum tempo e logo proseguiu com fervor igual ao do commerciante que encarece o valor da sua fazenda.

— Aqui, o que é necessario é instrucção, muita instrucção. Templos da sabedoria que diffundam a luz da illustração por esta veiga; pharoes que... que... Emfim, se fôsem mais rapazes ao meu templo, quero dizer, á minha escola, e se os paes, em vez de se embebedarem, pagassem pontualmente como vossemecê, senhor Batiste, corria isto d'outro modo. E não digo mais nada porque não gosto de offender ninguem.

D'isso corria perigo, pois andavam cêrca muitos dos paes que lhe enviavam discipulos sem o lastro dos seis vintens.

Outros labregos, dos que mais hostilidade haviam mostrado contra a familia, não ousavam approximar-se da barraca e permaneciam no caminho formando roda. Por alli andava *Pimentó*, que acabava de chegar da taberna com cinco musicos, e a consciencia tranquilla, depois de ter estado algumas horas junto ao mostrador de *Copa*.

Affluia cada vez mais gente á barraca. Não havia espaço livre dentro d'ella, e as mulheres e as creanças sentavam-se nos bancos de tijolo, debaixo da ramada, ou nos socalcos, esperando o momento do enterro.

Dentro ouviam se lamentos, conselhos profe-

ridos com voz enérgica, um rumor de lucta. Era Pepeta querendo separar Theresa do cadaver de seu filho. Vamos .. era preciso ser razoavel: o anjinho não podia ficar alli eternamente; fazia-se tarde, e os máus boccados, quanto mais rapidos, melhor.

E batalhava com a mãe para separal a do ataúde, para obrigal-a a metter-se na alcôva e não presenciar o terrivel momento da sahida, quando o anjinho, levado aos hombros, desferisse o vôo com as brancas azas da sua mortalha, para não mais voltar.

— Meu rico filho! luz e encanto de meus olhos! — gemia a consternada mãe.

Não tornaria mais a vel-o: um beijo .. outro; e a cabeça cada vez mais fria e livida, apesar do arrebique, movia-se de um lado para outro da almofada, agitando o diadema de flores, entre as mãos anciosas da mãe e da irmã, que disputavam o derradeiro beijo.

A' sahida do povoado estaria aguardando o feretro o senhor vigario com o sacristão e os meninos do côro: não os deviam fazer esperar. Pepeta impacientava-se. P'ra dentro, p'ra dentro! E, ajudada por outras mulheres, Theresa e sua filha fôram mettidas, quasi á viva fôrça, na alcôva, esbracejando desgrenhadas, vermelhos os olhos de chorarem, o peito palpitante pelos fremitos de um protesto doloroso, que já não gemia, mas sim ululava.

Quatro raparigas de saias engommadas, mantilha de seda cahida sobre os olhos e ar pudico e monastico, pegaram pelas pernas da mesita levantando todo o branco catafalco. Como salvas saudando a bandeira que se hasteia, souu um gemido extranho, prolongado, horripilante, o que quer que fôsse que fez correr um arripio pela espinha de muitos que o ouviram. Era o cão despedindo-se do anjinho, soltando um queixume interminavel, com os olhos lacrimo-

— 144 —
sos e as patas estiradas, como se quizera prolongar o corpo até onde chegava o seu lamento.

Cá fora, D. Joaquim batia palmas para chamar a atenção. "Vamos... toca a formar toda a escola!" A gente do caminho approximou-se da barraca. *Pimentó* capitaneava os seus amigos musicos; estes preparavam os instrumentos para saudar o anjinho apenas transpuzesse a porta, e entre a desordem e a gritaria com que se formava o cortejo, gorgeava o clarinete, fazia escalas o cornetim e o trombone bufava como um velho gordo e asthmatico.

Abriram o prestito os rapazes levando erguidos ramos de alfavaca. D. Joaquim sabia fazer bem as coisas. Depois, rompendo o gentio, appareceram as quatro donzellas sustendo o branco e leve altar onde o desventurado anjinho, deitado no seu ataúde, movia a cabeça suavemente como despedindo-se do lar.

Os musicos romperam com uma walsa floreada e alegre collocando-se atrás do feretro, e depois d'estes, metteram pelo caminhito da barraca, formando grupos compactos, todos os curiosos.

A barraca, vomitando para longe de si a indigestão de gente, ficou muda, sombria, com esse ambiente lugubre dos logares por onde acabava de passar a desgraça.

Batiste, sósinho, debaixo da ramada, sem abandonar a posição de moiro insensivel, moradia o cigarro e seguia o andamento do prestito, que começava a ondular pela estrada, sobresahindo o ataúde e seu catafalco como uma enorme pomba branca entre o sequito de roupas negras e ramos verdes.

O pobre anjinho encetava bem o caminho do Céu dos innocentes! A veiga, espreguiçando-se voluptuosa beijada pelo sol de primavera, envolvia o morto no seu habito oloroso, acom-

panhava-o até o tumulto, cobrindo-o com impalpavel mortalha de perfumes. As velhas arvores, que germinavam com a seiva da resurreição, pareciam saudar o pequenino cadaver, agitando com a briza a ramagem coberta de flores; nunca a morte passou sobre a terra sob um disfarce tão bello.

Cabellos sôltos e bramindo como loucas, agitando os braços furiosas, appareceram á porta da barraca as duas inconsolaveis mulheres. A voz d'ellas prolongava-se como gemido interminavel na tranquilla atmospherá da veiga, impregnada de suavissima luz.

— Querido filho!... Alma minha! — gemiam a consternada Theresa e sua filha.

— Adeus, Pascualet!.. adeus! — gritavam os pequenos sorvendo as lagrimas.

— Auuu! auuu! uivava o cão extendendo o focinho n'um queixume sem fim, que crispava os nervos e parecia agitar a veiga n'um calafrio funebre.

E ao longe, por entre a ramagem, arrastando se sobre as verdes ondas dos campos, respondiam os échos dos valles acompanhando á eternidade o desventurado anjinho, que se baulouçava na sua barquinha branca engalorada de ouro. As arrevezadas escalas do cornetim, as suas diabolicas cabriolas, pareciam uma alegre gargalhada da morte, que, com o menino nos braços, se afastava por entre os esplendores da veiga.

Ao cahir da tarde, começaram a regressar os do cortejo.

Os pequenos, faltos de somno pela agitação da noite anterior, em que a morte os visitara, dormiam sobre as cadeiras. Theresa e sua filha, vencidas pelo pranto, exhausta a energia depois de tantas noites de insomnia, acabaram por ficar inertes, cahindo em cima d'aquella cama, que ainda conservava vestigios do infe-

liz menino. Batistet resonava na cavallariça, cêrca do cavallo enfermo.

O pae, sempre impassivel e calado, recebia as visitas, apertava mãos, agradecia com movimentos de cabeça os offerecimentos e as palavras de consolação.

Ao cerrar-se a noite, não havia ninguem.

A barraca estava escura, silenciosa. Pela porta aberta e lobrega, chegava como longinquo sussurro a respiração cansada da familia, todos prostrados, como mortos da batalha com a dôr.

Batiste, sempre immovel, fitava como um idiota as estrellas que pestanejavam no azul escuro da noite.

A soledade reanimava-o; começava a dar acôrdo de si.

A veiga tinha o aspecto de sempre, porém parecia-lhe mais bella, mais *tranquillisadora*, como um rosto carregado que se desenruga e sorri.

As gentes, cujos gritos soavam ao longe ás portas das barracas, já lhe não tinham odio, já não perseguiriam os seus. Haviam estado debaixo do seu tecto, apagando com seus passos a maldição que pesava sobre as terras do *tio Barret*. Ia começar vida nova. Mas porque preço!...

E, ao ter de repente a visão exacta da sua desgraça, ao pensar no querido Pascualet, que, áquella hora, estava esmagado por uma grossa camada de terra humida e hedionda, roçando o seu branco involucro com a corrupção de outros corpos, espreitado pelo verme immundo, elle, tão formoso, com aquella finapelle por onde passava a sua mão callosa, com os seus cabellos loiros que tantas vezes acariciara, sentiu como uma onda de chumbo, que ia subindo, subindo, do estomago á garganta.

Os grillos que cantavam no outeiro proximo

IX

Estava-se no S. João, a melhor época do anno; o tempo das colheitas e da fartura.

O espaço vibrava de luz e de calor. Um sol africano espalhava torrentes de ouro sobre a terra, cobrindo-a de caricias, e as suas aureas settas deslizavam por entre a copada folhagem, docel de verdura sob o qual a veiga abrigava as suas rumorosas levadas, e os seus humidos rêgos, como receosa do calor, que fazia germinar a vida por toda a parte.

As arvores ostentavam os seus ramos carregados de fructo. Vergavam as nespereiras com o pêso dos amarellos cachos cobertos de lustrosas folhas; exhibiam-se os damascos entre a folhagem como rosadas faces de creança; os rapazes examinavam com impaciencia as corpulentas figueiras procurando diligentes as primeiras beberas maduras; nos jardins, pelos canteiros, exhalavam os jasmims a sua fragran-
cia suave, e as magnolias, como thuribulos de marfim, espargiam o seu perfume pelo ambiente, impregnado do olor das messes.

Iam as brilhantes foicinhas tonsurando os campos, derrubando as loiras cabelleiras de trigo, as turgidas espigas, que, apopleticas de vida, pendiam sobre o solo dobrando os frageis caules.

Nos eirados, amontoava-se a palha formando collinas de ouro que reflectiam a luz do sol, aventava se o trigo entre redemoinhos de poeira, e pelos campos ceifados, ao correr dos restolhos, saltitavam os pardaes buscando os grãos esquecidos.

Era tudo alegria; trabalho consolador. Chiamavam carros por todos os caminhos, bandos de rapazes corriam pelos campos ou davam cabriolas nas eiras, pensando nos bôlos de trigo novo, na vida de fartura e satisfação que começava nas barracas ao encher-se o celleiro, e até os velhos rocinantes mostravam os olhos alegres, caminhando com maior desembaraço como fortalecidos pelo cheiro das colmeias de palha que lentamente, quaes rios de ouro, haviam de deslizar pelas suas mangedoiras no decurso do anno.

O dinheiro aferrolhado nas alcôvas durante o inverno, escondido na arca ou no pé de meia, começava a circular pela veiga. Ao cair da tarde, enchiam-se as tabernas de homens avermelhados e luzidios do sol, com a grossa camisa suada, que falavam da colheita e da renda de S. João, do semestre que tinham de pagar ao senhorio da terra.

Tambem a fartura fizera renascer a alegria na barraca de Batiste. A colheita fazia esquecer o anjinho. Sómente a mãe revelava com repentinas lagrimas e algum profundo suspiro, a fugaz recordação do pequenito.

O trigo porém, os saccos repletos que Batiste e o filho acarretavam para o celleiro e ao descerem das suas costas faziam tremer o sobrado abalando a barraca, era o que interessava á familia.

Começava a boa época. Tão excessiva como fôra para elles a desgraça, era agora a fortuna. Decorriam os dias em santa paz, trabalhando muito, mas sem que o menor incidente viesse turbar a monotonia d'uma existencia laboriosa.

Arrefeceu um tudonada o affecto manifestado por todos os vizinhos quando se enterrou o pequeno. Consoante amortecia a lembrança de tamanha desventura, assim parecia arre-

pende-se aquella gente do espontaneo arranco de ternura, recordando-se outra vez da catastrophe do *tio Barret* e da chegada dos intrusos.

A paz ajustada de moto proprio perante o branco ataúde do pequeno não se perturbava todavia. Um tanto frios e reservados, isso sim, porém todos saúdavam a familia; os filhos podiam andar pela veiga sem serem hostilizados, e até *Pimentó*, quando encontrava *Batiste*, abaixava a cabeça amistosamente, mastigando palavras com que parecia retribuir o cumprimento.

Emfim, se lhes não tinham amizade, deixavam-n'os porém socegados, que era tudo quanto podiam desejar.

E, no interior da barraca, que fartura... que socêgo! *Batiste* estava admirado da colheita. As terras descansadas, virgens de amanho por muito tempo, pareciam ter soltado d'uma só vez toda a vida accumulada nas suas entranhas por dez annos de repouso. O grão, graúdo e abundante. Segundo as noticias que circulavam pela veiga, ia ter bom preço, e, o que era melhor (pensava *Batiste* sorrindo), elle não tinha de dividir o producto pagando renda d'ellas, pois estava exempto por dois annos. Havia pago esta vantagem com muitos mezes de sobresaltos e de bravura e com a morte do desditoso *Pascualet*.

A felicidade da familia parecia reflectir-se na barraca, asseada e limpa como nunca. Vista de longe, distinguia se das vivendas vizinhas, como revelando haver alli mais prosperidade e mais paz. Ninguem reconheceria n'ella a tragica barraca do *tio Barret*. Os vermelhos tijolos do pavimento em frente da porta brilhavam bruni-dos pelas esfregadelas diarias; os massiços de alfavaca e "boasnoites", e as trepadeiras formavam pavilhões de verdura, por cima dos

quaes se recortava no céu o frontão triangular e agudo da barraca, de immaculada brancura; no interior, distinguíam-se o esvoaçar das engommadas cortinas que resguardavam as portas das alcôvas, as prateleiras com pilhas de pratos e travessas encostados á parede exhibindo passarolas phantasticas e flores como tomates pintados no fundo; e no poial, que parecia um altar d'azulejo, mostravam-se como divindades contra a sêde bojudos e vidrados cantaros e as canecas de loiça e de vidro esverdeado penduradas nos pregos em fileira.

Os móveis velhos e desconjuntados, que eram uma recordação permanente das antigas peregrinações fugindo da miseria, começavam a desaparecer, deixando espaço livre para outros que a laboriosa Theresa adquiria nas suas viagens á cidade. O dinheiro da colheita convertia-se em reparar as brechas abertas nos arranjos da casa durante os mezes de espera.

A's vezes, sorria-se a familia lembrando-se das ameaçadoras palavras de *Pimentó*. Aquelle trigo, que segundo o valentão ninguém segaria, começava a engordar a familia. Roseta tinha duas saias mais, e Batistet e os peguenos pavoneavam-se, aos domingos, vestidos de novo dos pés á cabeça.

Atravessando-se a veiga ás horas de mais sol, quando ardia a atmospheria e môscas e besoiros zumbiam pesadamente, experimentava-se uma sensação de bem-estar deante d'aquella barraca tão limpa e fresca. O pateo denunciava através das suas paredes de barro e estacas a vida que encerrava. Cacarejavam as gallinhas, cantava o gallo, saltavam os coelhos por entre as sinuosidades de um grande montão de lenha verde, e vigiados pelos filhos peguenos de Theresa, nadavam os patos na levada proxima e debicavam as ninhadas de pintainhos pelos restolhos, pipilando sem cessar,

movendo o corpinho rosado, coberto apenas de finissima pennugem.

Tudo isto sem contar que Theresa, mais de uma vez, se encerrava na sua alcôva, e abrindo uma gaveta da commoda, desatava lenços e mais lenços para extasiar-se deante de um montinho de moedas de prata, o primeiro dinheiro que o marido fizera suar ás terras. Tudo está no principiar, e se os tempos corressem bem, áquelle dinheiro juntar-se hia outro e mais outro, e quem sabo se, ao chegarem os rapazes á idade de entrar nas sortes, poderia livral-os com as suas economias!

A reconcentrada e silenciosa alegria da mãe, notava-se tambem em Batiste.

Era preciso vel-o um domingo de tarde fumando o seu charuto de vintem em attenção á solemnidade do dia, passeando em frente da barraca e olhando os campos amorosamente. Dois dias antes, plantara n'elles milho e favas, como quasi todos os seus vizinhos, pois não se pode deixar a terra em descanso.

Elle mal podia com os dois campos que arro-teara e cultivara. Tal qual, porém, o *tio Barret*, sentia a embriaguez da terra; cada vez desejava abarcar mais com o seu trabalho, e, posto tivesse já passado o tempo proprio, queria cuidar, no dia seguinte, do talhão de terreno inculto que ficava por detrás da barraca, para semear melões, uma cultura como não ha melhor, de que sua mulher tiraria optimo resultado levando-os, como outras, ao mercado de Valencia.

Era preciso dar graças a Deus, que, finalmente, lhe permittia viver tranquillo n'aquelle paraiso. Que terras as da veiga! Por alguma coisa, segundo as historias, choravam os perros moiros ao serem enxotados d'alli.

A ceifa limpava a paizagem derribando as massas de trigo matizadas de papoilas, que se

erguiam de todos os lados como muralhas de ouro encurtando o horizonte; agora a veiga parecia muito maior, infinita, e extendia, até se perderem de vista, as grandes leiras de terra vermelha, cortadas por atalhos e levadas.

Em toda a veiga se guardava rigorosamente o domingo, e como havia colheita recente e não pouco dinheiro, ninguém pensava em quebrar tal preceito. Não se via um unico homem trabalhando nos campos nem uma cavalgadura pelos caminhos. Passavam as velhas pelos atalhos com a reluzente mantilha sobre os olhos e a cadeirinha no braço, como se as arrastasse o sino que tocava ao longe, muito ao longe, sobre os telhados do povoado; n'uma encruzilhada chilreava aos saltos uns com os outros um numeroso grupo de creanças; sobre o verde dos socalcos sobresahiam as calças encarnadas de alguns soldados que aproveitavam o descanso dominical para passarem uma hora em suas casas; soavam ao longe, como panno que se rasga, os tiros aos pedreiros, que voavam para um lado e para outro em contradansa caprichosa, com um suave silvo, como se riscassem com as azas o azul crystal do firmamento; zumbiam sobre as levadas as nuvens de mosquitos quasi invisiveis, e n'uma viçosa granja, debaixo de velha latada, agitavam-se como amálgama de côres, saias floreadas, vistosos lenços, e tocavam os violões com somnolenta cadencia, arrulhando ao cornetim que se esganiçava, espalhando por todos os extremos da veiga adormecida ao sol, os moiriscos sons da *jota* valenciana.

Era esta tranquilla paizagem a idealização de uma Arcadia laboriosa e feliz. Alli não podia haver má gente. Batiste espreguiçava-se com voluptuosidade, dominado pelo bem-estar tranquillo de que parecia impregnado o ambiente. Roseta tinha ido com os pequenos ao

bailarico da granja; sua mulher dormitava á sombra e elle passeava desde casa até o caminho, pelo pedaço de terra inculta que servia de entrada ao carro.

Estacado no passadiço, correspondia á saudação dos vizinhos, que passavam rindo, como se fôsem gosar um espectáculo graciosissimo.

Iam a casa de *Copa*, para verem de perto o famoso desafio de *Pimentó* com os irmãos *Terre-rola*, duas más cabeças como o marido de *Pe-peta*, que tambem tinham jurado odio ao trabalho e passavam todo o dia na taberna. Surgiam entre elles um sem numero de rivalidades e apostas, mórmente quando chegava uma época como aquella, em que augmentava a concorrência do estabelecimento. Os tres valentões competiam em brutalidade, ancioso cada um de alcançar nomeada sobre os outros.

Batiste ouvira falar da tal aposta que fazia ir as gentes á famosa taberna como em jubileu.

Tratava-se de permanecer sentado jogando o *truque* e bebendo só aguardente, até ver quem era o ultimo que cahia.

Começaram na sexta feira, á noite, e ainda estavam os tres nos seus mochos de corda no domingo de tarde, jogando a centesima partida de *truque* com o cangirão de aguardente sobre a mesa de zinco, largando as cartas sómente para comerem as saborosas morcellas que davam grande fama a *Copa* pelo bem que sabia conserval-as em azeite.

E a noticia, espalhando-se por toda a veiga, fazia que toda a gente viesse como em procissão de uma legua em redondeza. Os tres pimpões não estavam sós um instante. Tinham os seus apaixonados, que se encarregavam de occupar o quarto logar na partida, e ao vir a noite, quando a turba de mirones se retirava para suas casas, deixavam-se alli ficar a ver como

jogavam, á luz d'uma candeia pendurada n'um choupó, pois *Copa* era amigo das suas commo- didades, incapaz de aguentar a pesada aposta, e, assim que chegava a hora de se deitar, fe- chava a porta, deixando no terreiro os joga- dores, depois de lhes renovar a provisão de aguardente.

Muitos fingiam-se indignados pelo brutal des- afio; porém no intimo sentiam todos satisfa- ção em ter taes homens por vizinhos. Aquillo é que eram uns mocetões, creados alli na al- deia! A aguardente passava-lhes pelo corpo como se fôsse agua da fonte.

Toda a circumvizinhança parecia estar de olhos fitos na taberna, espalhando-se com cele- ridade prodigiosa as noticias a respeito do curso da aposta. Já se tinham bebido dois can- taros, e não era nada... Já lá iam tres... e continuavam direitos. *Copa* assentava o que se bebia. E os circumstantes, segundo a sua pre- dilecção, apostavam por algum dos tres con- tendores.

Aquelle acontecimento, que durante dois dias tanto apaixonava a veiga e que não parecia ainda ter fim, chegou aos ouvidos de Batiste. Elle, homem morigerado, incapaz de beber sem sentir nauseas e dôres de cabeça, não podia evitar certo assombro, que rastejava pela admi- ração em presença de uns brutos que, segundo julgava, deviam ter o estomago forrado de fo- lha de flandres. Devia ter que ver o espectáculo.

E seguia com olhos de inveja todos os que se dirigiam para a taberna. Por que não havia de ir elle aonde iam os outros? Não tinha entrado nunca em casa de *Copa*, antro, n'outro tempo, dos seus inimigos: agora porém justificava a sua presença o extraordinario do caso... e que de- monio! depois de tanto trabalho e de tão boa colheita, um homem honrado podia muito bem permittir-se uns momentos de folgança.

E dando um grito a sua mulher, que dormia, para avisal-a de que ia sahir, metteu direito á taberna.

Era um formigueiro humano a massa de gente que enchia o terreiro defronte da casa de *Copa*. Viam-se alli em mangas de camisa, calças de bombazina, ventruda cinta preta e lenço na cabeça em forma de mitra, todos os homens dos arredores. Os velhos apoiavam-se no grosso cajado de Liria amarello com arabescos a preto, os moços mostravam arregaçados os musculosos e roliços braços e como contraste moviam delgadas varinhas de freixo entre os dedos enormes e callosos. Os altos choupos que rodeavam a taberna davam sombra aos animados grupos.

Batiste reparou, pela primeira vez, detidamente na famosa taberna, com as suas paredes brancas, as janellas pintadas de azul e os vãos forrados de vistosos azulejos de Manises.

Tinha duas portas. Uma era a da adega, e por entre as abertas portadas viam-se as duas filas de enormes toneis que chegavam até o tecto, os montes de odres vazios e enrugados, os grandes funis e as enormes vasilhas de zinco tingidas de vermelho pela continua passagem do liquido; e mais adeante, ao fundo da casa, o pesado carro que rodava até os ultimos limites da provincia, para trazer o vinho comprado. Aquella habitação escura e humida exhalava uma baforada a alcool, um perfume de mosto, que embriagava o olfacto e turbava a vista, fazendo suppor que a atmospheria e a terra iam cobrir-se de vinho.

Estavam alli os thesouros de *Copa*, de que falavam com unção e respeito todos os borrações da aldeia. Só elle conhecia o segredo dos toneis; a sua vista, atravessando as velhas aduelas, apreciava a qualidade de sangue que continham; era o summo sacerdote d'aquelle

templo do alcool, e quando queria obsequiar alguem, levava lhe com tanta devoção como se conduzisse entre as mãos a custodia, um copo em que scintillava o liquido côr de topazio com irisada corôa de brilhantes.

A outra porta era a da taberna, a que estava aberta uma hora antes de apontar o dia até ás dez da noite, marcando sobre o negro caminho um grande rectangulo vermelho com a luz do candieiro de petroleo suspenso sobre o mostrador.

As paredes tinham roda-pés de ladrilhos vidrados até a altura de um homem, que terminava com uma fiada de floreados azulejos. D'ahi até o tecto, todas as paredes estavam dedicadas á sublime arte da pintura, pois *Copa*, posto parecesse homem rustico, preocupado unicamente com que á noite estivesse cheia a gaveta, era um verdadeiro Mecenas. Trouxera um pintor da cidade, tendo-o alli mais de uma semana, e este capricho de magnate protector das artes custara lhe, segundo elle declarava, uns cinco mil réis, para mais que não para menos.

Verdade era que não podia erguer-se a vista sem topar com alguma obra-prima, cujas vivas côres pareciam alegrar os freguezes animando-os a beber. Arvores azues em campos côr de amora, horizontes amarellos, casas maiores que as arvores e pessoas maiores que as casas; caçadores com espingardas que pareciam vassouras e marialvas andaluzes com o trabuco sobre as pernas, montados em fogosos corceis que tinham todo o aspecto de gigantescas ratas. Uma maravilha de originalidade que entusiasmava os bebedores. E nas sobre portas dos quartos, o artista, alludindo discretamente ao estabelecimento, pintara assombrosos quadros de genero: romãs como corações abertos e sangrentos, melões que pareciam pimentos

enormes, novellos de fio de lã vermelha que fingiam ser alperches.

Muitos sustentavam que a preponderancia da casa sobre as outras tabernas da aldeia era devida a tão assombrosa decoração, e *Copa* rogava pragas ás môscas, que empanavam tantas bellezas com o negro ponteado do seu impudor.

Junto á porta estava o mostrador enxovalhado e peganhento: atrás d'elle a triplice fila de toneis pequenos, coroada por ameias de garrafas, todos os diversos e innumeraveis liquidos do estabelecimento; das traves, como bambolinas grotescas, pendiam os molhos de linguiças e morcellas, as résteas de malaguetas vermelhas e ponteagudas como dedos de diabo, e quebrando a monotonia decorativa, algum vermelho presunto e majestosos festões de chouriços.

A delicia dos paladares delicados estava n'um armario de vidraças embaciadas junto do mostrador. Viam se alli as estrellas de folhado, as tortas de uvas passas, as rosquinhas doces, as *magdalenas*, tudo com uma certa tonalidade escura e suspeitosas máculas que denunciavam antiguidade; e o queijo de Murviedro, molle e fresco, em forma de pães de suave brancura, resumbrando ainda o sôro.

Além d'isso, tinha o taberneiro a sua despensa, onde em talhas como monumentos estavam as verdes azeitonas golpeadas e as morcellas de cebolla conservadas em azeite; os dois artigos de maior sahida.

Ao fundo da taberna abria-se a porta do pateo, enorme, espaçoso, com a sua meia duzia de fogões para cozinhar o arroz á moda de Valencia; os esteios brancos sustentando uma parreira vetusta que dava sombra a tão vasto espaço, e empilhadas ao longo d'um lanço de muro, tamborettes e mesinhas de zinco em tão

prodigiosa quantidade, que parecia ter previsto *Copa* a invasão de sua casa pela veiga em pêso.

Batiste, esquadrinhando a taberna, reparou no dono, um homemzarrão de peito ao léo, porém com o bonné de orelhas encasquetado em pleno verão sobre a cara enorme, bochechuda, amorriscada. Era elle o primeiro freguez do estabelecimento; nunca se deitava satisfeito se não tivesse bebido, nas suas tres comidas, meio cantaro de vinho. Por isso, sem dúvida, quasi lhe passava despercebida a tal aposta que tão alvoroçada trazia toda a veiga.

O mostrador era a atalaia d'onde, como experimentado conhecedor, vigiava as bebedeiras dos freguezes. E que ninguem se atrevesse a ter fumaças de pimpão dentro de sua casa, pois antes de falar já tinha deitado a mão a um cacete que conservava debaixo do mostrador, de que tremiam *Pimentó* e todos os valentões dos arredores. . . Em sua casa, nada de compromettimentos. A matarem-se, que fôsse na estrada. E quando se abriam navalhas e levantavam tamboretas em noites de domingo, *Copa*, sem dizer palavra nem exaltar-se, surgia entre os combatentes, agarrava pelos braços os mais assanhados, levava-os no ar até á estrada, e, trancando a porta, começava a contar com todo o seu socêgo o dinheiro da gaveta antes de ir deitar-se, enquanto fora desabava a pancadaria e se ouviam os lamentos da briga reaccendida.

Era tudo questão de fechar uma hora mais cedo a taberna, porquanto a justiça nunca teria alli que fazer desde que elle estivesse dentro do balcão.

Batiste, depois de observar disfarçadamente da porta o taberneiro, que, ajudado por sua mulher e um creado, aviava a freguezia, voltou para o terreiro, juntando-se a uma roda de velhotes que discutiam a respeito de qual dos tres

que tinham entrado na aposta se mostrava mais sereno.

Muitos lavradores, cansados de admirar os tres pimpões, jogavam por sua conta ou merendavam formando grupo em redor das mesinhas. Circulava o moringue soltando o vermelho fôrro que produzia um brando *glu-glu* ao cahir nas escancaradas bôccas; obsequiavam-se uns aos outros com punhados de amendoim e tremoços; em pratos covos de Manises serviam as creadas da taberna as negras e azeitadas morcellas, o queijo fresco, as azeitonas golpeadas, com a competente calda em que fluctuavam odoríferaservas, e em cima das mesinhas via-se o pão de trigo novo, as regueifas de loira coada, mostrando no interior o miolo trigueiro e succolento da grossa farinha da aldeia.

Toda aquella gente, comendo, bebendo e gesticulando, fazia um rumor como se o terreiro estivesse occupado por um vespeiro colossal, e no ambiente pairavam vapores de alcool, a baforada asphyxiante do azeite frito, o penetrante cheiro do mosto, misturando-se com o fresco perfume dos vizinhos campos.

Batiste aproximou-se do grande circulo que rodeava os da aposta.

A principio não viu nada; porém lentamente, empurrado pela curiosidade dos que estavam detrás, foi abrindo caminho entre os corpos suados e comprimidos, até que se encontrou na primeira fila. Alguns espectadores estavam sentados no chão, com o queixo apoiado em ambas as mãos, o nariz sobre a beira da mesita e os olhos fitos nos jogadores como se não quizessem perder a minima circumstancia do famoso acontecimento. Era alli que mais insupportavel se tornava o cheiro do alcool. Pareciam impregnados d'elle o halito e a roupa de toda a gente.

Baptiste viu *Pimentó* e seus contendores sen-

tados em tamborettes de rija madeira de alfarobeira com as cartas deante dos olhos, o cangirão de aguardente ao alcance da mão e sobre o zinco o montinho de grãos de milho que representavam os jogos que tinham jogado. E no fim de cada partida, um dos tres agarrava no cangirão, bebia pausadamente e passava o para os companheiros, que o empinavam tambem com a maior semcerimonia.

Os mirones mais proximos olhavam lhes para as cartas por cima do hombro, para se convencerem de que jogavam bem. Não havia que recear: as cabeças estavam frescas como se alli se bebesse apenas agua: ninguem incorria em falta nem jogava mal.

E continuava a partida, sem que por isso os da aposta deixassem de falar com os amigos, de chalaçar sobre o final do desafio.

Pimentó, ao ver *Batiste*, mastigou um *olá!* que pretendia ser uma saudação, e continuou a olhar para as cartas.

Sereno, podia ser que estivesse, porém tinha os olhos avermelhados, brilhava-lhes nas pupillas uma centelha azulada, indecisa, semelhante á chamma de alcool, e a cara adquiria por momentos uma pallidez mate. Os outros não estavam melhor: porém ria-se, chalaçava-se; os mirones, como contagiados pela loucura, passavam de mão em mão os cangirões, pagos entre todos, e era aquillo uma verdadeira inundação de aguardente que, trasbordando fora da taberna, descia como onda de fogo a todos os estomagos.

Até *Batiste* teve de beber, instado pelos do grupo. Não gostava, porém o homem deve provar de tudo, e tornou a animar-se com as mesmas reflexões que o tinham levado até a taberna. Quando um homem trabalhou e tem a colheita no celleiro, pode muito bem permitir-se uma pequena estroinice.

Sentia calor no estomago, e na cabeça uma deliciosa turbação: começou a acostumar-se á atmosphera da taberna, e achava cada vez mais divertido o desafio.

Até *Pimentó* se lhe afigurava um homem notável... a seu modo.

Haviam terminado a partida numero... (ninguem sabia quantos) e discutiam com os amigos a proxima ceia. Um dos *Terrerolas* perdia terreno a olhos vistos. Os dois dias de aguardente á tripa fôrra, com as duas noites passadas á vela, começavam a fazer-lhe pêso. Cerravam-se-lhe os olhos e deixava cahir pesadamente a cabeça sobre o irmão, que o reanimava com tremendos murros nas ilhargas, dados á sordina por debaixo da mesa.

Pimentó sorria maliciosamente Já tinha um por terra. E discutia a ceia com os seus admiradores. Devia ser magnifica, sem receio da despesa; em qualquer dos casos, não era elle quem pagaria. Uma ceia que fôsse digno final da façanha, pois decerto n'essa mesma noite terminaria a aposta.

E como trombeta gloriosa que annunciava d'antemão o triumpho alcançado por *Pimentó*, começaram a resoar os roncões do *Terrerola* mais novo, cahido de bruços sobre a mesa e prestes a tombar do tamborete como se toda a aguardente que tinha no estomago procurasse o solo, em obediencia á lei dos graves.

O irmão falava em accordal-o á bofetada, porém *Pimentó* interveiu bondoso como vencedor magnanimo. Despertal o-hiam á hora de cear. E apparentando ligar pouca importancia ao desafio e á sua propria fortaleza, queixava-se de falta de appetite como de uma grande infelicidade, depois de ter passado dois dias no mesmo sitio devorando e bebendo brutalmente.

Um amigo foi buscar á taberna uma comprida restia de malaguetas. Restituir-lhe-hiam

o appetite. A piada provocou grandes risadas; e *Pimentó*, para assombrar mais os admiradores, offereceu o manjar infernal ao *Terrerola* que ainda se aguentava, e começou a devorar n'ellas com a mesma indifferença como se fôsse pão.

Circulava pelos circumstantes um murmurio de admiração. De cada malagueta que o outro comia, o marido de Pepeta engulipava tres, e assim deram cabo da restia, verdadeiro rosario de demonios colorados. Aquelle bruto devia ter couraça no estomago.

E proseguia firme, impassivel, porém cada vez mais pallido, com os olhos inchados e vermelhos, perguntando se *Copa* matara um par de frangos para a ceia e dando instrucções ácêrca do modo de guisal-os.

Batiste olhava-o com assombro e sentia um vago desejo de ir-se embora. Começava a cahir a tarde no terreiro, subiam de tom as vozes, iniciava-se o escandalo de todas as noites de domingo e *Pimentó* fitava-o com frequencia demasiada, com um olhar molesto e extranho de bebedo resistente. Porém, sem saber por que, permanecia alli, como se aquelle espectaculo, novissimo para elle, pudesse mais que a sua vontade.

Os amigos do valentão achavam graça ao ver que atrás das malaguetas empinava o cangirão, sem reparar se o cansado inimigo o imitava. Não devia beber tanto: arriscava-se a perder e faltar-lhe-hia dinheiro para pagar. Agora já não era tão rico como nos annos anteriores, quando a senhoria das suas terras se conformava em não receber a renda.

Disse isto um imprudente sem reparar no que dizia, e fez-se um silencio doloroso, como no quarto de um doente quando se põe a descoberto a parte enferma.

Falar de rendas e de pagamentos n'aquelle

logar, quando entre actores e espectadores se tinha consumido aguardente aos cantaros!

Batiste sentiu-se mal. Pareceu-lhe que pelo ambiente passava o que quer que fôsse de hostil, de ameaçador; teria deitado a correr, sem grande custo; porém deixou-se ficar, por supor que todos o observavam ás furtadelas. Receou, fugindo, anticipar a aggressão, ser detido pelo insulto; e com a esperança de passar despercebido, quedou-se immovel como subjogado por uma impressão que não era medo, porém sim alguma coisa mais que prudencia.

Aquella gente, enthusiasmada com *Pimentó*, fazia-o contar o procedimento que adoptava todos os annos para não pagar á senhoria das suas terras, e celebrava-o com estrondosas gargalhadas, com estremecimentos de maldosa alegria, como escravos que rejubilam com as desgraças do seu senhor.

O valentão relatava modestamente os seus triumphos. Todos os annos, pelo Natal e pelo S. João, fazia o caminho de Valencia toque que toque, para ir a casa da patrãoa. Outros levavam o bello casal de frangos, a condessinha de bolos, a cesta de fructas para enternecer as senhoras, para que acceitassem o pagamento incompleto, choramingando e promettendo perfazer a quantia mais para o deante. Elle apenas levava palavras e não muitas.

A patrãoa, uma senhoraça majestosa, recebia-o na sala do jantar. Por alli perto, as filhas, umas sirigaitas sempre cheias de laçarotes e garridices.

D. Manuela lançava mão do livro dos assentos para recordar os semestres que *Pimentó* andava atrasado... Vinha pagar, hein?... E o velhaco, ao ouvir a pergunta da senhora de Pajares, respondia sempre o mesmo. Não, senhora; não podia pagar porque estava sem

vintem. Não ignorava elle que, d'este modo, creava fama de tratante. Já o dizia seu avô, que era sujeito de muito saber. "Para quem se fizeram as cadeias? Para os homens. Pagas? E's boa pessoa. Não pagas? E's um tratante." E, depois d'este breve curso de philosophia, appellalava para o segundo argumento. Tirava da cinta um charuto muito forte e uma navalha enorme e começava a picar tabaco para fazer um cigarro.

A vista da arma causava calafrios á senhora, punha-a nervosa, e por isso mesmo o velhaco cortava o tabaco com vagar e não tinha pressa de guardal-a. E repetindo sempre os mesmos argumentos do avô para explicar o seu atraso no pagamento.

As meninas dos laçarotes chamavam-lhe "o das cadeias,"; a mamã sentia-se inquieta com a presença d'aquelle barbaro de negra fama, que cheirava a vinho que tresandava e falava accionando com a navalha; e convencido que nada podia conseguir, convidava-o a que fôsse embora; elle, porém, experimentava profunda satisfação em ser molesto e procurava prolongar a entrevista. Até chegaram a dizer-lhe que, já que não pagava, podia poupar-se a taes visitas, não tornando a apparecer por lá; esquecer-se-hiam de que tinham semelhantes terras .. Ora essa! não, senhora. *Pimentó* era exacto cumpridor dos seus deveres, e, como rendeiro, devia visitar o senhorio pelo Natal e pelo S. João, para demonstrar que se não pagava, nem por isso deixava de ser seu humilde servo.

E lá ia duas vezes por anno, tresandando a vinho, para manchar o soalho com as alpercatas enlameadas e repetir qua as cadeias são para os homens, fazendo sarilhos com a navalha. Era uma vingança de escravo, o amargo prazer do mendigo que comparece com os seus

pestilentos andrajos no meio d'uma festa de ricos.

Todos os labregos riam commentando o procedimento de *Pimentó* para com a senhoria.

E o valentão apoiava com razões o seu proceder. Por que é que havia de pagar? vamos a ver; por que? As suas terras já o avô as cultivava; por morte de seu pae, partilharam-n'as os irmãos a seu gôsto, seguindo o costume da aldeia, sem consultarem para nada o proprietario. Eram elles quem as amanhava, quem as fazia produzir, quem pouco a pouco deixava a vida sobre os seus torrões.

Pimentó, falando com vehemencia do seu trabalho, mostrava tal impudor, que alguns sorriam... D'accôrdo, elle não trabalhava muito porque era desembaraçado e conhecia a farça da vida. Mas, ás vezes, trabalhava, e era isto o bastante para que as terras fôsem com mais justiça d'elle que da tal senhoraça gorda de Valencia. Que viesse ella amanhá-las; que se agarrasse ao arado com todas as suas libras e as duas meninas dos lacinhos jungidas e puxando por elle, e então seria legitima dona.

As grosseiras chalaças do valentão faziam estrugir de riso os circumstantes. Toda aquella gente, que ainda conservava o máu sabor da renda de S. João, achava-lhe muita graça, por verem os senhorios tão cruelmente tratados. Ah! O caso do arado era muito chistoso; e cada qual imaginava estar a ver o respectivo senhorio, o pansudo e meticuloso jurista ou a altiva fidalgota, engatados á relha puxa que puxa, emquanto elles, os de baixo, os lavradores, brandiam o chicote.

E todos davam d'olho, riam, batiam palmas para exprimir o seu contentamento. Oh! Estava-se muito bem em casa de *Copa* ouvindo o *Pimentó*. Que lembranças que elle tinha!...

O marido de *Pepeta* poz-se porém sombrio,

e muitos notaram n'elle o olhar de través, esse olhar de homicida que conheciam de longa data na taberna, como signal indubitavel de aggressão imminente. A voz tornou-se-lhe rouca, como se todo o alcool que lhe inchava o estomago tivesse subido, qual onda inflammada, até a garganta.

Podiam rir-se até rebentar, porém esses risos seriam os derradeiros. A aldeia já não era a mesma que fôra durante dez annos. Os patrões, que eram timidos coelhos, estavam uns lobos intrataveis. Já tornavam a arreganhar os dentes. Até a senhoria se atrevera com elle, que era o terror de todos os proprietarios da aldeia! e na visita pelo S. João, chasqueou do seu dito das cadeias e até da navalha, annunciando-lhe que se preparasse para deixar as terras ou para pagar a renda, sem esquecer o atrasado.

E por que se endireitavam d'esta maneira? Porque já lhes não tinham medo... E por que não tinham medo? Christo! Porque já não estavam abandonadas as terras de *Barret*, aquelle espantallo de desolação que aterrava os senhorios e os fazia ser agradaveis e transigentes. Quebrara-se o encanto. Desde que um ladrão morto de fome conseguira impor-se a todos elles, os proprietarios riam-se, e querendo vingar se de dez annos de forçada mansidão, tornavam-se peores que o famoso D. Salvador.

— E' verdade... é verdade — diziam todos os da roda, apoiando as razões de *Pimentó* com furiosas cabeçadas.

Todos reconheciam que os patrões estavam outros, ao recordarem os pormenores da ultima entrevista; as ameaças de mandado de despejo, o recusarem-se a acceitar a renda incompleta, a expressão ironica com que lhe haviam falado das terras do *tio Barret*, outra vez cultivadas, apesar do odio de toda a aldeia. E agora, de re-

pente, após a aprazível quietação de dez annos de triumpho, com a renda esquecida e o senhorio debaixo dos pés; vinha o cruel esticção, o regresso a outros tempos, o achar-se amargo o pão e o vinho mais aspero, pensando no maldito semestre, e tudo por culpa de um intruso, de um piolhoso que nem sequer nascera na aldeia, e que cahira entre elles para lhes enredar o negocio e tornar-lhes mais difficil a vida. E ainda estava vivo esse malandro? Acaso não havia homens na aldeia?...

Adeus amizades recentes, respeitos nascidos junto do ataúde de uma infeliz creança! Toda a consideração creada pela desdita desmoronava-se como castello de cartas, desvanecia-se como ténue nuvem, reapparecendo de chofre o antigo odio, a solidariedade de toda a aldeia, que, ao combater o intruso, defendia a sua propria vida.

E em que momento resurgia a geral animosidade! Brilhavam os olhos fitos n'elle com o fogo do odio; as cabeças, perturbadas pelo alcool, pareciam sentir a fervura horrivel do homicidio; instinctivamente cresciam todos para Batiste, que começou a sentir-se empurrado de todos os lados como se o circulo se apertasse para devoral-o.

Estava arrependido de ter ficado. Não tinha medo, porém maldizia a hora em que se lembrou de ir á taberna, um sitio extranho, que parecia roubar-lhe a energia, a inteireza que o animava quando sentia debaixo dos pés as terras cultivadas á custa de tantos sacrificios e em cuja defesa estava prompto a perder a vida.

Pimentó, resvalando pelo declive da colera, sentia cahir de um jacto sobre o cerebro toda a aguardente bebida durante dois dias inteiros. Perdera a serenidade de ebrio inquebrantavel; levantou-se cambaleando e teve que fazer

um esforço para aguentar-se nas pernas. Os olhos estavam inflammados como se d'elles fôsse brotar sangue; a voz era arrastada, como se puxassem por ella, não a deixando sahir o alcool e a colera.

— Vae-te — disse imperioso a Batiste, avançando a mão ameaçadora até roçar-lhe na cara.

— Vae-te, senão mato-te.

Ir-se embora!... isso era o que desejava Batiste, cada vez mais pallido, mais arrependido de se ver alli. Elle, porém, percebia perfeitamente a significação d'aquelle imperativo *Vae-te* do valentão, apoiado pelas mostras de assentimento de todos os circumstantes.

Não lhe exigiam que fôsse embora da taberna, livrando-os da sua presença odiosa; ordenavam-lhe, com ameaça de morte, que abandonasse as suas terras, que eram como a carne do seu corpo; que perdesse para sempre a barraca onde morrera o pequenino, e na qual cada canto conservava uma recordação das luctas e alegrias da familia na sua batalha com a miseria. E de subito viu-se outra vez com todos os móveis no carro, errante pelas estradas, em busca do desconhecido para dedicar-se a outro modo de vida, levando como tetrica escolta a fome horrenda, que lhe iria pisando os calcanhares... Não! Elle fugia de questões; mas não haviam de tocar-lhe no pão dos seus.

Já não sentia inquietações. A imagem da familia faminta e sem poiso encolerisava o; até tinha desejos de acommetter aquella gente que lhe exigia semelhante monstruosidade.

— Não te vaes? — pergutava *Pimentó* cada vez mais rouco e ameaçador.

Não; não iria embora. Disse-o com a cabeça, com um sorriso de desprêzo, com o olhar de firmeza e de ameaça que fixou em todo o grupo.

— Malandro — rugiu o espadachim; e a sua mão cahiu sobre a cara de Batiste, vibrando uma terrivel bofetada.

Os circumstantes, como animados por esta aggressão, cresceram sobre o odiado intruso; porém, por cima da linha de cabeças, viu-se erguer-se um braço musculoso empunhando um tamborete de esparto, o mesmo talvez em que esteve sentado *Pimentó*.

Para o possante Batiste era uma arma terrivel aquelle assento de fortes travessas e grossos pés de alfarrobeira com arestas polidas pelo uso.

Rolaram mesa e cangirões de aguardente, o grupo fez-se atrás instinctivamente, aterrado pelo aprumo d'aquelle homem sempre tão pacifico que parecia agigantado pela ira, e antes que pudesse recuar mais outro passo, *trás!* soou um ruido como de bomba que rebenta e cahiu *Pimentó* com a cabeça partida.

Produziu-se no terreiro uma confusão indescriptivel.

Copa, que do seu covil parecia não dar por nada e era o primeiro a farejar as contendidas, ainda bem não tinha visto o tamborete no ar, puxou do cacete que tinha debaixo do mostrador, e, á paulada, limpou n'um abrir e fechar d'olhos a taberna de freguezes, fechando logo a porta, segundo o seu louvavel costume.

Continuou em desordem a gente no terreiro, rolaram as mesas, ergueram se páus e arrochos, pondo-se cada um em guarda contra o vizinho para o que desse e viesse; e no emtanto, o causador de todo o chinfrim, Batiste, conservava-se immovel, de braços cahidos, empunhando todavia o tamborete com manchas de sangue, assustado do que acabava de fazer.

Pimentó, de bruços no chão, queixava-se com lamentos que pareciam grunhidos, sahindo-lhe em borbotões o sangue da cabeça partida.

O *Terrerola* mais velho, com a fraternidade do ebrio, acudiu em auxilio do seu rival, fitando hostilmente *Batiste*. Insultava-o, procurando na cinta uma arma para feril-o.

Fugiam os mais pacatos pelos atalhos, voltando para trás a cabeça com amedrontada curiosidade, e os demais seguiam immóveis, na defensiva, capaz cada qual de despedaçar o vizinho sem saber por que, não querendo porém nenhum ser o primeiro na aggressão. Os páus continuavam erguidos, reluziam as navalhas nos grupos, mas ninguem se approximava de *Batiste*, que lentamente retrocedia de costas com o ensanguentado tamborete no ar.

Assim sahio do terreiro, olhando sempre com olhos de repto o grupo que rodeava o cahido *Pimentó*; gente afoita, mas que parecia dominada pela fôrça d'aquelle homem.

Ao ver-se no caminho, a alguma distancia da taberna, deitou a correr e, cêrca de casa, atirou para uma levada o pesado tamborete, fitando com horror a mancha escura do sangue sêcco.

X

Perdeu Batiste toda a esperança de viver tranquillo em suas terras.

Tornava a insurgir-se contra elle a aldeia em pêso. Mais uma vez tinha que isolar-se na barraca com a familia, viver em perpetuo vácuo, como um pestilento, como uma fera engaiolada, a quem todos mostravam de longe os punhos cerrados.

Contara-lhe a mulher, no dia seguinte, como conduziram para a barraca o ferido valentão. Elle mesmo, de sua casa, ouviu os gritos e as ameaças de toda a gente que acompanhava solícita o contundido *Pimentó*. . . Uma verdadeira manifestação. As mulheres, scientes da occorrença pela pasmosa rapidez com que na aldeia se transmittem as noticias, saham ao caminho para ver de perto o valente marido de Pepeta e carpil-o como a um heróe sacrificado pelo bem geral.

As mesmas que horas antes diziam d'elle cobras e lagartos, escandalisadas pela sua aposta de borrachão, carpiam-n'o, indagavam se o ferimento era grave, e clamavam vingança contra aquelle *morto de fome*, aquelle ladrão, que não contente com apoderar-se do que não era seu, ainda por cima intentava impôr-se pelo terror aggreindo os homens de bem.

Pimentó estava magnifico. Doía-lhe muito a pancada, andava apoiado aos amigos com a cabeça entrapada, feito um *ecce homo*, segundo informavam as indignadas senhoras-vizinhas; porém esforçava-se por sorrir e a cada excitação de vingança respondia com um gesto arro-

gante, affirmando que elle se encarregaria de castigar o inimigo.

Não duvidou Batiste de que aquella gente se vingaria. Conhecia o modo de proceder adoptado na aldeia. A justiça da cidade não se tinha feito para aquella terra; o degredo era coisa pouca, em se tratando de satisfazer resentimentos. Para que necessitava um homem de juizes, nem de Guarda civil, tendo boa pontaria e uma escopeta na barraca? As coisas dos homens devem resolvel-as os proprios homens.

E como toda a aldeia pensava assim, debalde passaram e tornaram a passar pelos caminhos, no dia immediato ao da desordem, dois envernizados tricornios, indo de casa de *Copa* á barraca de *Pimentó* e fazendo perguntas insidiosas á gente que estava nos campos. Ninguém tinha visto nada; ninguém sabia nada. *Pimentó* contava com gargalhadas brutaes, como elle mesmo partira a cabeça ao regressar da taberna, por effeito da aposta, que o fez andar em passo vacillante, esbarrando com as arvores do caminho, e os guardas civis tiveram de recolher ao quartel de Alboraya, sem tirarem nada a limpo dos vagos boatos de briga e sangue que chegaram até elles.

Esta magnanimidade da victima e dos seus amigos inquietava Batiste, que se decidiu a viver perpetuamente na defensiva.

A familia, qual medroso caracol, encafuou-se dentro da vivenda, fugindo do contacto com a aldeia.

Os pequenos não voltaram mais á escola, Roseta deixou de ir á fabrica e Batistet não dava um passo para além dos seus campos. O pae era o unico que sahia, mostrando-se tão confiado e tranquillo pela sua segurança como cuidadoso e prudente com os seus.

Não fazia, porém, nenhuma viagem á cidade

sem levar comsigo a escopeta, que dava a guardar a um amigo dos arrabaldes. Vivia em continuo contacto com a arma, a peça mais moderna de sua casa, sempre limpa, brilhante e acariciada com esse carinho de cabila que o lavrador valenciano sente pela escopeta.

Theresa estava tão triste como quando morreu o pequerrucho. Cada vez que via o marido limpando os dois canos da espingarda, substituindo os cartuchos ou manobrando a alavanca para inteirar-se de que abria com suavidade, surgia-lhe na memoria a imagem do degredo, a terrivel historia do *tio Barret*; via sangue e maldizia a hora em que se lembraram de ir estabelecer-se nas terras malditas. E depois, vinham as horas de inquietação pela ausencia do marido; as tardes tão compridas á espera do homem, que não chegava nunca, indo á porta da barraca para explorar o caminho, estremecendo cada vez que se ouvia ao longe algum tiro dos caçadores de pedreiros, julgando que era o comêço d'uma tragedia, o tiro que despedaçava a cabeça do chefe da familia ou o que o levava ao degredo. E quando por fim apparecia Batiste, gritavam os pequenos de alegria, sorria Theresa limpando os olhos, vinha a filha abraçar o pae e até o cão pulava junto d'elle, cheirando-o inquieto, como se farejasse na sua pessoa o perigo que acabava de arrostar.

E Batiste, sereno, firme sem arrogancia, rindo-se da inquietação da familia, cada vez mais afoito, á medida que decorria o tempo desde a famosa briga.

Considerava-se seguro. Emquanto trouxesse pendente do braço o magnifico passaro de duas vozes, como elle chamava á escopeta, podia andar tranquillamente por toda a aldeia. Indo em tão boa companhia, os amigos fingiam que o não conheciam. Até algumas vezes vira de longe *Pimentó*, que passeava pela aldeia, como

bandeira de vingança, a cabeça entrapada, e o valentão, apesar de restabelecido da pancada, fugia, temendo o encontro talvez mais que Batiste.

Todos o olhavam de revés, porém nunca ouviu dos campos proximos ao caminho uma palavra insultuosa. Voltavam-lhe as costas com desprezo; curvavam se sobre a terra e trabalhavam febrilmente até o perderem de vista.

O unico que lhe falava era o *tio Tomba*, o pastor louco que o reconhecia com os seus olhos sem luz, como se sentisse em redor de Batiste o ambiente da catastrophe. E sempre o mesmo... Não queria abandonar as terras malditas?

— Andas mal, filho meu; hão de acarretar-te desgraça.

Batiste acolhia com um sorriso a cantilena do velho.

Familiarisado com o perigo, nunca o temera menos do que agora. Até sentia certo gôso secreto provocando-o, caminhando direito para elle. A façanha da taberna modificara-lhe o character, d'antes tão pacifico e soffredor, despertando-lhe uma brutalidade jactanciosa. Queria demonstrar a toda aquella gente que não a temia, que assim como abrira a cabeça a *Pimentó* era capaz de andar ao tiro a toda a aldeia. Já que o levavam a isso, seria fanfarrão e jactancioso por algum tempo, afim de que o respeitassem, deixando-o depois viver tranquillo.

E, n'este perigoso empenho, até abandonou os seus campos, passando as tardes pelos corregos da aldeia com pretexto de caçar, mas realmente para exhibir a espingarda e a cara de poucos amigos.

Uma tarde, andando aos pedreiros no barranco de Carraixet, surpreendeu-o o crepusculo.

Os passaros teciam com inquieto vôo a sua

caprichosa contradansa, reflectindo-se nas tranquillias e profundas lagôas orladas de altos juncos. O mencionado barranco, que cortava a aldeia como uma profunda fenda, sombrio, de aguas estagnadas e putrefactas, com as lodosas margens onde baloiçava quasi enterrado algum bote apodrecido, offerencia um aspecto desolado e selvagem. Ninguem suspeitaria que detrás dos altos outeiros, para lá dos juncos e cannaviaes, estava a veiga com o seu ambiente risonho e as suas verdes perspectivas. Até a luz do céo parecia lugubre descendo ao fundo do barranco, coada pela bravia vegetação e reflectindo-se pallidamente nas aguas mortas.

Batiste passou a tarde atirando aos revoltosos pedreiros. Na cinta, havia já poucos cartuchos, e a seus pés, formando um montão de pennas ensanguentadas, tinha umas duas duzias de passaros. Que bella ceia!... como a familia ficaria contente!

Anoitecia no profundo barranco; das lagôas exhalava-se um vapor hediondo, a respiração venenosa da febre palustre. As rans coaxavam aos milhares como saudando as estrellas, contentes por não ouvirem já o tiroteio que lhes interrompia a cantilena e as obrigava a atirarem-se medrosamente de cabeça rompendo o polido crystal das aguas putrefactas.

Batiste pegou na enfiada de passaros e pendurou-a á cinta, e de dois saltos galgou a riba, mettendo pelos atalhos, de regresso á barraca.

O céo, impregnado ainda da ténue luz do crepusculo, tinha um suave tom de violeta; brilhavam as estrellas, e na immensa aldeia ouviam-se os mil ruidos da vida campestre antes de extinguir-se com a chegada da noite. Passavam pelos caminhos as cachopas que recolhiam da cidade, os homens que regressavam do campo, as cansadas alimarias puxando o

pesado carro, e Batiste respondia ao *boa noite!* de quantos transitavam perto d'elle, gente de Alboraya que o não conhecia ou não tinha os motivos dos seus comvizinhos para odial-o.

Deixou atrás o povoado, e conforme Batiste se dirigia para a sua barraca, accentuava-se cada vez mais a hostilidade; a gente topava com elle nos corregos sem dar-lhe as boas noites.

Entrava em terra estrangeira, e como soldado que se prepara para combater apenas atravessa a fronteira hostil, Batiste procurou na cinta as munições de guerra, dois cartuchos embalados, que elle proprio fabricara, e carregou a espingarda.

Ria-se o homemzarrão depois d'isto. Boa rociada de chumbo apanharia quem tentasse cortar-lhe o passo.

Caminhava sem pressa, tranquillo, como gosando o fresco d'aquella noite de verão. A sua serenidade, porém, não o estorvava de pensar no arriscado que era o andar pela aldeia a taes horas tendo inimigos.

O seu apurado ouvido de camponez julgou perceber um ruido na retaguarda. Voltou-se lesto, e á diffusa luz das estrellas pareceu-lhe ver um vulto negro desviando-se do caminho de sorrante e escondendo-se atrás d'um socalco.

Examinou Batiste a espingarda e, aperrando-a, aproximou-se lentamente d'aquelle sitio Ninguem... Apenas a alguma distancia lhe pareceu que as plantas ondulavam no escuro, como se um corpo se arrastasse por entre ellas.

Vinham-n'o seguindo; alguém tentava surprehendel-o traiçoeiramente pelas costas. Mas esta suspeita durou pouco. Talvez fôsse algum cão vadio que fugia quando elle se aproximava.

Emfim, o certo era que fugia d'elle, fôsse quem fôsse, e que nada tinha que fazer alli.

Seguiu para deante pela escura senda, caminhando devagarinho como homem que conhece o terreno com os olhos fechados e que, por prudencia, não deseja chamar a attenção. Conforme se approximava da sua barraca, sentia-se um tanto inquieto. Era aquella a sua zona, mas tambem estavam alli os seus mais encarniçados inimigos.

Alguns minutos antes de chegar á sua barraca, cêrca da granja onde as cachopas balhavam aos domingos, o caminho estrangulava-se formando várias curvas. De um lado havia a riba coroada por dupla fila de velhas amoreiras, do outro uma larga levada, cujas margens, em talude, estavam cobertas por espessos e altos cannaviaes.

Parecia na escuridão um bosque indiano, uma abobada de bambús arqueando se sobre o caminho. Este era alli escuro como breu, o massiço de cannas baloiçava-se com a aragem da noite, soltando um queixume dolente; parecia presentir-se a traição n'aquelle logar, tão fresco e ameno durante as horas de sol.

Batiste, chasqueando da sua inquietação, exaggerava o perigo imminente. Excelente sitio para lhe mandar um tiro pela certa! Se *Pimentó* andasse por alli, não desprezaria tão bella occasião.

E ainda bem não tinha dito isto, sahiu d'entre as cannas uma recta e fugaz lingua de fogo, uma setta vermelha que se dissipou produzindo um estampido; e passou sibilando o que quer que fôsse, junto d'uma orelha de Batiste. Atiravam-lhe... Instinctivamente agachou-se, querendo confundir-se com o negrume do chão, não offerecer alvo ao inimigo, e n'esse mesmo momento brilhou novo fogacho, souou outra detonação, misturando-se com os échos ainda vibrantes da primeira, e Batiste sentiu no hombro esquerdo uma impressão de garra,

uma especie de unha de aço que o arranhava superficialmente.

Mas não prestou grande atenção ao caso. Sentia uma alegria selvagem. Dois tiros... o inimigo estava desarmado.

— Christo! Agora apanho-te!

Metteu-se por entre as cannas, deixou-se escorregar pelo talude abaixo, e achou-se dentro de agua até a cintura, os pés no lodo e os braços erguidos, muito levantados, para impedir que se molhasse a espingarda, guardando com avareza os dois tiros até o momento de disparal-os pela certa.

Deante de seus olhos cruzavam-se as cannas formando abobada, quasi rente com a agua. Mais além, soava na escuridão um chapinhar surdo como se um cão fugisse pela levada abaixo... Estava alli o inimigo; a elle!

E começou uma correria louca, na profunda ribeira, ás apalpadelas, deixando as alpercatas enterradas no lodo do leito, com as calças pegadas á carne, encolhidas, pesadas, dificultando os movimentos, recebendo no rosto o açoite das cannas partidas, as arranhadelas das folhas tesas e cortantes.

Houve um momento em que Batiste julgou ver uma coisa negra que se agarrava ás cannas forcejando por trepar pela riba acima. Pretendia escapulir-se... fogo! As suas mãos, que sentiam o prurido do homicidio, metteram a espingarda á cara, puxou o gatilho... soou o tiro e cahiu o vulto na levada, debaixo d'uma chuva de folhas e cannas partidas.

A elle! a elle... Outra vez tornou Batiste a ouvir o chapinhar do cão fugitivo; agora, porém, com mais fôrça, como se precipitasse a fuga esporeado pela desesperação.

Foi uma vertigem aquella carreira através da escuridade, das cannas e da agua. Escorregavam ambos no macio solo, sem poderem agar-

rar-se ás cannas, para não largarem a espingarda; redemoinhava a agua batida pela desordenada correria, e Batiste, que cahiu de joelhos várias vezes, só pensou em estirar os braços para manter a arma acima da superficie, salvando o tiro que lhe restava.

E assim continuou a montaria humana, ás apalpadelas, na escuridão lugubre, até que n'uma volta da levada appareceram n'um espaço amplo, com as ribas limpas de cannas.

Os olhos de Batiste, habituados ao negrume da abobada, viram claramente um homem que, apoiando-se á espingarda, sahia cambaleante da levada, movendo com difficuldade as pernas carregadas de lama.

Era elle . . . elle! o mesmo de sempre!

— Ladrão . . . ladrão; não me escapas — rugiu Batiste, disparando o segundo tiro de dentro da levada, com a certeza do atirador que pode apontar bem e sabe que faz chacina.

Viu-o cahir de bruços, pesadamente, sobre a riba e gatinhar depois, para não rolar até a agua. Batiste quiz alcançal-o, mas com tanta precipitação, que foi elle quem, dando um passo em falso, cahiu ao comprido no meio da levada.

A cabeça submergiu-se-lhe no barro, tragando o liquido terroso e avermelhado; julgou morrer, ficar enterrado n'aquelle leito de lodo, e por fim, n'um maximo esforço, conseguiu endireitar-se, tirando para fora da agua os olhos cegos pelo limo, a bôcca que aspirava anhelante o ar da noite.

Apenas recobrou a vista, procurou o inimigo. Havia desaparecido.

Escorrendo lama e agua sahiu da levada, subiu a escarpa no mesmo sitio que o inimigo, mas não o viu, quando chegou acima.

Na terra sêcca notavam-se manchas escuras, e tocou-lhes com a mão: cheiravam a sangue. Já sabia, pois, que não errara o tiro. Mas em

vão procurou o adversario; desejava contemplar-lhe o cadaver.

Aquelle *Pimentó* tinha o coiro duro, e, largando sangue e lama, iria de rastos até casa. Talvez fôsse produzido por elle, um vago roçar que lhe parecia distinguir nos campos proximos como o de uma grande cobra arrastando-se pelos rêgos; por sua causa, é que decerto ladravam todos os cães, que povoavam a aldeia de desesperados latidos. Já o tinha ouvido arrastar-se do mesmo modo um quarto de hora antes, quando tentava sem dúvida matal-o pelas costas, e, ao ver-se descoberto, fugiu de gatas do caminho para postar-se mais além, no frondoso cannavial, e espial-o sem risco.

Batiste sentiu-se de subito tomado de medo. Estava só, no meio da veiga, completamente desarmado,—a espingarda, falta de cartuchos, não passava d'uma fragil maça. *Pimentó* não podia voltar, mas tinha amigos.

E dominado por subito terror, deitou a correr, procurando através dos campos o caminho que conduzia á sua barraca.

A veiga estremecia de sobresalto. Os quatro tiros no meio da noite agitaram os arredores. Ladravam os cães cada vez mais furiosos; entreabriam-se as portas de granjas e barracas deitando cá para fora negras figuras, que decerto não sahiam com as mãos vazias.

Com assobios e gritos d'alarme, entendiam-se os comvizinhos a grandes distancias. Tiros de noite podiam ser signal de fogo, de ladrões, quem sabe de que? seguramente de nada de bom; e os homens sahiam de suas casas dispostos a tudo, com a abnegação e solidariedade de quem vive no despovoado.

Batiste, assustado por este movimento, corria para a barraca, agachando-se várias vezes, para passar despercebido, acobertado pelos soccos ou pelas grandes colmeias de palha.

Já via a sua habitação com a porta aberta, illuminada, e no centro do vermelho quadro, os negros vultos da familia.

O cão farejava-o e foi o primeiro a saudal-o. Theresa e Roseta soltaram um grito de alegria.

— Batiste, és tu ?

— Pae ! pae ! . . .

E todos se lançaram para elle á entrada da barraca, debaixo da vetusta latada, através de cujas parras brilhavam as estrellas como pyrilampos.

A mãe, com o seu apurado ouvido de mulher, inquieta e sobresaltada pela demora do marido, ouvira ao longe, muito ao longe, os quatro tiros, e o coração deu-lhe um baque, como ella dizia. Toda a familia correra para a porta, devorando anciosa o escuro horizonte, convencida de que as detonações que alarmaram a veiga tinham alguma relação com a ausencia do pae.

Loucos de alegria ao vel-o e ouvir as suas palavras, não lhe repararam na cara manchada de terra, nos pés descalços, na roupa suja e a escorrer lama.

Empurravam-no para dentro. Roseta pendurava-se-lhe ao pescoço, suspirando amorosamente com os olhos ainda humidos.

— Pae . . . pae.

O pae, porém, não pôde conter um grito de soffrimento, um ai ! afogado e doloroso. Roseta apoiara um dos braços no hombro esquerdo d'elle, no mesmo sitio em que soffreu o arranhão da unha de aço e onde agora sentia um pêso cada vez mais esmagador.

Ao entrar na barraca e bater-lhe em cheio a luz da candeia, as mulheres e os rapazes soltaram um grito de assombro. Viram a camisa ensanguentada . . . e, além d'isso, o aspecto de foragido, como se acabasse de evadir-se de uma cadeia sahindo pela sentina.

Roseta e a mãe proromperam em gemidos. Rainha Santissima! Senhora e soberana! Ti-nham-n'õ matado!

Batiste, porém, que sentia no hombro uma dôr cada vez mais insupportavel, tirou-as das suas lamentações ordenando-lhes com modo brusco que vissem depressa o que elle tinha.

Roseta, mais animosa, rasgou a grossa e aspera camisa até deixar o hombro a descober-to... Que quantidade de sangue! A rapariga empallideceu, fazendo esforços para não des-maiar. Batistet e os pequenos começaram a chorar, e Theresa continuou a fazer alarido como se o esposo estivesse na agonia.

O ferido, porém, não estava para ouvir la-murias e protestou com rudeza. Menos chora-deiras; aquillo não era nada, a prova estava em que podia mover o braço, posto que cada vez sentia maior pêso no hombro. Seria, quando muito, uma arranhadura, uma esfarrapadela. Sentia-se demasiado forte, para que a ferida pudesse ser grave. Vamos... agua, pannos, com-pressas, a garrafa da arnica, que Theresa guar-dava na sua alcôva como precioso remedio... mexam-se! não era coisa para estarem todos a olhar para elle de bôcca aberta.

Theresa revolveu todo o quarto, rebuscando no fundo das arcas, rasgando lenços, fazendo compressas, enquanto a cachopa lavava e tor-nava a lavar os labios da ensanguentada brecha, que cortava como uma espadeirada o muscuroso hombro.

As duas mulheres atalharam como puderam a hemorrhagia, cobriram a ferida, e Batiste respirou com satisfação, como se já estivesse curado. Peores golpes se descarregaram sobre elle n'esta vida.

E poz-se a prégar aos pequenos que fôsem prudentes. De tudo quanto viram, nem uma palavra a ninguem. Eram coisas que convinha

esquecer. E o mesmo repetia a sua mulher, que falava em avisar o medico: equivalia a chamar a attenção da justiça. Curar-se-hia pouco a pouco, sósinho; a sua carnadura operava milagres. O importante era que ninguem se intromettesse no que tinha acontecido lá em baixo. Quem sabe como estaria áquellas horas... o outro?

Emquanto a mulher o ajudava a mudar de roupa e fazia a cama, Batiste contou-lhe tudo o que se passou. A mulher abria os olhos com expressão de espanto, suspirava, pensando no perigo arrostado pelo marido, e deitava olhares inquietos para a cerrada porta da barraca, como se por ella fôsse infiltrar-se a Guarda civil.

Batistet, no emtanto, com prudencia precoce, pegava na espingarda e, á luz da candeia, enxugava-a, limpando os canos, esforçando-se em apagar d'ella todo o signal de uso recente, para o que desse e viesse.

A noite foi má para toda a familia; Batiste delirava, tinha febre, agitava-se furioso como se ainda corresse pelo leito da levada á caça do homem, assustando com os gritos os pequenos, que não podiam dormir, e as mulheres, que passaram a noite toda em claro, sentadas junto da cama, offerecendo-lhe a cada instante agua com assucar, unico remedio caseiro que conseguira inventar.

No dia seguinte, esteve a barraca com a porta encostada toda a manhã. O ferido parecia achar-se melhor: os rapazes, com os olhos vermelhos do somno, permaneciam immóveis no curral, sentados no esterco, seguindo com attenção estúpida todos os movimentos dos animaes que alli se creavam.

Theresa espreitava a veiga pela porta entreaberta e entrava depois no quarto do marido... Que quantidade de gente! Todos os dos arredores passavam pelo caminho em direcção á barraca de *Pimentó*; via-se em volta d'ella

um formigueiro de homens. E todos com o semblante torvo, tristonhos, falando aos berros, com energicos gestos, deitando de longe olhares de odio á antiga barraca de *Barret*.

Batiste acolhia com grunhidos estas noticias. Esgaravatava-lhe o peito o que quer que fôsse que o incommodava. O movimento da veiga para a barraca do seu inimigo, era que *Pimentó* achava-se mal; talvez que estivesse á morte. Tinha a certeza de que lhe metterá no corpo as duas balas da sua espingarda.

E, agora, que viria a acontecer? Morreria no degredo como o infeliz *tio Barret*?... Não; respeitar-se-hiam os costumes da aldeia, a fé na justiça pelas proprias mãos. Calar-se-hia o agonisante deixando aos amigos, aos *Terrerolas* ou a outros, o encargo de o vingarem. E Batiste não sabia qual temer mais, se a justiça da cidade ou a da aldeia.

Começava a cahir a tarde, quando o ferido, desprezando as instancias e rogos das duas mulheres, saltou pela cama fora.

Abafava; o seu corpo de athleta, habituado á fadiga, não podia resistir a tantas horas de immobibilidade. O pêso do hombro obrigava-o a mudar de posição como se d'este modo pudesse furtar-se á dôr.

A passo vacillante, entorpecido pelo repouso, sahiu da barraca sentando-se debaixo da latada, no banco de tijolo.

Estava desagradavel a tarde, soprava um vento demasiado fresco para a estação; plumbeas nuvens cobriam o sol e por baixo d'ellas coava-se a luz, fechando o horizonte, como um panno de ouro pallido.

Batiste olhava vagamente para os lados da cidade, dando as costas á barraca de *Pimentó*, que se via agora claramente, por estarem despojados os campos das cortinas de douradas messes que a occultavam antes da ceifa.

Notava-se no ferido o impulso da curiosidade e o receio de ver demasiado; mas, porfim, foi vencida a vontade, e lentamente voltou os olhos para a casa do seu inimigo.

Sim; muita gente pullulava deante da porta: homens, mulheres, creanças; toda a veiga, que corria anciosa a visitar o seu cahido libertador.

Como devia odial-o aquella gente!... Estavam longe, e todavia adivinhava que o seu nome era pronunciado por todas aquellas bôccas: no zumbido dos seus ouvidos, no latejar das suas fontes abrazadas pela febre, julgava perceber o sussurro ameaçador d'aquelle vespeiro.

E, comtudo, tambem sabia que elle não fizera mais do que defender-se; que apenas desejava manter os seus sem causar damno a ninguem. Que culpa tinha elle de andar á bulha com uma gente que, como dizia D. Joaquim o mestre-escola, era muito boa, mas muito besta?

Findava a tarde; o crepusculo peneirava sobre a veiga uma luz cinzenta e triste. O vento, cada vez mais forte, trouxe até a barraca um longinquo echo de lamentos e vozes furiosas.

Viu Batiste remoinhar a gente na porta da distante barraca; viu tambem braços erguidos com expressão de dôr, mãos crispadas que arrancavam o lenço da cabeça e o atiravam enraivecidas ao chão.

O ferido sentiu que todo o seu sangue lhe affluia ao coração, que este se conservava paralyzado alguns instantes para depois pulsar com mais fôrça, fazendo-lhe subir ao rosto uma onda vermelha e ardente.

Adivinhava o que se passava lá ao longe: dizia-lh'o o coração. *Pimentó* acabava de morrer.

Batiste sentiu frio e medo, uma sensação de fraqueza como se de repente o abandonassem todas as suas fôrças; e metteu se em casa, não respirando tranquillo emquanto não viu a porta fechada e a candeia accesa.

A veladura foi lugubre. O somno derreava a familia, rendida de cansaço pela vigilia da noite anterior. Mal cearam, metteram-se todos na cama, ainda não eram nove horas.

Batiste sentia-se melhor da ferida. Diminuia o pêso no hombro, já o não dominava a febre; mas agora tinha uma dôr extranha no coração.

Na escuridade da alcôva e acordado ainda, via surgir uma figura pallida, indeterminada, que pouco a pouco tomava contôrno e côr até ser *Pimentó* tal como o vira nos ultimos dias, com a cabeça entrapada e o gesto ameaçador de quem é pertinaz na vingança.

Incommodava-o a visão e cerrava os olhos para dormir. Escuridão absoluta, o somno ia apoderando-se d'elle, mas os cerrados olhos começavam a povoar o denso negrume de pontos vermelhos que se avolumavam formando manchas de várias côres; e essas manchas, depois de fluctuarem caprichosamente, juntavam-se, amalgamavam-se e outra vez *Pimentó*, que se approximava d'elle lentamente com a cautela feroz d'uma má rez que fascina a sua victima.

Batiste esforçava-se por libertar se do pesadelo.

Não dormia, não; ouviu o resonar da mulher adormecida junto d'elle e dos dois filhos exaustos de cansaço, e ouvia-o cada vez mais fundo, como se uma fôrça mysteriosa levasse a barraca para longe, muito longe; e elle alli, inerte, sem poder mover-se, por mais esforços que tentasse, vendo o rosto de *Pimentó* junto ao seu, sentindo no nariz a respiração quente do seu inimigo.

Pois não morrera?... O seu embotado pensamento formulava esta pergunta, e após muitos esforços respondia a si mesmo que *Pimentó* morrera. Já não tinha, como antes, a cabeça partida; agora mostrava o corpo rasgado por duas feridas, que Batiste não podia apreciar

em que logar estavam ; mas eram duas feridas, que abriam os labios violaceos como inexgotáveis fontes de sangue. Os dois tiros de espingarda ; já o sabia ; elle não era dos atiradores que erram.

E o phantasma, envolvendo-lhe o rosto com a sua respiração ardente, deixava cahir sobre elle um olhar que lhe traspassava os olhos e descia até arranhar-lhe as entranhas.

— Perdôa, *Pimentó!* — gemia o ferido com infantil tremor, aterrado pelo pesadelo.

Sim ; devia perdoar-lhe. Matara-o, era verdade ; mas elle foi quem primeiro o provocou. Vamos, os homens que são homens devem ser razoaveis ! Elle é que tinha a culpa.

Os mortos, porém, não curam de razões, e o espectro, procedendo como um bandido, sorria ferozmente, e, de um salto, collocou-se na cama, sentando-se em cima d'elle, carregando-lhe na ferida do hombro com todo o seu pêso.

Batiste gemeu dolorosamente, sem poder mover-se para repellir aquella mole. Procurava enternecel-o chamando-lhe Toni, com familiar carinho, em vez de tratá-lo pela alcunha.

— Toni ; fazes-me mal.

Isso era o que desejava o phantasma, fazer-lhe mal. E parecendo-lhe ainda pouco, com o seu olhar arrancou-lhe os pannos e compressas da ferida, que voaram e desappareceram, e depois enterrou as unhas crueis no rasgão da carne, e puxou-lhe pelos bordos fazendo-o rugir de dôr.

— Ai ! . . . ai ! . . . *Pimentó,* perdôa.

E era tal a sua dôr, que os estremecimentos, subindo-lhe pelas costas até a cabeça, ouriçavam seus rapados cabellos, fazendo-os crescer e enroscar-se com a contracção da angustia até se converterem em horrivel madeixa de serpentes.

Aconteceu então uma coisa horrivel. O phantasma, agarrando-o pela extranha cabelleira, acabou por falar.

— Vem . . . vem — dizia, puxando por elle
Arrastava-o com sobrehumana ligeireza, levava-o voando ou nadando, isso não sabia elle, através de um elemento leve e escorregadio, e assim fôram os dois vertiginosamente, deslizando na sombra, até uma mancha vermelha que se notou ao longe, muito ao longe.

A mancha augmentava de tamanho, tinha uma forma parecida com a porta da sua alcôva, e sahia por ella um fumo denso, nauseabundo, um fetido de palha queimada que o não deixava respirar.

Devia ser a bôcca do inferno ; alli o atiraria *Pimentó*, na immensa fogueira cujo resplendor inflammava a porta. O medo venceu-lhe a paralytia. Deu um espantoso grito, moveu por fim os braços, e com um terrivel safanão mandou para longe de si *Pimentó* e a extranha cabelleira.

Tinha os olhos bem abertos e já não via o phantasma. Havia sonhado, era sem dúvida o pesadelo da febre ; agora tornava a ver-se na sua cama com a desditosa Theresa, a qual, vestida, resonava afadigadamente a seu lado.

Mas não : o delirio continuava. Que luz extranha illuminava a sua alcôva ? Via ainda a bôcca do inferno, que era egual á porta do seu quarto, soltando fumo e avermelhado resplendor. Estaria dormindo ? . . . Esfregou os olhos, mexeu os braços, endireitou-se na cama . . . não : estava accordado e bem accordado.

A porta parecia cada vez mais vermelha, o fumo mais denso, ouviu surdos estalidos como de cannas que crepitam lambidas pelas chamas, e até viu dansar as faúlhas agarrando-se como môscas de fogo á cortina de cretone que resguardava o quarto. Ouviu um latido desesperado, interminavel, como uma sineta desvairada tocando a rebate.

— Santo Deus ! . . . A convicção da realidade assaltando-o repentinamente enlouqueceu o.

— Theresa! Theresa!... Levanta-te!

E do primeiro empurrão atirou-a para fora da cama. Depois correu ao quarto dos pequenos e ás pancadas e gritos tirou-os em camisa, como um rebanho idiota e assustado que corre adiante do cajado sem saber para onde vae. Já ardia o tecto do quarto, arremessando sobre a cama um ramalhete de faúlhas.

Batiste, cego pelo fumo, contando os minutos como seculos, abriu a porta e por ella sahio louca de terror toda a familia em trajos menores, correndo até o caminho.

Alli, um pouco mais serenos, contaram-se.

Todos; estavam todos, até o pobre cão, que uivava tristemente olhando a barraca incendiada.

Theresa abraçou sua filha, que, esquecendo o perigo, tremia de vergonha ao ver-se em camisa no meio da aldeia, e sentava-se n'um socalco com o medo do pudor, apoiando o mento nos joelhos e puxando o branco lenço para que lhe cobrisse os pés.

Os dois pequenos refugiavam-se amedrontados nos braços do irmão mais velho, e o pae agitava-se como um doido bramindo maldições.

Corja! E que bem que souberam fazel-a. Puzeram fogo á barraca pelas quatro faces, toda ella ardia de golpe; até o curral com a respectiva cavallariça e ramadas estava coroadado de chammas.

Sahiam de lá relinchos desesperados, cacarejos de terror, grunhidos ferozes; porém a barraca, insensivel aos lamentos dos que se assavam nas suas entranhas, continuava expellindo curvas linguas de fogo pela porta e janellas, e da sua incendiada cobertura elevava-se uma espiral enorme de branco fumo, que com o reflexo do incendio tomava transparencias de rosa.

Mudara o tempo; a noite era tranquilla, não soprava vento, e o azul do céu estava apenas empanado pela columna de fumo, entre cujos brancos cumulus appareciam curiosas as estrellas.

Theresa luctava com o marido, que voltando a si da dolorosa surpresa e aguilhoadado pelo interesse, que faz commetter temeridades, queria entrar n'aquelle inferno. Um momento apenas; o necessario para tirar da alcôva o saquitel da prata, o producto da colheita.

Ahi, boa Theresa! Já não era preciso conter o marido soffrendo os seus fortes empurrões. Uma barraca arde depressa; a palha e as canas amam o fogo. O colmado veio abaixo com estrondo, aquelle colmado altaneiro que os vizinhos fitavam como um insulto; e do enorme braseiro subiu uma columna espantosa de faúlhas, a cuja incerta e vacillante luz parecia agitar-se a aldeia com phantasticos esgares.

As paredes do curral abalavam surdamente como se dentro d'ellas se agitasse dando golpes uma legião de demonios. Como ramalhetes de fogo saltavam as aves que tentavam voar ardendo vivas.

Cahiu um pedaço de muro de terra e estacas, e pela negra brecha sahiu como uma centelha um monstro espantoso, expellindo fumo pelas ventas, agitando a crina faiscante, sacudindo a cauda desesperado como vassoura de fogo, que fedia a cabello queimado.

Era o rocim. Passou com prodigioso salto por cima da familia, correndo allucinado pelos campos, procurando instinctivamente a levada, onde se atirou com uma chiada de ferro que se apaga.

Atrás d'elle, arrastando-se como um demonio ebrio, soltando espantosos grunhidos, sahiu outro espectro de fogo, o porco, cahindo no meio do campo como uma tocha de sebo.

Finalmente, só estavam de pé as paredes e a parreira com os seus sarmentos retorcidos pelo incendio, e os esteios, que avultavam como traços de tinta sobre o fundo vermelho.

Batistet, na ancia de salvar alguma coisa, corria desordenadamente pelos corregos, gritando, batendo ás portas das barracas vizinhas, que pareciam pestanejar com o reflexo do incendio.

— Soccorro! Acudam!... ha fogo!... ha fogo!...

A voz perdia-se-lhe, accordando o echo funebre das ruinas e dos cemiterios.

O pae sorria cruelmente. Em vão chamava. A aldeia estava surda para elles. Dentro das brancas barracas havia olhos que espreitavam curiosos pelas frinchas, talvez bôccas que riam com prazer infernal, mas nem uma voz generosa que dissesse: "Cá estou eu!"

O pão!... muito custa ganhá-lo! E muito máus faz os homens!

N'uma barraca brilhava uma luz pallida, amarellada, triste. Theresa, atordoada pela desgraça, queria ir lá implorar soccorro, na esperança do auxilio alheio. d'essa especie de milagre por que se anceia na desventura.

Deteve-a o marido com expressão de terror. Não; alli não. A toda a parte, menos alli.

E como homem que cahira tão fundo, tão fundo que já não pode sentir remordimentos, apartou a vista do incendio para fixal-a n'aquella luz macilenta, amarella, triste; luz de cirios que ardem sem brilho, como alimentados por uma atmospherá em que se percebe ainda o revoar da morte.

Adeus, *Pimentó!* Deixavas o mundo satisfeito. A barraca e a fôrtauna do odiado intruso alumiaavam com alegre resplendor o teu cada-ver melhor que os cirios comprados pela consternada Pepeta, amarellentas lagrimas de luz.

Batistet regressava desesperado de uma inutil correria. Ninguém respondera.

A veiga, silenciosa e taciturna, despedia-os para sempre.

Estavam mais sós que no meio de um deserto; o vácuo do odio era mil vezes peor que o da natureza.

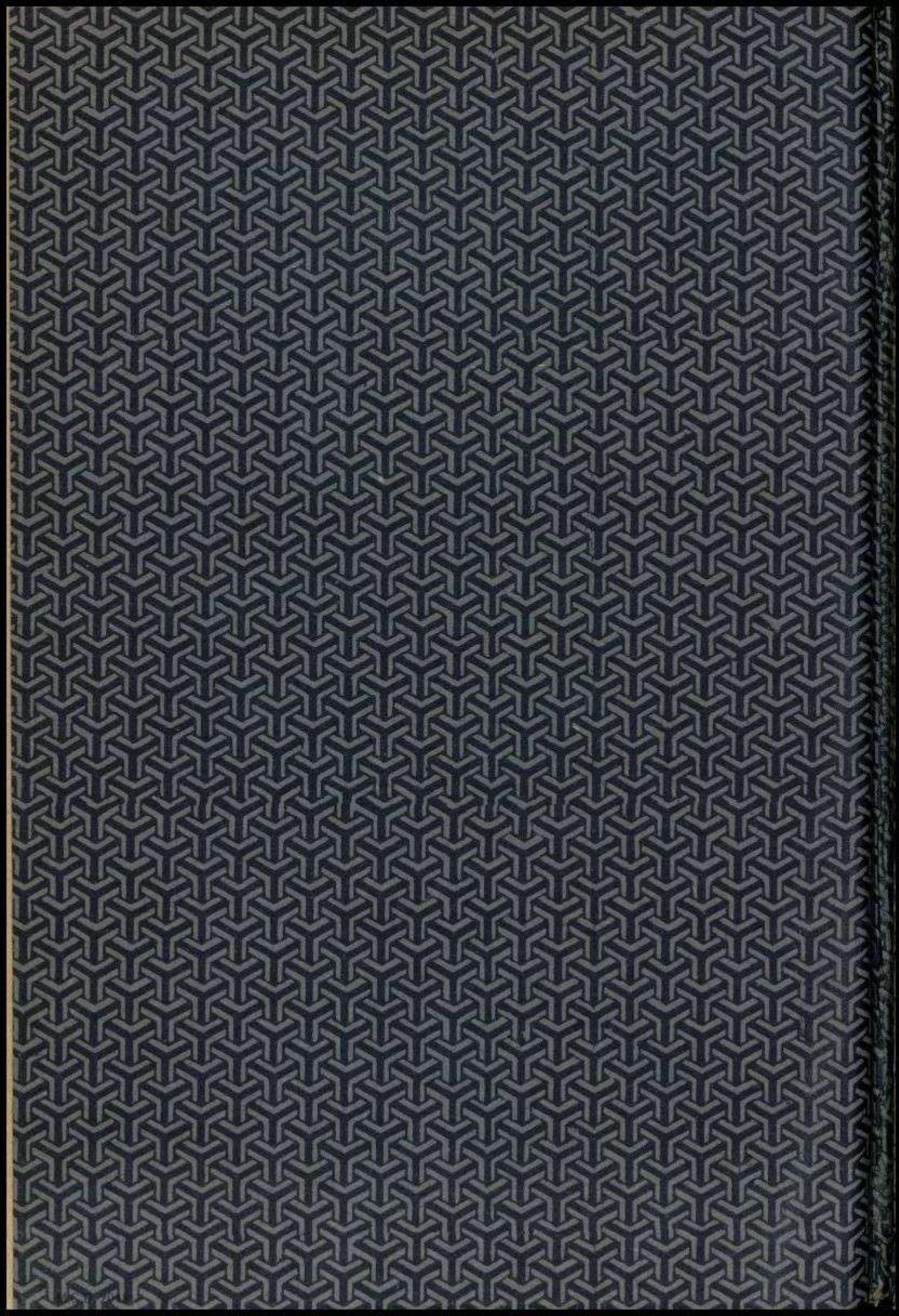
Fugiriam d'alli para começar outra vida, sentindo a fome atrás d'elles pisando lhes os calcanhares; deixariam no seu coice a ruina do trabalho e o corpinho de um dos seus, do desditoso anjinho, que se decompunha nas entranhas d'aquella terra, como victima innocente da desassisada batalha.

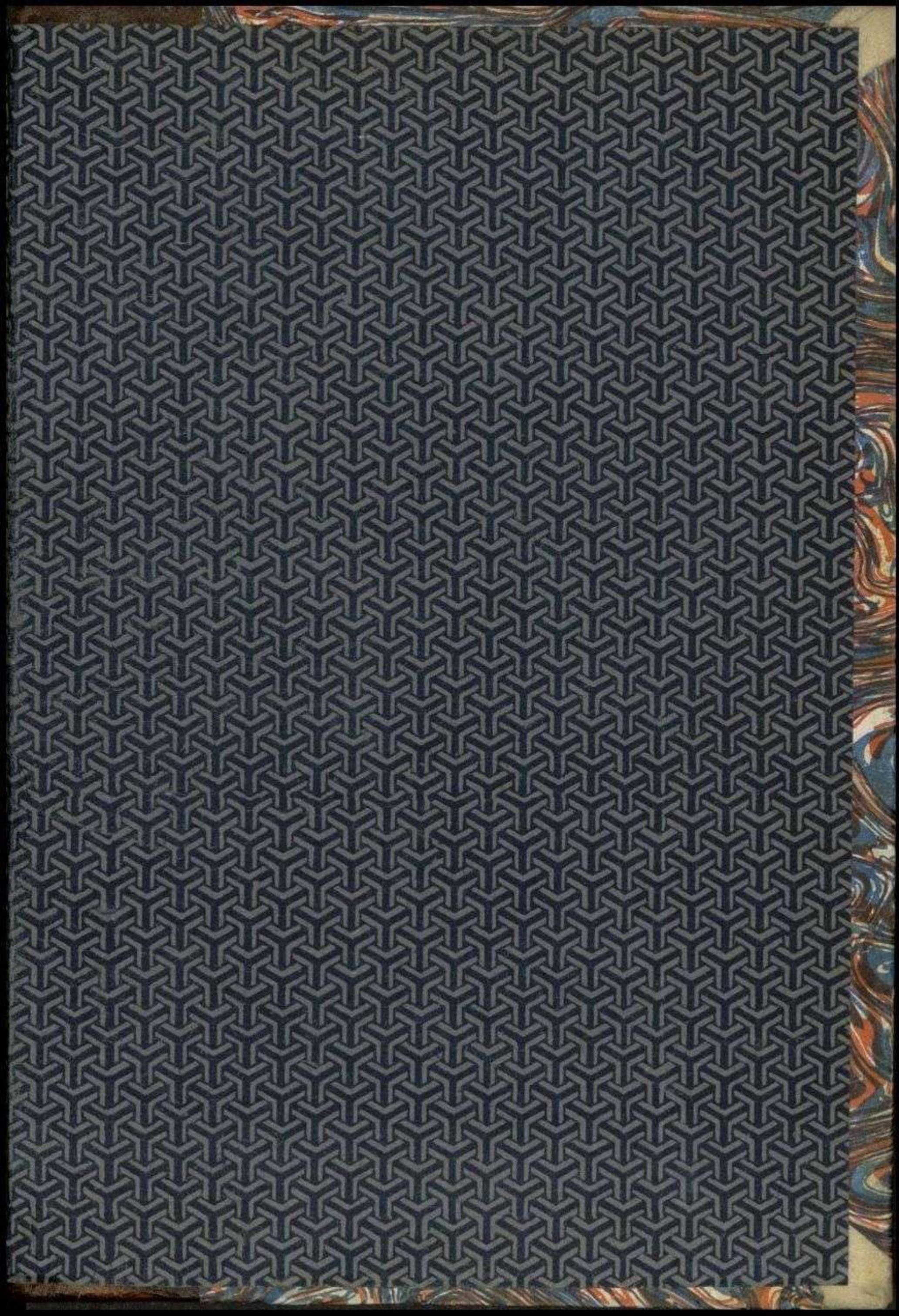
E todos, com resignação oriental, sentaram-se no socalco e alli aguardaram o dia, com as costas transidas de frio, tostados por deante pelo braseiro, que lhes tingia a cara estonteada com reflexos de sangue; seguindo com a inquebrantavel passividade do fatalismo o curso do fogo, que devorava todos os seus esforços convertendo-os em faúlhas tão fugidias e ténues como as suas antigas illusões de paz e de trabalho.

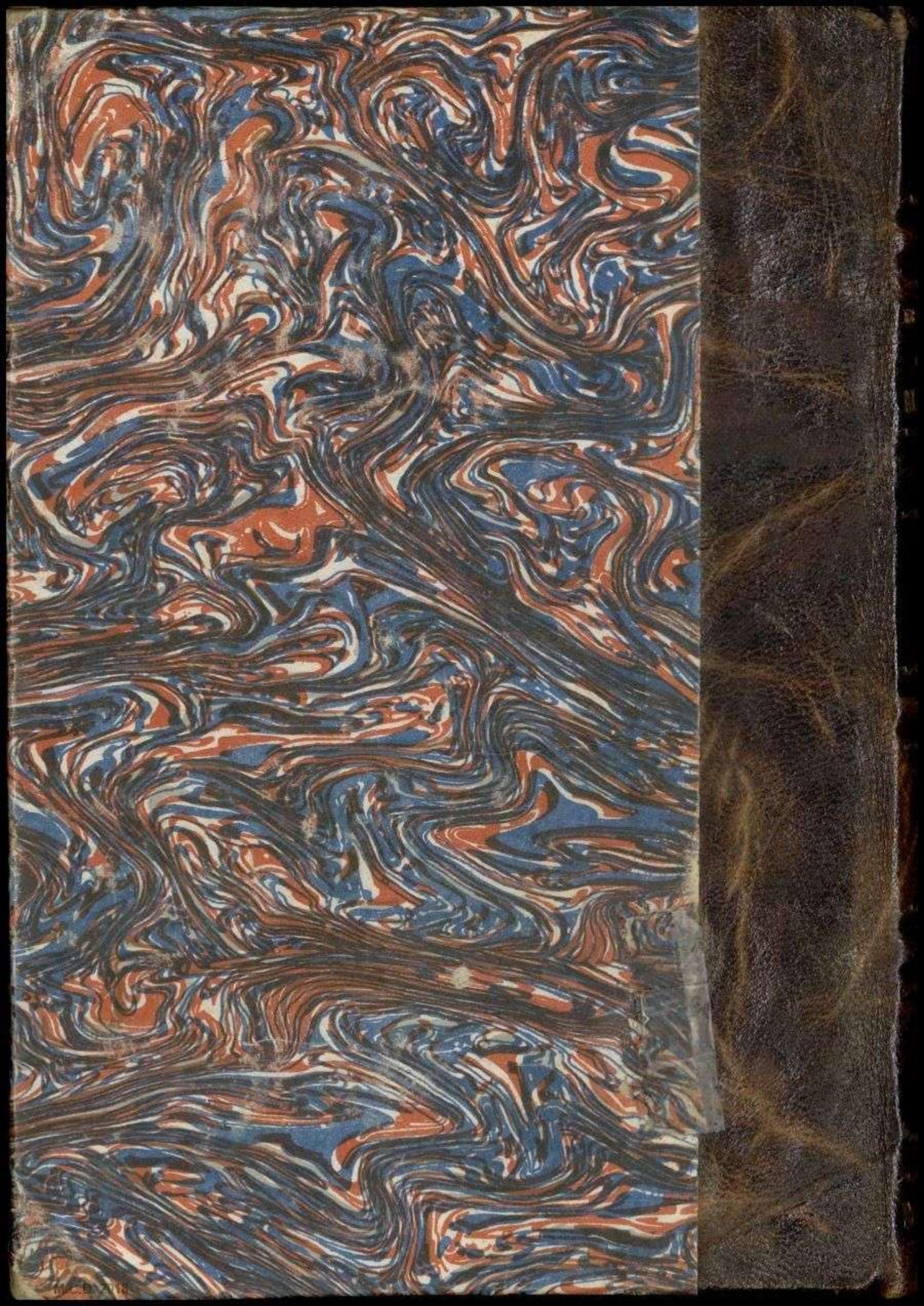
FIM











153



FRANCO

TERRAS
MADITAS



B



as sombras como que tragadas pelos abertos sulcos e massas de folhagem, e na indecisa nebrina do amanhecer, iam fixando seus contornos humidos e brilhantes as filas de amoreiras e arvores de fructo, as ondulantes linhas de cannas, as grandes leiras de hortaliças semelhantes a enormes lenços verdes, a terra vermelha cuidadosamente lavrada.

Nos caminhos, marcavam-se filas de pontos negros e móveis como carreiros de formigas que caminhavam para a cidade. Por todos os extremos da veiga soava o chinar de rodas, canções preguiçosas interrompidas pelo grito do tanger das bestas, e de vez em vez, como sonora buziada do amanhecer, rasgava o espaço um furioso zurro do quadrupede pária, como protesto do pesado trabalho que cahia sobre elle, apenas era nado o dia.

Nos ribeiros, agitava-se a limpida lâmina de crystal avermelhada com sonorosos marulhos, que faziam calar as rãs e o ruidoso bater de azas; e como galeras de marfim, avançavam os patos, movendo, quaes phantasticas prôas, seus collos de serpente.

A vida, que com a luz inundava a veiga, penetrava no interior das barracas e das granjas.

Chiam as portas ao abrirem-se, viam-se sob as latadas figuras brancas espreguiçando-se de mãos atrás da nuca olhando o illuminado horizonte; escancaravam-se de par em par os estabulos vomitando para a cidade as vaccas leiteiras, os rebanhos de cabras, as azemolas dos estrumeiros; detrás das cortinas de piteiras que guarneçiam os caminhos, vibravam chocalhos e campainhas, e entre a alegre guizalhada soava o energico *arre, aqui!* animando as alimarias teimosas.

A's portas das barracas saudavam-se os que iam para a cidade e os que ficavam a trabalhar nos campos.

— Bom dia nos dê Deus!

— Bom dia!

E atrás d'esta saudação, trocada com gravidade de gente campezina que veias sangue mourisco e só pode falar com modo solemne, fazia-se o silencio passava era um desconhecido; e se encarregavam-n'o da compra, em Va miudezas para a mulher e para casa.

Era já dia claro.

Limpara-se o espaço das ténues transpiração nocturna dos humidos dos rumorosos ribeiros; ia rompendo avermelhadas regueiras saltavam as com a alegria de viverem mais um travessos pardaes, poisando nas jane fechadas, debicavam a madeira, dizendo estava dentro com o seu chilreio de dos parasitas: "Arriba, preguiçosos amanha a terra para nós comermos!"

Na barraca de Toni, conhecido em t dondeza por *Pimentó*, acabava de en mulher Pepeta, resistente creatura alvacenta e flaccida em plena juven nada pela anemia e que era sem en femea mais trabalhadeira de toda a a

Ao amanhecer, estava já de volta do Erguia-se ás tres, carregava com as giga taliça colhida por Toni na noite anteri pragas e promessas contra uma má que tanto se trabalha, e seguindo ás a las pelos carreiros, guiando-se na e como boa filha da aldeia, caminhava lencia, emtanto que o marido, aquelle b que tão caro lhe custava, continuava no confortavel ninho, muito bem acom nas mantas do leito matrimonial.

Os que compravam a hortaliça po para revender, conheciam bem aquella zinha, que, antes de amanhecer, esta

X-rite ColorChecker® Color Rendition Chart

